China: prioridade aos mísseis de médio alcance (pág. 16)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 26 DE MARÇO DE 1971 N.º 17 334 ANO 50.º PREÇO 1$50

LEITOR DO DIÁRIO DE LISBOA

este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos $$$

LEITOR DO Diário de Lisboa

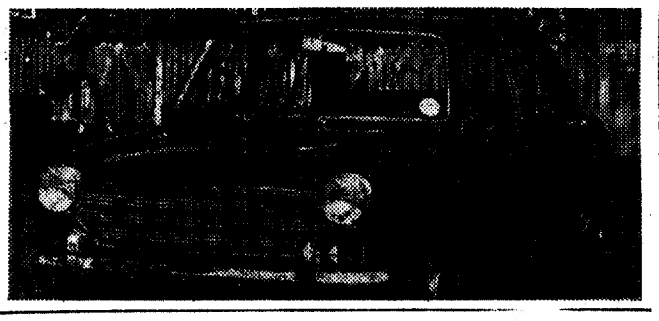
SOB O SIGNO DE FÉRIAS

Este é o conjunto habitacional onde se situa o andar que constitui o 1.º prémio da nossa iniciativa, prémio do qual também faz parte um automóvel «Morris 1300» igual ao reproduzido na gravura ao lado

Já o tínhamos dado a entender, mas apenas superficialmente — a iniciativa que acabamos de revelar aos nossos leitores foi concebida e criada sob o signo de férias, já que se destina, principalmente, a proporcionar-lhes férias mais ricas, tanto sob o aspecto de experiência humana, como sob o aspecto material pròpriamente dito.

Para começar, os três prémios que vêm à cabeça da lista agora ins-

(Continua na pág. seguinte)



Foram entregues os galardões do Grande Prémio de Publicidade promovido pelo «Diário de Lisboa»

Num ambiente informal e de grande cordialidade foram ontem entregues, no decorrer de um jantar realizado no Restaurante Tavares, os galardões do Grande Prémio de Publicidade do «Diário de Lisboa».

Criado em 1968 com o objectivo de distinguir os melhores anúncios publicados na Imprensa, tendo em vista a sua qualidade artística e gráfica, impacto junto do público, valor criativo e mensagem publicitária, o «Grande Prémio de Publicidade» tornou-se uma das mais expressivas realizações do «Diário de Lisboa», registando a completa adesão dos sectores profissionais e artísticos ligados a esta importante actividade.

Independentemente dos sistemas económicos que sirva e dos contextos sociais em que esteja enquadrada, a publicidade é hoje uma das mais importantes forças impulsionadoras do progresso económico, dinamizando actividades, indústrias e serviços que, apesar de imprescindíveis, sem o seu apoio seria impossível atingirem o pleno desenvolvimento e crescerem de acordo com as metas impostas pelo planeamento da economia moderna.

A simples observação estatística das verbas investidas em publicidade nos diferentes países permite avaliar e escalonar, com o mais perfeito rigor, o seu grau

(Continua na 19.ª página)

HOJE 36 PAGS. VISADO PELA CENSURA

O director do «Diário de Lisboa», dr. António Pedro Ruella Ramos, saúda os directores das agências publicitárias

GUERRA CIVIL NO PAQUISTÃO

— anuncia uma agência indiana

NOVA DELHI, 26 — (F. P.) — «Rebentou a guerra civil no Paquistão Oriental», afirmou hoje um telegrama da agência noticiosa indiana, Press Trust of India», difundido desde Calcutá.

A agência indiana fundamenta a sua informação em «relatos de fonte autorizada obtidos hoje em Calcutá».

(LER NA PÁG. 17)

Estão muito adiantados os trabalhos do Plano de Rega do Alentejo (2.ª fase)

visitados hoje pelo ministro e secretário de Estado das Obras Públicas

BEJA, 26 — (*Do nosso enviado especial*) — O ministro das Obras Publicas e das Comunicações e o secretário de Estado das Obras Publicas visitaram hoje as obras das barragens do Monte da Rocha, no Alto Sado e de Odivelas, as quais fazem parte da segunda fase do Plano de Rega do Alentejo e estão em adiantada fase de construção. Os dois aproveitamentos destinam-se á rega de 7400 hectares de várzea.

Acompanharam os eng.os Rui Sanches e Pinto Eliseu, o presidente do conselho superior das Obras Publicas, eng.º Mesquita Lima, e outros altos funcionários daquele ministério.

Pelas 10 horas, os dois membros do Governo e comitiva chegaram a Alvalade, tendo a visita começado pela futura sede da Associação dos Regentes e Beneficiários de Campilhos e Alto Sado. Após breve explicação sobre o esquema da obra, feita pelo sr. eng.º Palma Carlos, os visitantes dirigiram-se para a barragem do Monte da Rocha. Durante o percurso foram observados diversos elementos da obra, como a ponte-canal do Faial com 1137 metros de desenvolvimento presentemente com todos os seus pilares já construídos e em fase de construção da sua caleira em secção trapezoidal; diversos aspectos do 4.º troço do canal condutor-geral, já construído e em fase de acabamento e a ponte-canal das Daroeiras, no 3.º troço do canal condutor-geral, com 1215 metros de extensão, dos quais cerca de 500 metros já concluídos e os restantes em fase de construção nomeadamente da caleira de secção trapezoidal.

A visita às obras do aproveitamento do Alto Sado

Acompanhados agora pelo governador civil de Beja e por outras individualidades o ministro e o secretário de Estado das Obras Publicas chegaram cerca do meio-dia á barragem do Monte da Rocha, onde os aguardava o engenheiro superior do Sado, desde Carvalho. A visita começou pelos trabalhos em curso e que se podem considerar praticamente concluidos. A albufeira já está a encher e a respectiva inauguração oficial deverá ser feita ainda este ano. A barragem, cujo custo total é da ordem dos 2500 contos, destina-se a regar 3600 hectares de várzeas em curso superior ao Sado, desde Torre Vã até Alvalade e reforçará a garantia de rega de 200 hectares de terras já regadas pela albufeira de Campilhos, por se ter estabelecido a ligação entre estas duas obras.

Para esse efeito, criou-se no rio Sado uma albufeira de 246 quilómetros quadrados de bacia de recepção e 1100 hectares de área inundada, tendo 104,5 milhões de metros cúbicos de capacidade, com 99,5 milhões susceptíveis de utilização na rega por gravidade. O represamento desta água foi obtido com a construção de uma barragem de terra, localizada a cerca de 4 quilómetros a sul da povoação de Panóias

Depois da passagem pelo coroamento da barragem que se encontra em conclusão no seu troço que interessa o Vale Principal, seguiu-se a visita á torre de manobra das comportas da tomada de água, do descarregador de superfície em poços e aos acessos á camara de manobra das comportas da descarga de fundo e á galeria de visita do muro corta-águas, com 670 metros de comprimento. Na execução da barragem foram colocados cerca de 2 milhões de metros cúbicos de aterros compactados.

Presentemente decorrem os trabalhos de execução da cortina de impermeabilização e tratamento de terreno de fundação da barragem, bem como os trabalhos de arranjo final da zona do estaleiro.

Os trabalhos em curso da barragem de Odivelas

Após o almoço em Beja, o ministro e o secretário de Estado das Obras Publicas dirigiram-se para o aproveitamento hidro-agrícola de Odivelas, incluido no III Plano de Fomento, o qual é constituido pela barragem em construção e pela barragem do Alvito, a montante, já com projecto aprovado e pelas respectivas redes de rega e enxugo.

Na primeira parte, em execução, a albufeira de Odivelas funcionará isolada, pelo que a área total que é possível regar é de 3800 hectares; com a entrada em serviço da albufeira do Alvito a área dominada elevar-se-á para 7300 hectares, atingindo-se o total de 12 mil hectares previsto para este bloco de Odivelas quando esta ultima albufeira passar a receber as águas bombadas no rio Guadiana, em Alqueva.

Pelo sr. eng.º Palma Carlos foram prestados esclarecimentos sobre a actual posição dos trabalhos, que decorrem em intenso ritmo, colocando-se cerca de 6 mil metros cúbicos de betão mensalmente. Presentemente, já se encontra executada a totalidade da escavação no troço de betão da barragem prevista em 180 mil metros cúbicos, e colocados em obra cerca de 52 mil metros cúbicos de betão dos 95 mil metros cúbicos previstos para a construção, bem como montadas as bindagens da descarga de fundo e da tomada da água nela incorporadas, o que permitirá antever a sua conclusão no fim do corrente ano, em termos de ser possível dar-se início ao enchimento da albufeira por ela criada no decurso do próximo Inverno.

Este aproveitamento beneficiará 7300 hectares de terras entre as ribeiras de Odivelas e Figueira, perto de Ferreira do Alentejo e outras terras ao longo do rio Sado, estando prevista a construção de duas barragens na ribeira de Odivelas, as quais além de permitirem a rega da área indicada, fornecerão também água para abastecimento de diversas povoações.

Os dois membros do Governo e comitiva acompanhados do engenheiro residente Ilídio Neves, prosseguiram depois na visita ao longo do canal condutor-geral, em fase de acabamento, por quanto já se encontra concluida cerca de 85 por cento da sua extensão total de 23,6 quilómetros. Por sua vez a construção do canal do Vale de Murcha com 2 quilómetros de extensão vai ser iniciada

Destes canais condutores deriva a rede secundária de rega constituída por 23 quilómetros de distribuidores em canal a céu aberto (distribuidores de Caneiras Grandes, Castelo Ventoso, Monte Branco da Loira, Azinhal e Malhada Velha) já totalmente concluídos e por 120 quilómetros de regadeiras em tubagem subterrânea, dos quais estão presentemente assentes cerca de 70 quilómetros. Além destas redes de rega encontra-se também em execução a rede de enxugo constituida por colectores com cerca de 53 quilómetros de desenvolvimento total.

Por ultimo será visitada, em Santa Margarida do Sado, a fábrica de tubos. Ali fabricam-se os 120 quilómetros de tubagem para as regadeiras enterradas. Em plena laboração de fabrico e de ensaio hidraulico, estão presentemente já fabricados cerca de 85 por cento do total a utilizar.

Terminada esta visita os dois membros do Governo regressarão a Lisboa.

Em Alcácer do Sal o Banco Borges & Irmão inaugurou novas instalações da sua agência

ALCÁCER DO SAL, 26. — O Banco Borges & Irmão abriu ao publico, num edifício próprio no Largo Luís de Camões, expressamente construído para o efeito, as novas instalações da sua agência nesta vila, em substituição daquelas onde funcionava desde 1968. A cerimónia, que se revestiu de grande simplicidade, estiveram presentes os srs dr. José Cardoso Ferreira, governador civil do distrito de Setubal, D. David de Sousa, arcebispo de Évora, e dr. Carlos Xavier do Amaral, presidente do Município de Alcácer do Sal, além de muitos industriais, comerciantes e agricultores da região. Os convidados foram recebidos pelos srs. dr Miguel Gentil Quina, presidente do Conselho de Administração do Banco Borges & Irmão; dr. Ruy Fortes da Gama, administrador; dr. Manuel Marques Guedes, director-geral; Armando de Bastos e Silva, consultor da Administração; drs. José Lopes Raymundo e Miguel Krupenski, directores-gerais adjuntos; Afonso Rodrigues, dr. Julio de Morais e eng.º Álvaro Pinto Correia, directores, e Porfírio Pereira da Silva, gerente da agência.

Depois de o sr. arcebispo de Évora, D. David de Sousa, ter procedido á bênção das instalações, o presidente do Conselho de Administração do Banco Borges & Irmão, dr Miguel Gentil Quina, pronunciou um breve discurso em que analisou o interesse económico do melhoramento inaugurado como peça importante no conjunto de infra-estruturas necessárias ao desenvolvimento económico daquela região.

Falou, em seguida, o presidente do Município de Alcácer do Sal, sr. dr. Carlos Xavier do Amaral, que deu realce á dupla importancia do acontecimento, pela valorização económica e urbanística que o mesmo representa para o concelho.

Todos os presentes foram unanimes em corroborar estas afirmações, reconhecendo não só os benefícios que o melhoramento significa para as actividades da região, como manifestando o seu apreço pelo bom gosto e sentido funcional que foram imprimidos ás novas instalações.

Com estas fica, a partir de agora, o Banco Borges & Irmão apto a melhor responder ás exigências criadas pelo surto de desenvolvimento que, em numerosos sectores, tem vindo a registar-se, não só na vila como em todo o concelho de Alcácer do Sal. Com efeito, ao dotar o seu novo estabelecimento de todas as condições para proporcionar á sua vasta clientela maior comodidade e rapidez na execução dos multiplos serviços que oferece, aquela prestigiosa instituição bancária foi ao encontro das necessidades resultantes do incremento do volume de movimento motivado pelo progresso económico desta região, onde o comércio prospera, a industria se desenvolve e a agricultura procura actualizar-se para obter uma nova dimensão.

Tal atitude, aliás, integra-se na reconhecida preocupação do Banco Borges & Irmão de proporcionar, ás regiões cujas actividades económicas revelem potencialidades capazes de garantir um desenvolvimento que venha a contribuir mais eficazmente para a economia nacional, todo o apoio que pode significar a presença e a acção de uma experiente instituição bancária. E tem sido na execução destes propósitos que o Banco Borges & Irmão tem procurado alargar cada vez mais a sua esfera de influência, não só na Metrópole como no Ultramar e no estrangeiro. Desta forma é que tem hoje distribuído, por todo o território metropolitano, uma rede de cobertura que se compõe de vinte dependências urbanas no Porto e em Lisboa, além da sede na primeira daquelas cidades e da filial na segunda, e de cerca de quatro dezenas de agências localizadas nos principais centros económicos do País e, em Angola e Moçambique, faz sentir a sua acção através do Banco de Crédito Comercial e Industrial, de que foi fundador e é principal accionista, o qual tem em funcionamento, entre agências e dependências urbanas, várias dezenas de estabelecimentos nos dois territórios, além das sedes em Luanda e Lourenço Marques.

No que se refere á sua actividade além-fronteiras, o Banco Borges & Irmão iniciou recentemente a execução de um programa de abertura de escritórios de representação em países com os quais Portugal mantém relações cimerciais especialmente activas, tendo já inaugurado os de Paris, Joanesburgo e Caracas.

(Cont. da página anterior)

tituída, são três magníficos apartamentos situados numa das zonas mais aprazíveis do País — a linha do Estoril. O facto destes apartamentos ficarem a poucos minutos de Lisboa permite, é certo, que os seus proprietários os transformem em habitações de carácter permanente, mas isso é uma vantagem adicional, já que os contemplados, residentes noutros pontos do País, poderão servir-se deles durante as suas férias e arrendálos durante o resto do ano, ou utilizarem-nos de qualquer outra forma. O que mais interessa é que se trata de três apartamentos privilegiados, tanto no que se refere à sua localização, como ao facto de estarem mesmo ao pé de Lisboa como, ainda, ao facto de se tratar de magníficas construções concebidas em moldes práticos e modernos.

Um destes apartamentos, para que o prémio seja ainda mais aliciante, não vem só: será entregue ao contempledo conjuntamente com um automóvel de qualidade. Para que todos possam imaginar-se proprietários deste apartamento e deste automóvel, publicamos hoje uma fotografia que a ninguém deixará dúvidas acerca do cuidado com que escolhemos a lista dos prémios destinados a esta nova iniciativa.

Quem passe as suas férias «na terra» ou em qualquer ponto do país terá tudo a lucrar em tornar-se proprietário de um magnífico automóvel, podendo afirmar-se estar nas mesmas condições quem prefira passar as férias na sua residência usual e apenas deslocar-se nos fins-de-semana ou aos domingos.

Não foram também esquecidos os leitores do «Diário de Lisboa» que gostariam de passar as suas férias viajando. Para esses foi preparado um autêntico programa de viagens que lhes permitirá visitar o Brasil, o Canadá e algumas das mais interessantes cidades da Europa. Viajar, conhecer o mundo, aumentar o conhecimento da vida através de uma experiência humana que todos consideram um factor de enriquecimento é uma das ambições mais generalizadas no nosso tempo. Estamos em crer que muitos só não viajam mais devido ao preço das deslocações e das estadias, preço esse francamente inacessível à grande maioria das pessoas.

Foi precisamente por ter isso em consideração que o «Diário de Lisboa» resolveu incluir estas viagens na lista dos prémios agora instituídos, certo de que ao fazê-lo estava a proporcionar a muitos dos seus leitores as férias que eles mais desejam.

É incontestável que a nossa nova iniciativa se reveste de um interesse muito especial e que, dado a sua natureza, não poderá deixar de agradar a quantos têm o problema das férias por resolver e a quantos, tendo-o já resolvido, gostariam de lhe dar outra solução, possivelmente mais de acordo com o que desejariam efectivamente fazer...

Temos, portanto, razão ao dizer que esta nova iniciativa foi concebido e criada sob o signo de férias, como temos motivos para pensar que se trata de uma iniciativa destinada a interessar um elevado número de leitores do «Diário de Lisboa».

AMANHÃ NO LICEU CAMÕES GRANDE GINCANA AUTOMÓVEL

Amanhã, ás 15 horas, efectua-se, no campo de andebol do Liceu Camões, uma gincana automóvel, em que participam finalistas daquele estabelecimento e todos os jovens, universitários ou não que desejam tomar parte naquela competição. As inscrições para esse efeito podem fazer-se, antes da prova, das 10 e 30 ás 12 horas ou a partir das 14. A gincana intitula-se «Perícia Automóvel». Há dez taças, uma das quais oferecida pelo «Diário de Lisboa», para premiar os competidores mais classificados.

AQUELES QUE SALTARAM AS BARREIRAS (1)

MOSTRAR A DIFERENÇA MÍNIMA QUE EXISTE ENTRE COMÉDIA E TRAGÉDIA

— CONSIDERA «SIR» LAURENCE OLIVIER QUE É A SUA MISSÃO NA VIDA

O escritório de Sir Laurence Olivier, considerado o maior actor do mundo, é um barracão de trabalhador, nas traseiras de um pátio sombrio próximo da estação londrina de Warteloo.

Faz parte da fila de barracões que constituem as instalações administrativas do Teatro Nacional da Inglaterra.

Sir Laurence, de 63 anos de idade, continua a sofrer da trombose que no Verão passado lhe atacou a perna direita.

Por KENNETH EASTANSH

(Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»)

Não pode sentar-se á secretária do escritório: tem que se sentar num banco, com uma mesa á frente dele, e a perna direita estendida noutro banco.

O escritório de sir Laurence — director do Teatro Nacional — é violeta, amarelo e branco.

— Fui eu que escolhi esta combinação de cores — diz ele. Gosto muito, mesmo muito de violeta e branco.

Na sala há retratos emoldurados de actores famosos, prateleiras com livros e 4 telefones.

Serve-me um «whisky» e revela-me que «acabava de vir do ginásio».

— Vou ao ginásio duas ou três vezes por semana. Não fico preso pela cabeça — diz, ele. Faço exercícios gerais. Agrada-me imenso. Em casa fico preso pela cabeça — diz enquanto passa a mão pelo cabelo, que parece cinza prateada.

FELIZ

— Não se trata disso. Na minha idade, os ossos da cabeça são demasiado fracos para aguentarem o peso total do corpo. Por isso arranjei uma máquina especial. É uma espécie de cadeira com um buraco aberto no assento. A cabeça fica presa nesse buraco e, com os pés no ar, pedalo como um louco. Desta maneira, o peso do meu corpo assenta nos ombros. Fez-nos muito bem ficarmos presos pela cabeça.

Interroguei-o sobre a barreira snob que existe entre arte «séria» e arte «ligeira» barreira que parece estar a desaparecer.

Os braços de sir Laurence fazem um círculo no ar e afastam a sugestão.

— Nunca me preocupo com essas coisas — diz ele. Para mim não há barreiras. Só existem quando as fazemos existir. Se uma pessoa tem inteligência e talento, não interessa que a sua arte seja «séria» ou ligeira». Jim Dale era cantor «pop». Agora está connosco. Foi uma grande descoberta, porque é muito difícil encontrar *clowns* shakespearianos verdadeiramente agradáveis, inteligentes, divertidos. Lembro-me agora do «music-hall». Eu estava no palco a fazer isto ou aquilo e os restantes actores do elenco faziam alas e exclamavam «ooh!» e «aah!» como se eu estivesse a fazer uma coisa maravilhosa.

NUDEZ

— Eu costumava pensar nessas alturas: mas porque estão eles a extasiar-se comigo? Eu estou apenas a actuar. Podiam deixar-me em paz. Afinal eles são capazes de saltar, de fazer acrobacias, contorsões... tudo. Mas a vida é absurda. Todos nós somos absurdos essa é que é a verdade. Você fala-me de barreiras. Entendo que a principal missão da minha vida deve ser a de mostrar a diferença mínima que existe entre comédia e tragédia. Gostaria que as pessoas se sentissem no direito de rir a meio do Otelo. Quando ele começa a usar de uma certa basófia. Nessa altura torna-se absurdo. Shakespeare e Chekov conheciam o absurdo de todos nós. Sabiam que muitas vezes é nos momentos mais trágicos que atingimos o auge do ridículo.

Perguntei-lhe o que pensava da nudez no palco. Sir Laurence viu «Oh! Calcutta», obra da autoria do seu consultor Kenneth Tynan?

— Ainda não — diz sir Laurence. Mas tenciono ir ver, embora não goste da nudez no palco. Creio que distrai a assistência, afasta os espectadores das palavras e da acção, que constituem afinal a peça. Claro que em «Oh! Calcutta» a nudez constitui a própria peça, por isso suponho que estará certo. Mas se a minha filha me viesse dizer que queria interpretar o papel de Julieta no «Romeu e Julieta», com os actores todos nus, eu dir-lhe-ia: «Muito bem, se não te importares com o facto de ninguém prestar a mínima atenção ao teu desempenho, podes fazê-lo. Mas a cabeça e os olhos dos espectadores não estarão atentos á peça. A natureza humana é assim.

Haverá algum papel demasiado «baixo» para sir Laurence?

— Como já disse, não penso assim. Para mim não existem barreiras. Não há papel que eu considere indigno de mim, desde que através dele eu possa dizer qualquer coisa ao publico. Mas não há papéis que eu ambicione neste momento.

BATALHA

— No Outono, vamos fazer uma peça musical «Guys and Dolls». Faço o papel de Nathan Detroit. Não é o papel principal. Mas estou a pensar muito a sério nele. A minha ambição de agora é transformar o Teatro Nacional na melhor companhia do mundo. Já lutei 25 anos por conseguir um Teatro Nacional condigno. Finalmente temos um teatro em construção na margem sul. Para o conseguirmos tivemos que saltar muitas barreiras.

ÚLTIMO ARTIGO:

Jagger — para uma pergunta estúpida, uma resposta estúpida

BLACK & DECKER

APRESENTA UMA NOVA GAMA DE FERRAMENTAS ELÉCTRICAS PARA A INDÚSTRIA

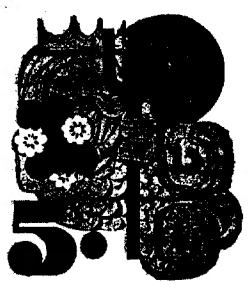
Os principais revendedores de Black & Decker em Portugal, estiveram ontem presentes num jantar para apresentação dos planos de comercialização da firma, reunião durante a qual foi revelada uma nova e completa gama de ferramentas eléctricas especialmente criadas para a Indústria.

Esta linha de ferramentas eléctricas, denominada «Super Star», inclui um vasto conjunto de berbequins, lixadeiras e rebarbadoras com isolamento duplo, bem como outras ferramentas especializadas para as indústrias de construção civil, marcenaria e metalurgia. O sr. Michel Morton, Gerente da Black e Decker, referiu que estas novas e importantes ferramentas eléctricas serão comercializadas simultâneamente com as que existem para uso amador e profissional e que já fizeram da Black & Decker o mais importante fornecedor de ferramentas eléctricas em Portugal.

Disse ainda o sr. Michel Morton que a política da Black & Decker é providenciar ferramentas eléctricas de alta qualidade a preços económicos e assim contribuir para o desenvolvimento do nosso país, incrementando a produtividade mercê dum maior débito da produção e do seu preço mais baixo.

Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO



NAUTICAMPO

AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM EQUIPAMENTO PARA FÉRIAS AO AR LIVRE

Horário:
Hoje — das 17 às 24 horas
Amanhã — das 15 às 24 horas

até 28 de MARÇO na FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

entrada 5$00

NOTA do dia

EM BUSCA DA EFICÁCIA

UM SEMANÁRIO DA PROVÍNCIA, citado por um diário do Porto, deu conta das desventuras e intrigas que levaram à demissão do presidente da Câmara local. Segundo o depoimento do magistrado municipal em referência, à sua chegada encontrou num caos a administração local: «a Câmara estava desorganizada, sem pessoal capaz, com quadros incompletos, com um chefe de secretaria que não lhe podia dar assistência permanente e para mais incompatibilizado com o presidente. As necessidades primárias da vila não tinham sido encaradas de frente; água, electricidade, saneamento e limpeza, planeamento urbano, caminhos, escolas — tudo estava em embrião ou em decadência apressada. Não havia autoridade municipal efectiva, não se cumpriam nem se faziam cumprir muitas leis, o trânsito e o seu ordenamento eram um caos, as obras nasciam como queriam e onde queriam...» O rosário prolonga-se por aí fora, com o quadro ampliado do que fica por amostra.

Acrescenta a história aqui presente que, ao longo dos dois anos da sua municipal administração, tentou o malogrado presidente impor «disciplina nos serviços, inaugurando-se os novos mercado municipal e quartel dos bombeiros, remodelou-se a rede de energia eléctrica e preparou-se a abertura de uma grande via de comunicação interna que iria transformar a configuração da vila», além de outras coisas. E por isto tudo conquistou nesses dois anos «duas medalhas de ouro, foi condecorado e publicamente louvado, realizou obras que outros não fizeram em dez ou quinze anos». Com toda esta obra feita, mais aquela que projectava, o presidente da Câmara demitiu-se. Porquê? O próprio responde ou alguém por ele: «A coisa pública andava por vezes ao sabor das famílias influentes — e quando se tentava lutar contra os poderosos, o presidente da Câmara caía». O resto é apenas um opulento painel de intriga local.

Este estranho quadro, com todos os porque sim e todos os porque não, conduz inevitàvelmente a pensar e repensar no que é e deva ser a administração local, como devem ser designados os seus responsáveis, quais as características que neles mais são de desejar. É certo e sabido que nem toda a gente está pelos ajustes. Dá mais honras que proveitos e dá, naturalmente, boa dose de dores de cabeça. São por um lado os próprios problemas, a sua definição, a escolha de soluções, depois a mobilização de vontades e de recursos. E há, como se pode apurar pela amostra acima referida, a luta naturalmente incómoda com as pressões do meio, o peso das influências, as grandes e as pequenas, as que se identificam e aquelas que nem se sabe onde estão nem bem ao certo quem elas são, mas que poderão até parecer legítimas e bem intencionadas, outras interesseiras e malévolas. Mas todas pesam, todas fazem muralha, a muralha dos interesses, o gozo do prestígio ou do que se tem com tal.

Como lutar contra isto? A escolha dos homens nem sempre é fácil. Primeiro, é preciso dispor-se de um lote deles. Depois, escolher o método para se operar a escolha. Elegê-los ou nomeá-los? É a alternativa que o prof. Marcello Caetano, em obra de carácter científico, estabelece com o que chama o princípio da democracia e o princípio da eficácia. Os argumentos entendem-se. Mas serão as realidades inteiramente coincidentes com eles? Ao homem lá de cima que se viu forçado a pedir a demissão concedeu-lhe a escolha ministerial mais autoridade do que poderia exibir se tivesse sido eleito por aqueles mesmos a quem irá administrar? Não vamos a concluir apressadamente, apenas em obediência ao que pudesse parecer pendor nosso. Deixamos as dúvidas, que não são poucas para cada lado para onde a gente se volte. Mas a autoridade que se sente legitimada pelo bom senso daqueles a quem vai governar é capaz de sentir mais sólida a sua armadura.

SALESMAN

England's leading Chamois leather dressers require a first class agent for the area of Portugal, to sell our range of chamois products, to wholesalers, motorfactors and large chain stores, of which is wrapped in some excellent point of sale material. For applications for the position which will be in strictest confidence write to G. P. Products, Ross Works, John Street, Glascote, Tamworth, Staffs, England.

novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

SAMANTHA JONES
VEDETA INGLESA DO CINEMA E DA CANÇÃO

LES DOLLIES
FAMOSA ATRACÇÃO MUNDIAL

DINA TRINDADE

PRODUÇÃO DE
GEORGES REICH

JIRINA'S COMBO • FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

BIJOU DE VIENNE
SÓ A 1 H. E 15

NO WONDER BAR:
23.30 e 1.15 (Maiores 21
Telefones — 264596 e 264621

NOVIDADES LITERÁRIAS

Colecção Figuras de Todos os Tempos

VIDA E OBRA DE FERNANDO PESSOA

(História de uma Geração)
João Gaspar Simões
2.ª Edição

Apaixonante e monumental estudo crítico-biográfico do grande poeta português, pela pena brilhante de um dos nossos mais representativos escritores. Uma obra fundamental para o conhecimento da personalidade ímpar do autor da «Mensagem».

Volume ilustrado, 688 páginas: 150$00

Colecção
Autores Portugueses

AS TORRES MILENÁRIAS
Urbano Tavares Rodrigues

A primeira peça de teatro do Autor. Uma experiência nova quer do ponto de vista cénico quer sob o aspecto psicológico e social, que explora universos futuros sem jamais se afastar da realidade presente.

160 páginas — 40$00

Nova Colecção Ilustrada de Júlio Verne

A AGÊNCIA THOMPSON & C.ª
I volume
A EXCURSÃO

Açores e Madeira, portos de escala duma excursão. Uma viagem de recreio em que os excursionistas se vêem envolvidos nas mais inverosímeis e perigosas aventuras.
Desenhos da edição original francesa de L. Bennet.

236 páginas — 25$00

LIVRARIA BERTRAND
Apartado 37 — AMADORA

CÃO PASTOR ALEMÃO

Mínimo dez meses, máximo 2 anos, precisa-se. Indicar preço, morada ou telefone.
Resposta a este jornal ao n.º 749.

TEATRO
CIL VICENTE
CASCAIS — 280919
Todas as noites, às 21.45
Domingo, às 16 e 21.45
Ultimas representações
A MALUQUINHA DE ARROIOS
de André Brun
pelo
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
Adultos

Brevemente: IVONNE, princesa de Borgonha, de GOMBROWICZ

A CANTORA CARECA
HOJE — 22 H.
1.º ACTO — ALGES
R. Eduardo A. Pedroso — T. 215033

DEGA MESQUITA
Rua do «Diário de Notícias», 107
Telef. 328307

HOJE
SALA RESERVADA
para o jantar de confraternização do 21.º aniversário da
Termo-Técnica, Lda.

PRÉDIO
ZONA DO JARDIM ZOOLÓGICO

Construção de cimento armado, revestido a marmorite, composto de cave, r/c. e 3.º andar, com dois inquilinos por piso, tendo cada hab. 3 div. soalhadas, cosinha, casa de banho, despensa e hall.
PREÇO — 1.600.000$00

MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361786

ANDARES

Vendem-se para rendimento em Lisboa c/ 3 e 4 casas assoalh., hall, coz.ª, desp.ª, 1 e 2 casas de banho, etc. Preços desde 210 000$00. Mostra a port.ª todos os dias no local Rua Eng.º Quartin Graça, n.º 49, à Calçada de Carriche. Trata: F. Fernandes & Costa, Lda. Av. Almirantes Reis, 104-2.º Telefs. 536111/2.

VIDA MUSICAL

Vale a pena ouvir Nlkita Magaloff

Bem familiar já ao nosso público, Nikita Magaloff voltou a tocar em Lisboa, desta vez, sob os auspícios da Sociedade de Concertos. Sem se tratar propriamente de um «monstro sagrado», é um pianista que vale sempre a pena ouvir. Uma natural desenvoltura não impede que a sua arte, não isenta aliás de certo maneirismo, se recomende especialmente pela elegância, a delicadeza de *toucher* e um sentido aliciante do colorido.

Resumamos as impressões colhidas no recital do Tivoli. O elemento aristocrático, acentuado no estilo interpretativo de Magaloff, casou-se admirávelmente com as deliciosas sonatas de Domenico Scarlatti com que abria o programa. Na *Sonata op. 5 em fá menor*, de Brahms, a componente clássica prevaleceu sobre a romântica, quando é afinal a romântica que define sobremaneira esta obra tão representativa da fase *sturm und drang* do autor. Assim as referidas páginas brahmsianas resultaram muito claras na textura, mas algo tolhidas na sua força erpressiva. Foi, sem dúvida, uma versão notável aquela que Magaloff nos proporcionou da *Sonata n.º 5* de Prokofieff, nomeadamente pela nitidez da execução e a precisão do «ataque». Contudo, a excelência da pormenorização talvez tenha prejudicado um pouco a evidência das grandes linhas da arquitectura da obra, que ficou um tanto compartimentada. Tivemos uma série de mosaicos preciosamente trabalhados, mas perdeu-se bastante a perspectiva global do edifício. Mas muito mais discutíveis foram, porém, os exageros de flutuação de andamento, de *rubato*, e até um ou outro abrandamento de velocidade nos *Estudos* de Chopin. Mesmo assim, houve ainda tanto que admirar, quer no capítulo da execução como em matéria de envolvência lírica, nessas interpretações chopinianas!...

Também graças à Sociedade de Concertos, ficámos a conhecer uma violinista excepcional, ainda jovem, não inteiramente amadurecida mas que não nos admiramos que muito em breve venha a ocupar um lugar de primeira plana no tablado internacional. Trata-se da japonesa Mayumi Fujikawa, galardoada já em concursos de responsabilidade. Predicados a destacar: sonoridade ampla, além de bonita e «redonda», firmeza de arcada e sentido estilístico de exemplar seriedade. Essa seriedade manifestou-se logo na elaboração do programa: substancial e despojado de *hors d'oeuvre* complacentes ou meramente virtuosísticos (*Chaconne* de Tartini e duas *Sonatas*, de Mozart e Beethoven). A igualmente jovem pianista Meiko Miyazawa mostrou-se à altura de colaborar com uma violinista da têmpera de Fujikawa. A sua técnica é escorreita e a execução vigorosa, quando necessário. E aponte-se o equilíbrio já excelente que ambas as intérpretes evidenciaram na prática da chamada música de conjunto.

NUNO BARREIROS

Rogério Paulo na Escola Eugénio dos Santos

O actor e encenador Rogério Paulo falou de teatro aos alunos da Escola Preparatória Eugénio dos Santos, que assim tiveram oportunidade de conhecer ao vivo um dos nossos melhores teatrólogos do momento.

A palestra, seguida de animado diálogo entre os presentes, fez parte das actividades circum-escolares.

LAURA ALVES É «A QUERIDA MAMÃ»

No Teatro Capitólio, Laura Alves é «A Querida Mamã», picante e atrevida comédia de André Roussin produzida por Vasco Morgado e encenada por António do Cabo. No elenco de «A Querida Mamã», além de Laura Alves os actores Carlos Duarte, Ada Pinto, Rolando Alves, Luís Alberto, António Rama, Ana Le Mattre e o novo par romântico Helena Isabel-Octávio Borges.

No teatro Capitólio, à noite, às 21 e 45. Domingos, à tarde, às 16 horas. Na segunda-feira, descanso da Companhia.

O CONCERTO DO CARPINTEIRO — Todos os dias ás 10 da manhã e ás 9 da noite o sr. Hans Fiedler, carpinteiro de seu ofício e zelador da torre de S. Miguel, em Hamburgo, toca lá no alto uma velha ária. O curioso costume vem do século XVII

UM FESTIVAL DA CANÇÃO NA GUARDA

Numa sala do Palácio Foz, com a presença do governador civil e presidente da Câmara Municipal da Guarda, além de outras individualidades, reuniram-se as produtoras discográficas convidadas para a realização do I Festival da Canção da Guarda.

Da reunião resultou, em princípio, a aceitação do projecto em discussão e assentou-se definitivamente na realização do festival.

Intercâmbio de cineastas amadores

COIMBRA, 26 — No Clube de Cineastas Amadores de Coimbra houve uma sessão, em prosseguimento da projecção do programa de filmes permutados com colectividades francesas de Cannes e de Nice.

Decorreu, também, a terceira sessão dedicada a transferências, constituída por uma selecção de diapositivos da autoria do arquitecto Alves Martins, e foram escolhidos dois para a competição final.

RINGO STARR PREPARA UM DISCO

LONDRES, 26 (R.) — Registou-se esta semana outro choque para os admiradores dos Beatles quando T. Rex arrebatou a Mungo Jerry a posição cimeira na Grã-Bretanha e conteve em respeito Paul McCartney e o seu novo disco pela segunda semana consecutiva.

O novo disco de John Lennon, «Power to the People», não apareceu ainda entre os «dez mais», mas a próxima semana deverá vê-lo na tabela de classificação. Correm ainda notícias de que o quarto Beatle, Ringo Starr, tem um disco na forja. Sairá na próxima semana e terá o título de «It don't come easy».

AGÊNCIA EM
ALCÁCER DO SAL
novas instalações

BANCO BORGES & IRMÃO 1884

com toda a comodidade tem
ao seu dispor os nossos serviços
nesta nova Agência
Banco Borges & Irmão
Largo Luís de Camões 1 / Rua Ruy Coelho, 1

O licor aristocrata feito a base de Whiskies velhos

Importado directamente da origem

AGENTES

J. A. DA COSTA PINA, L.DA

Rua do Alecrim, 73 — LISBOA — Telef. 32 00 31/4

COSTA PINA & VILAVERDE, L.DA

Rua do Bonjardim, 420 — PORTO — Telef. 26562

TEATRO **ABC** tel. 26 67 45

Empresa teatral JOSÉ MIGUEL, LD.ª

ADULTOS

VÁ VER HOJE A REVISTA DO ANO!

AS 20.45 H. — AS 23 HORAS

ANITA «O lado»

Frangas na Grelha

Uma produção de HUMBERTO CUNHA interpretada por um cartaz de ouro

IVONE SILVA • NICOLAU BREYNER

ANITA GUERREIRO

ÓSCAR ACÚRCIO

ANABELA • LUÍS HORTA • MARIA TAVARES

e a participação especial de **TONY DE MATOS**

DOMINGO, «matinée» às 16 horas

UM PRÉMIO PARA «PATTON»

HOLLYWOOD, 26 — (A. N. I.) — A «Directors Guild of America» («Associação dos Realizadores da América») acaba de atribuir o prémio para o Melhor Realizador de 1970 a Franklin Schaffner, pelo seu filme «Patton», interpretado por George C. Scott.

Actividades do ABC Cineclube de Lisboa

O ABC Cineclube de Lisboa realiza hoje, ás 18 e 40, no cinema Lys a sua 823.ª sessão, com o filme «Sereia do Mississipi», integrado no Ciclo «François Truffaut».

No mês de Abril, o ABC Cineclube vai levar a efeito o ciclo «A Comédia Musical». Serão apresentados os filmes:: «As Girls» (G. Cuckor), no dia 16; «Sete noivas para sete irmãos» (S. Donen), no dia 23; e «Chitty, Chitty, Bang, Bang» (Ken Hughes) no dia 30.

A entrada de novos sócios pode fazer-se á entrada das sessões ou na sede do clube, á Rua Conde de Redondo 30, 3.º-dt.º, das 18 ás 20 horas, em todos os dias uteis, final.

TODAS AS NOITES ÀS 21.45 HORAS

SEMANA — Maiores de 17 anos

TEATRO VILLARET

DEPOIS DA QUEDA

PEÇA DE Arthur Miller

ELENCO: **NORBERTO ROCHA PAULO**

Encenação de ARTUR RAMOS
Tradução de LUIS FRANCISCO REBELLO
A 1.ª representação pública de JOÃO JOSÉ CRISTA
Figurinos de ARTUR CARAIS

Teatro TELEF. 717017 **Maria Matos**

SÓ 5 DIAS

ÚLTIMOS E DEFINITIVOS DE UM GRANDE ÊXITO

Todas as noites às 21.45
AMANHÃ, TARDE POPULAR
com o tabelo reduzido das noites de 5.as-feiras
Balcão: 10$, 15$ e 30$
Plateia: 30$ e 50$

(M/ 17 anos)

o inocente

DE 1 A 11 DE ABRIL
CURTA SÉRIE DE ESPECTÁCULOS

as irmãzinhas grupo 4

TRINDADE

Hoje, ás 21,45 horas
(Adultos)

EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

O DUELO

de Bernardo Santareno

Pela Companhia de Teatro Nacional D. Maria II

Amanhã às 16 horas — Tarde e preços reduzios

3K MOVEIS

R. PASCOAL DE MELO 7 e 47 - TEL. 49907

«O Santo e a Porca» no Teatro Laura Alves

Aplaudida pela crítica e pelo público, a peça de Ariano Suassuna «O Santo e a Porca» é um dos grandes êxitos teatrais do ano.

Trata-se dum espectáculo popular que, fazendo rir, faz também pensar.

Outros dos motivos de agrado deste espectáculo é o jovem elenco: Rui de Carvalho, Canto e Castro, Ângela Ribeiro, Lisete Frias, Benjamim Falcão, Graça Vitória e Henrique Santos, e a encenação de Fernanda Alves da qual a crítica disse: «Fernanda Alves pôde apresentar uma encenação viva, um espectáculo com ritmo, bem marcadas as situações fundamentais — as cómicas e as dramáticas.

Todas as noites ás 21 e 45. Aos sábados e domingos também «matinée» ás 16 h.

PRÉDIO

BAIRRO AMÉRICA

Construção antiga, em muito bom estado, composto por 3 pisos, 6 inquilinos, hab. de 4 div. soalhadas, cozinha, despensa e casa de banho.

PREÇO — Esc. 1.000.000$00

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

Praça de Touros de Montijo

DOMINGO, 28 DE MARÇO

(Ás 16.30 horas)

Grandioso Festival a favor do Hospital da Santa Casa da Misericórdia do Montijo

3 Novilhos toiros da Soc. Agrícola de Rio Frio e 4 da Soc. Agrícola e Pecuária de Santo Estêvão

CAVALEIROS:

MESTRE BAPTISTA e JOSÉ NÚNCIO

e o amador MANUEL SANTANA «Nélito»

ESPADAS:

MIGUEL BAEZ «LITRI»

JOSÉ MARTINEZ «LIMEÑO» • JOSÉ JÚLIO

e o praticante de novilheiro LUÍS PEIXINHO

FORCADOS AMADORES DO MONTIJO

cap. por António Sécio

PREÇOS POPULARES — Venda de bilhetes em Lisboa na Agência A. B. E. P., Praça dos Restauradores • Transportes assegurados • Dirigida por um Delegado da D. S. E. • Maiores de 6 anos

COLISEU

SÁBADO, 27 — às 21.15

(Para maiores de 6 anos)

GRANDIOSO SARAU GINÁSTICO DO LISBOA GINÁSIO

Com a participação das suas classes, nas diversas modalidades: trave olímpica, bailados, ginástica educativa e outras, etc. Saltos no tapete — Voos à Leotard.

A CASA DA COMÉDIA DÁ DESCONTOS

A Casa da Comédia decidiu fazer descontos de 50 por cento nos bilhetes de todos os seus espectáculos aos sócios efectivos do Sindicato dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, mediante a simples apresentação dos cartões.

Ainda no ambito da sua contribuição para a valorização cultural de uma classe trabalhadora, decidiu também a Casa da Comédia alargar os seus cursos de iniciação teatral aos filhos dos profissionais de escritório que forem beneficiários do Roseiral (infantário e jardim infantil).

TEATRO **CAPITÓLIO** TEL. 327493

H.

Domingos: à tarde, às 16 h. (Adultos)

10.ª SEMANA

TEATRO **MONUMENTAL** TEL. 555133

HOJE: ÀS 21.45 H.

(Maiores de 17 anos)

SÓ ATÉ DOMINGO

VASCO MORGADO APRESENTA

Em 5.º mês

A Casa das Cabras

com MILU na protagonista, Armando Cortez, Mário Jacques, Guida Maria, Luís Pinhão, Óscar Caetano, Norberto de Sousa, António Machado, Antónia Semedo

AMANHÃ: 2 sessões às 21 e 23 h.

DOMINGO: ÚLTIMA «matinée» às 16 h.

Entradas gratuitas à Colónia Espanhola

TEATRO **LAURA ALVES** TEL 864755

HOJE: ÀS 21.45 H.

M/12 ANOS

o santo e a porca

de ARIANO SUASSUNA

AMANHÃ e DOMINGO «matinée» às 16 h.

TEATRO **VARIEDADES** TEL 326037

HOJE: ÀS 21.45 H.

UMA COMÉDIA DE GARGALHADA PERMANENTE

de Francis Veber

o contrato

(Adultos)

com RIBEIRINHO • HENRIQUE SANTANA • e estreia no teatro declamado SIMONE DE OLIVEIRA e ainda NICHOLSON

AMANHÃ: 2 sessões às 20.45 e 23 h.

teatro MONUMENTAL

BREVEMENTE

VASCO MORGADO

QUARENTA QUILATES

Uma comédia de Barillet & Grédy
Tradução de Jerónimo Bragança

(Adultos)

VA CEAR A FURNA VA CEAR A FURNA VA CEAR A FURNA VA CEAR A FURNA VA CE

rua ferreira lapa, 38 d-a duque de loulé - rua ferreira lapa, 38 d-a duque de loulé - rua ferreira lapa

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

TODOS CHORARAM. OS TELESPECTADORES TAMBÉM

Era uma vez uma família. Italiano. Ela, a matrona, muito doméstica, muito exuberante. Ele, o pai de família, em camiseta interior ainda á moda neo-realista. A filha, rapariga ohuda e com saia o pouco suficiente para justificar os seus sonhos de animatógrafo. O filho, rapaz em vias de perdição, roubador de carteiras de senhora de que faz colecção em casa. O namorado, canalizador de ofício, abandona a canalização para se dedicar ao boxe. Na Itália é assim: o boxe funciona lá como o toureio em Espanha e como o jogo de pau seria entre nós se tivesse, como cumpria a desporto tão antigo, a protecção devida.

Família pobre mas agradecida e temente a Deus. Ainda lhe restam umas *coroas* para comprar o vinho branco que oferece ao Emílio Correia. Já agora, com mil demónios, podiam oferecer-lhe vinho tinto pois é muito mais telegénico. Tudo seguia no melhor dos mundos, á base de salada, esparguete e ovos cozidos, o que pode considerar-se uma alimentação racional: lá estão as proteínas, os hidratos de carbono, as vitaminas... Hugo entretem-se a afagar as pernas de Gina e ninguém lhe levaria a mal. A perturbar a paz no lar, havia a história da pequena ladroagem de Gigeto: o honrado Procida, ferrava-lhe umas galhetas sem grande convicção e lá íamos andando, na graça do Senhor que protege sempre os pobres. amen.

De subito, a suspeita: Elisabeta, a dona de casa, recebe a notícia de ser filha de rei. Tudo se transforma, lá em casa. Compram cadeiras, tapetes, espelhos. Procida, o honrado cobrador da Companhia de Gás, encaderna-se de novo; Elisabeta veste-se com requintes de negro e de vidrilhos; Gina, despede o pobre Hugo numa cena inesquecível. Já nada existe da antiga família tranquila: a ambição fizera-lhes perder a alma. Apenas o *boxeur* ganha juízo: despede-se do boxeamento e regressa á canalização onde, afinal, ganhará tanto ou mais, dada a crescente falta angustiosa de mão-de-obra, apontada pelo sr. Alberto Albarraque na sessão preparatória do novo concurso da Televisão a principiar em breve e no qual as pessoas todas vão aprender as faltas de transito que devem evitar para que o transito no nosso País se faça bem (muito obrigado) apesar do piso desfavorável das estradas.

Era tudo aldrabice. O rei, pobre diabo, acaba por morrer num desastre de aviação, que lhe poderia, já agora, ser poupado: ser pobre diabo e pobre rei já lhe bastava. O seu primeiro-ministro, afinal de contas, governava-se a tocar num *dancing*. Uma calamidade, enfim. Vão mal, vão mal os tempos para as frontes coroadas.

Em casa do velho Procida, tudo regressa á antiga forma. A peça acaba em lágrimas. Todos os personagens choram. Os telespectadores também choraram. O seu tempo perdido.

NÃO SE CUMPRE A REALIDADE, MAS CUMPRE-SE O «DESEJO»

«Eu sou a filha do rei» parece querer ser uma parábola do exemplo e proveito.

Parece querer ser uma lição de antifotonovela, de antimaravilhoso. A filhagem de rei não se consuma, o reino já nem existe, nada passou de sonho carnavalesco. Não aconteceu mudança de condição como nas histórias de endoudecer, de descaminhar os espíritos. A miséria permanece, permanecem as dificuldades, as lutas, as provações.

Lição enganosa. A reacção é de pena, é de lamentação pelo sonho frustrado: tudo chora minha gente, choremos a ilusão perdida! Tão bom ser rico, nobre, afamado, bem comido e bem bebido.

O espectador é convidado a alinhar no mesmo sinal reaccionário, o que parecia não ser fotonovela, romancinho de cordel, acaba por se transformar nisso. «*Eu sou a filha do rei*» é uma peçazinha fácil, deseducativa, cómoda para a inacção.

...ONDE NINGUÉM SE SALVOU

Se o tema era o que acabamos de ver, o mesmo não se poderá dizer da interpretação que atingiu momentos perfeitamente eufóricos. A todos os actores pertence uma característica: representaram, honra lhes seja, com a maior das indiferenças (exceptuando, de longe em longe, Rui Furtado).

Helena Isabel, que fez a sua primeira tentativa na Televisão há alguns anos como apresentadora fugaz de variedades, elogiada e considerada por Henrique Mendes uma grande esperança nesse trabalho, regressou agora pela porta do Teatro televisivo. Talvez seja, como da outra vez, uma passagem fugaz. Tudo nos leva a crer isso.

Octávio Borges e Manuel Cavaco passaram todo o tempo em competição a ver quem trabalha pior. A incipiência não consegue esconder a ausência de condições reais para a dura profissão.

Emílio Correia, por sua vez, não chorou. Valha-nos isso. Quanto a Luís Filipe, os seus agudos, as suas mudanças de voz, o seu porte majestoso só quem assistiu a tanto pode imaginar como é possível ainda haver entre nós actores de tamanha envergadura, etc.

Em resumo: raramente se terá visto trabalhar tão mal na Televisão. A Metrul, que se creditara já de algumas dignas apresentações, esteve irreconhecível. Será que já começa a entrar, em força, pelos carris da mediocridade?

Como realização, a «Noite de Teatro» esteve bem á altura de tudo o mais. Afinal, Oliveira Costa parece não ter ombros para algumas esperanças que nele alguns depositaram. É isto: quando se começa a ter um pouco de optimismo — zás, balde de água fria.

Rádio

EMISSORA — 1.º **Programa Metropolitano** — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Programa da juventude: 17 e 30: Vida e trabalho; 18 e 05: Ao encontro da melodia; 18 e 30: Forças armadas: Programa produzido e realizado pelo serviço de informação Publica da Defesa Nacional; 18 e 50: Melodias de cinema; 19 e 10: Passatempo musical; 20: Diário sonora; 20 e 20: O acordeonista: Maurice Larcange; 20 e 30: 3.º Episódio do folhetim «Ben-Hur»; 20 e 50: O organista: Ray Colignon; 21: Momento 71; 21 e 20: Banda de musica de Pere Pinheiro; 22: Musica da Europa; 22 e 30: Musica e cadência; 23 e 05: Miscelânea; 24: Fecho.

2.º Programa Metropolitano — Às 16: Ciclo da Barroco italiano; 16 e 45: Musiac de vanguarda — Festival d'Avignon de 1970 (gravações cedidas pela Radiodifusão - Televisão Francesa);17 e 21: Canzona e Rondó (Murray Adaskin). Marta Hidy, violino, Chester Duncan, piano; 17 e 30: O compositor do mês: Vivaldi; 18 e 54: Sonatina em mi maior op 67, n.º 2 (Sibelius), piano Erwin Laszlo; 19: Musica e musicos portugueses, por Nuno Barreiros; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Violoncelista Janos Starker, ao piano, Leon Pommers — Requiebros — Dan of the green devil (Cassadó); 20 e 30: Uma contata de Karl Amadeus Hartmann — Lamento Soprano Annelies Kupper; piano, Carl Seemann; 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Câmara da Emissora Nacional dirigida por Fritz Rieger e em que colabora a cravista Maria Malafaia; 22 e 58: Fecho

Programa Estereofónico —Às 21: Poemas de Federico Garcia Lorca, por Paco Ibanez; 21 e 15: O saxofonista: Fausto Papetti; 21 e 30: Musica de filme «Millie, rapariga moderna»; 21 e 50: O trompetista Al Hdrt. 22: Parte de um show de Yves Montand no «Olympia»; 22: e 20: Melodias por orquestras; 22 e 50: Ringo Starr: Beaucoups of blues; 23: Orquestras de Câmara; 24: Instrumentista — Soos de órgão por Gunther Barusinger; 0 e 08: Musica sinfónica; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio jornal; 19 e 15: Contraponto. 19 e 50: Rádio jornal; 20 e 07: 45 rotações; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Canções de Portugal: 21 e 03: Suplemento; 21 e 15. Musica para meditar; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: «P. B X.»; 2. A noite é nossa; 3 e 02: Diário rural; 7 e 02: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita 21 e 02 Boa noite em FM 22 e 02: Programa á Gô-Gô 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kcís — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral: 19 e 08: Miscelânea; 19 e 17: oConjunto; 19 e 30: Estudio 64: 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-rádio; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Em destaque; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Tiracínio; 23 e 04: Clube da juventude.

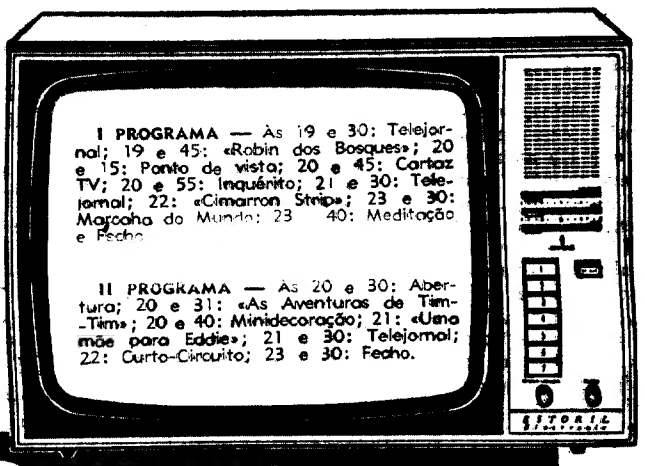
RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Manana Tha; 18 e 30 Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: A vida é uma coisa maravilhosa; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Qaundo o telefone toca; 22 e 30: Pentograma, 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2 **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30. **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 30 ás 17.

ESTUDANTES!
IV CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO ATÉ 31 MARÇO 71

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: O caso da semana; 13 e 15: Filme de série «Descalços no Parque»; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 13 e 55: Eurovisão, remo, transmissão directa da regata Oxford-Cambridge; 14 e 30: Dó Lá Si; 14 e 55· Eurovisão, râguebi, transmissão directa do encontro França-País de Gales; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: ...E a vida continua...; 20: TV Mundo, «A Pradaria», documentário sobre a vida aimal e vegetal na extensa pradaria norte-americanak 20 e 55: Canções do Concurso Eurovisão da Canção 1971; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição; 22: Folhetim «Sebastião e Maria Morgane; 22 e 30: Para mim formidável, programa com Charles Aznavour, Dust Springfield e Roslyn Kris; 23 e 30: Marcha do Mundo, e 23 e 40: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura; 20 e 31: Filme infantil «As aventuras de Tim-Tim»; 20 e 40: O caso da semana; 21: Filme de série «Descalços no Parque»; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição, e boletim meteorológico (simultâneamente com o I Programa); 22: Teatro lírico «La Cambiale di Matrimonio», de Rossini, orquestra do Teatro Comunale di Bologna, sob a direcção de Luciano Rosada, com os seguintes intérpretes: Giorgio Tadeo, Mariella Adani, Piero Bottazzo, Federico Davia, Franco Bordoni e Elena Baggiore; e 23 e 20: Fecho.

Em 1970 as vendas de Gazcidla atingiram 101 208 toneladas

— segundo se lê no relatório anual publicado pela Cidla

Foi distribuído o relatório da Cidla referente ao exercício de 1970 e subscrito pelos administradores srs. eng.º Duarte do Amaral (presidente), drs. Henrique Martins de Carvalho e João Salgado; tenente-coronel Alvaro Salvação Barreto, Francisco do Casal-Ribeiro (administrador-director-geral) e dr. António Martim de Melo (marquês de Ficalho).

O relatório começa por uma análise da conjuntura petrolífera mundial e diz:

«Na política geral do mercado petrolífero, difícil será indicar período mais instável e preocupante do que o ano de 1970. E é de prever que a conjuntura se não altere em curto prazo.

«Sobre a razão do acontecimento divergem as opiniões. Mas como os países exportadores, associados na OPEP, foram os fautores da crise, convirá conhecer os seus pontos de vista e a razão das suas exigências aos países consumidores, formuladas aliás indirectamente e sob a forma de imposições feitas às grandes organizações petrolíferas mundiais.

«Ora a OPEP elaborou um estudo-base decompondo o preço global dos derivados de petróleo pago pelos consumidores europeus e a ele se referiu a Imprensa mundial em Fevereiro de 1970. Segundo esse estudo, a produção corresponde a 2,7 % do custo, os encargos fiscais nos países exportadores a 7,9 %, a refinação a 3,3%, o frete a 6,3%, a distribuição a 26 %, o lucro das empresas a 6,3 % e os encargos fiscais nos países de consumo a 47,5 % ainda aumentados por lhes pertencerem as frotas de transporte e neles principalmente se situarem a refinação e a comercialização.

«As empresas petrolíferas contestam os valores relativos, mas não o facto de existir acentuada discrepância entre os encargos oficiais nos países produtores e consumidores. E, após diversos surtos de negociações, todas sem resultado prático, a Síria, em 3 de Maio ultimo, resolveu impedir a companhia americana Tapline de reparar a conduta ligando a Arábia Saudita ao litoral do Mediterrâneo. Dias depois, a Líbia nacionalizou uma parte da actividade petrolífera, sem todavia atingir — nessa primeira fase — a produção e o transporte por «pipe-lines». Em 21 de Julho, a Argélia fixou unilateralmente à França certos encargos sobre o petróleo e recusou a arbitragem estabelecida pelos acordos de 1965, dando origem a um diferendo a cujo complexidade o próprio presidente Pompidou aludiu, em conferência de Imprensa de 22 de Janeiro ultimo. Em Outubro de 1970, o Iraque alterou o preço «Mediterrâneo» do petróleo e, embora em menor escala, o preço «Golfo Pérsico», atitude logo acompanhada pelo Irão e pelo Kuwait. E em 12 de Dezembro a assembleia dos países da O.P.E.P., em Caracas, tomou várias resoluções no mesmo sentido, enquanto, por outras vias, se fazia saber às companhias que o problema ficaria automàticamente resolvido se os países industrializados, baixando os respectivos impostos e outros encargos, permitissem ao mesmo tempo a manutenção dos preços internos e uma melhor justiça na repartição internacional dos benefícios.»

E, mais adiante, afirma o mesmo relatório: «Perante a magnitude dos assuntos, a Cidla tem consciência da sua própria dimensão, inserta para mais numa economia ainda em desenvolvimento e num país em processo acelerado de mutação social, por esforço próprio e como reflexo da alteração geral das estruturas das sociedades ainda predominantemente tradicionais. Mas, se sabe isso (e o tem sempre em atenção), sabe também que *alguma coisa lhe compete fazer* para dar resposta válida ao desafio dos tempos, já que a produção da riqueza não constitui um fim em si e só encontra justificação quando dinamiza e melhora o nível de vida das populações.

«Ora a Cidla não ignora que, no processo de promoção de um país, a mudança do tipo de energia consumida é um teste do desenvolvimento; e que, em consequência disso, a utilização dos gases combustíveis liquefeitos significa uma indústria em expansão e, *sobretudo*, uma acentuada melhoria na maneira de viver das famílias, com amplos reflexos económicos e correspondentes progressos culturais e sociais.»

Em 1970 o número de contratos de fornecimento de gazcidla atingiu um milhão

Acerca da situação actual da empresa, o relatório refere a assinatura do milionésimo contrato de fornecimento de gás e, depois de aludir á posição da Eival, Sociedade de Empreendimentos, Investimentos e Armazenagem de Gases, S. A. R. L. — empresa afiliada da Cidla — escreve: «as vendas de Gazcidla subiram para 101 208 toneladas, ultrapassando-se assim, pela primeira vez, a centena de milhares de toneladas num só produto (e para ser exacta qualquer comparação com o passado deveria corrigir-se ainda este numero, acrescentando-lhe as 3000 toneladas vendidas nos dez primeiros dias de Janeiro).

«Os clientes efectivos da Cidla e da Eival passaram de 951 850 para 977 787, e o numero de clientes angariado durante o ano (38 862) foi superior ao de qualquer das companhias concorrentes. As vendas de Propacidla, que haviam sido de 40 929 toneladas em 1969, atingiram agora 46 569, ou seja, quase o dobro dos resultados em 1966. E os clientes deste são 20 358, dos quais 330 o utilizam a granel.

Havia-se previsto no relatório de 1969 que o negócio de óleos lubrificantes seria transferido para a Sacor em 1970, conforme oportunamente resolvido pelas duas empresas. Razões ocasionais obrigaram a adiar a transferência. Todavia, o nosso esforço manteve-se no lançamento da marca. E assim, a tonelagem vendida ultrapassou as anteriores: 7595 toneladas em 1969: 7951 em 1970.»

Alude-se depois á presença da Cidla em numerosas empresas nacionais. E, quanto aos investimentos afirma-se: «Os principais investimentos realizados durante o ano distribuiram-se pelas seguintes rubricas: *a*) Material de distribuição (garrafas e acessórios, cisternas, etc.), 78 223 contos; *b*) Obras nas diversas instalações, 15 140 contos. São suficientemente expressivas e dispensam grandes explicações. Sempre se dirá todavia, e quanto á alínea *a*), que, em 1970, a Cidla comprou mais 222 524 garrafas de 26 litros e 7700 de 110. Isto elevou o parque de garrafas a cerca de três milhões de unidades.

«Durante o ano, o capital social manteve-se ainda sem alteração (250 000 contos) e, com flutuações conjunturais semelhantes ás dos outros títulos, as acções da Cidla conservaram um nível elevado de cotação, mesmo durante as flexões depressivas — gerais ou de sector — que a Bolsa registou.

«O balanço e a conta de resultados, anexos ao presente relatório, traduzem o elevado grau de estabilidade financeira da Cidla e mostram como se continua a manter a política tradicional de reforço da liquidez do activo. Na verdade, o activo imobilizado — calculado pelos preços de aquisição — que era de 1 060 193 contos, passou para 1 160 582, o activo realizável subiu de 360 947 para 400 824 contos; e o volume geral das amortizações, por seu turno, passou de 486 288 para 573 522 contos.»

QUASE 56 MILHÕES DE PASSAGEIROS TEVE O «METRO» NO ANO FINDO

Realizou-se, esta manhã, a assembleia geral ordinária do Metropolitano de Lisboa, S.A.R.L., que deliberou sobre o relatório e contas do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal referentes ao exercício de 1970.

O balanço acusa um activo (igual ao passivo) de 317 185 918$27. As receitas cifraram-se em 69 556 589$90 e as despesas em 122 926 162$37. O saldo (negativo) é, pois, de 53 369 572$47. No entanto, as despesas incluem 63 664 550$10 de encargos financeiros correspondentes aos empréstimos convertidos em bens já integrados na exploração.

Durante o ano, foram vendidos 55 797 676 bilhetes.

VIDA POLÍTICA

● Presidência da República

O Presidente da Republica recebeu, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, o prof. dr. Marcello Caetano, Presidente do Conselho de Ministros.

IMPRENSA

«Notícias» de Lourenço Marques

A delegação em Lisboa do jornal «Notícias», de Lourenço Marques, e do vespertino «A Tribuna» mudou as suas instalações para a Rua Rosa Araújo, 57, 2.º, com os telefs. 46061 e 45249

Um cozinheiro do Porto cozinha em Lisboa

O famoso cozinheiro Joaquim Teófilo Valente, bem conhecido dos gastrónomos da cidade Invicta, deslocou-se expressamente a Lisboa. Proprietário do restaurante «O Porco», veio de avião a Lisboa apenas para cozinhar o jantar com que reunirá hoje em agradável confraternização, empregados e colaboradores daquela empresa no ambiente acolhedor da Adega Mesquita — agora completamente remodelada.

Para venda da propriedade e seu recheio

IMPORTANTE

LEILÃO

AMANHÃ, sábado, e seguintes, às 15 e às 21 horas

RUA DE ANTÓNIO PATRÍCIO, N.º 209 — PORTO

(Rua paralela à Av. da Boavista, junto do n.º 1043)

A Agência de Leilões signatária anuncia com muito prazer o seu 3.º leilão nesta cidade, para o qual pede a atenção dos seus já clientes, e no qual vai vender:

— A PROPRIEDADE: BELA MORADIA com a área total de 2218 m2 de área coberta, jardim e dependências, inscrita sob o art.º 2086 do Concelho do Porto, 2.º Bairro, construída ao gosto inglês do final do Séc. XIX.

— Todo o seu recheio, constituído por mobiliário e adornos de origens inglesa, francesa e portuguesa do período Arte Nova.

— Bom núcleo de pintura de autores ingleses e portugueses.

— Porcelanas, cristais, e objectos de arte de origens inglesa, francesa, austríaca, oriental e portuguesa.

— Pratas portuguesas dos Séc. XVIII e XIX.

— Todos os restantes bens que virão descriminados em anúncios de hoje e amanhã nos jornais do PORTO: «Primeiro de Janeiro», «Comércio do Porto» e «Jornal de Notícias».

TRATA A

SOC. DE LEILÕES AFRA FILHOS, L.DA

Av. Duque de Loulé, 1 — LISBOA

Telefs. 47018/9 - 532929 - 51478

BOM APETITE

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 536080
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
ARROZ DE PATO NO FORNO
Diàriamente SARRABULHO

PROGRESSO
Restaurante ✲ Snack-Bar ✲ Pastelaria
R. Barata Salgueiro, 2-C
Telef. 40115
Aos domingos especialidades da casa
ENSOPADO DE ENGUIAS
E COELHO À CAÇADOR
SERVEM-SE LANCHES DE CASAMENTO

JANTE NA TARANTELA
EM AMBIENTE FAMILIAR
Largo D. Estefânia, 22
SALA NO 1.º ANDAR PARA LANCHES DE CASAMENTOS

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144 ● TELEFONE 78 02 11
JANTARES DANÇANTES aos Sábados e Domingos c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(M/15 anos) Parque automóvel privativo Premiado pelo SNI

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Quem perdeu?

Na área Castilho/Salitre foi achada determinada importância, que se entrega a quem provar pertencer-lhe. Tel. 681115.

Vacina contra a rubéola estará em breve à venda no mercado português

Uma vacina específica contra a rubéola vai ser posta à venda em Portugal, dentro em breve, segundo nos informou o director-geral de Saúde, a propósito do recente surto daquela doença, com incidência especial nos estabelecimentos de ensino, de onde se afastaram imediatamente as professoras grávidas.

A moléstia, em si mesma, é menos importante do que o sarampo, mas pode ser extremamente perigosa se contraída por senhora grávida, nos dois primeiros meses de gestação, pois provocará mal-formações no feto, originando crianças defeituosas.

A vacina específica deverá ser posta á venda, segundo nos informaram, aproximadamente dentro de um mês, se for dispensada a respectiva verificação pelo Instituto Camara Pestana, ou, nos próximos três meses, se o Ministério da Saude e Assistência não dispensar a sua verificação.

A vacina específica contra a rubéola não entrou ainda na prática corrente da maioria dos países e só os mais evoluídos a incluem nas medidas profiláticas generalizadas. O facto de ter sido descurada até agora a sua divulgação dever-se-á possívelmente ao facto de a rubéola se revestir de carácter benigno e atingir em geral as crianças dos 3 aos 6 anos. Talvez ainda devido ao seu custo elevado.

De prognóstico benigno, as suas consequências são, porém, gravíssimas (repetimos) quando afecta uma mulher nos primeiros 60 dias de gravidez. Entre as deformações causadas pela rubéola contam-se o lábio leporino, o palato fendido ou as duas deformações conjuntas, cardiopatias, surdez, etc.

As epidemias de rubéola são mais frequentes no Inverno do que no Verão e a sua difusão dá-se por focos limitados, sem atingir as proporções das epidemias do sarampo. A sintomatologia assemelha-se, porém, bastante á do sarampo, sendo confundida muitas vezes com ele e até, em alguns casos, simultanea com ele.

Ultimamente têm-se registado focos de rubéola em diversos locais do distrito de Lisboa. Contactamos o director do serviço de pediatria do Hospital de Santa Maria, que nos disse não detectar um surto de rubéola mais elevado do que é habitual nesta época. Referiu-nos contudo que, dadas as características benignas da doença, a maior parte das crianças afectadas são tratadas particularmente, e como os casos que não passam pelos serviços infecto-contagiosos dos hospitais não são comunicados á Direcção-Geral de Saude (em sua opinião deviam ser) era difícil ou impossível saber-se qual a importancia do surto, mas que não poderia falar-se em epidemia.

O director-geral da Saude confirmou-nos não haver epidemia de rubéola, nem de qualquer outra doença infecto-contagiosa e, a propósito, falou-nos então da vacina contra a rubéola que, possívelmente, será lançada no mercado dentro de um mês.

É de toda a conveniência segundo nos disse, que as crianças (especialmente, as do sexo feminino), tenham a rubéola e citou o exemplo do que foi feito, há tempos, na América, em que o doença foi espalhada voluntáriamente nalgumas escolas para conseguir imunização particularmente importante nas raparigas no período da gestação. A mulher grávida que suspeita ou sabe ter estado em contacto com pessoas atacadas por rubéola pode recorrer (como substituto da vacinação) á gama globina e beriglobina, uma espécie de soro derivado do sangue, que permite a imunização da mulher grávida. (Algumas professoras a ele recorreram, agora, durante o surto de rubéola). Entretanto, esse soro é muito caro.

Informam-nos que da beriglobina são necessários 2 mililitros por cada 10 kilos de peso. Como cada 2 mililitros cúbicos custam 188$00, uma mulher com 60 kg precisa de gastar 112$80 para proteger o feto de possíveis deformações. Como é evidente, este preço é incompatível com a capacidade económica da maior parte da população.

Urge, pois, tomar medidas para prevenir as consequências da rubéola na mulher grávida. Como na vida actual a mulher, pelo seu trabalho fora do lar, se encontra mais exposta ao contágio, convém prevenir para que este não se verifique durante a gravidez. A vacina será, pois, um dos meios de defender a mulher, e deveria tornar-se obrigatória a todas as raparigas, como o já é hoje a da varíola e a triplice. Entretanto, para prevenir o futuro, seria conveniente que os pais expusessem ao contágio da rubéola as suas filhas pequenas, para as imunizar e defender de futuros desgostos.

INVÁLIDOS DO VOLANTE

Está marcada para depois de amanhã, ás 20 e 30, a Assembleia Geral da Casa de Repouso dos Motoristas Portugueses (Inválidos do Volante), a fim de discutir e votar o relatório e contas da gerência de 1970.

A assembleia realiza-se no Sindicato dos Motoristas do Distrito de Lisboa, á Avenida Visconde Valmor, 34-1.º, em Lisboa.

UMA VOZ E UMA VIOLA QUE SE CHAMAM GITTINGS

Gittings e a viola

A fim de participar no III Seminário para Professores de Inglês (que se realiza em Lisboa de 29 do corrente a 3 de Abril) e nas actividades artísticas nele integradas, encontra-se em Portugal o conhecido intérprete norte-americano de musica folclórica John Gittings.

Durante a sua permanência em Portugal, John Gittings interpretará musica folclórica dos «States», além de oferecer uma série de lições demonstrativas desse ramo de arte aos estudantes de Literatura Americana das Universidades de Coimbra e Lisboa e aos professores participantes no Seminário.

No próximo dia 31, á noite, haverá um concerto especial de musica folclórica no Liceu de Camões, em Lisboa, oferecido aos participantes no III Seminário para Professores de Inglês. Com Gittings, claro. Este, que é natural de Carolina do Norte, onde se mantém viva a tradição das primeiras manifestações da musica folclórica, diplomou-se pela Universidade Estadual e tem realizado frequentes digressões artísticas pela Europa, actuando em concertos ou na Rádio. Igualmente tem actuado em festivais internacionais no estrangeiro, representando os Estados Unidos.

O PRIMEIRO DISCO DE JÚLIO CÉSAR

Durante a realização do próximo «ETC» (produção de Francisco Nicholson-Armando Cortez - Angelo Granja e Eugénio Pepe), em pleno auditório (o estudio da «Mundosom») e perante assistência, Julio César vai gravar o seu primeiro disco, a editar pela etiqueta «RR». Mas quem é? — perguntará o leitor. Recordamos: Julio César é um jovem de 23 anos, revelado num dos programas de TV em que participaram elementos das Forças Armadas. Imitador notável, fez parte de um grupo de teatro experimental, na Amadora. Figuras conhecidas de todos têm voz e expressão captadas por Julio César, nomeadamente: Vitorino Nemésio, Fernando Pessa, Artur Anselmo, João Coito, Mário Pereira e Jorge Reis, entre outros. As imitações são perfeitas? Os espectadores (e ouvintes) de «ETC» poderão comprová-lo na tarde do próximo sábado. Julio Cesar firmou contrato a longo prazo com a etiqueta «RR» e vai integrar-se no elenco de um espectáculo musicado a subir á cena muito brevemente.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam: Sérgio Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: António Bessa e Fernando Reis **Consumo mínimo 60$00 ✲ Rua das Taipas, 14 ✲ Tel. 32 72 56.**

BALEEIRA

Elenco seleccionado — almoços a 25$00 ✲ **A noite, consumo mínimo 40$00 — Av. Marginal, 21-22 (Dafundo) — Telef. 21 32 59 ✲ Encerra ás quartas-feiras.**

MIL E UM

cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zita Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, Fernanda Silva Adriana Franco, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — **Cons. mínimo 40$00 ✲ Trav. da Espera, 8 — telef. 35 4 64 ✲ Encerra ás 5 da madrugada.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Camara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Corrêa Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mínimo: 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Telef. 86 0816**

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Armando Miranda Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramim Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» ✲ **Cons. mín. 50$00. R. da Barroca, 133 ✲ Telfs.. 36 97 60 e 30532 ✲ Encerra ás 3.as feiras.**

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra) e Manuel Mestre, Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Borradas (viola) Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha ✲ **Travessa da Queimada, 10-16 ✲ Telfs.: 362889-328503.**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz. Trio Arautos Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira ✲ **Cons. mín. 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs.: 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira.**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga e Benvindo Cruz Tocam: Pedro Calgeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones: 67 66 55 e 67 24 31**

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernanda Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Martinho e Alcindo de Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença Danças regionais por conjunto privativo ✲ **Rua «Diário de Notícias», 107 ✲ Telef.: 32 83 07. ✲ Encerra aos domingos.**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

ADAGGIO

Pop—Soul e Underground ✲ Sempre os ultimos êxitos em discos, recebidos directamente de Inglaterra Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias, das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h. ✲ Rua Carlos dos Reis, 51-A ✲ Telef. 775695.**

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas ✲ Música constante ✲ Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 ✲ Telefone 667264

SANZALA

Um pouco de Africa em Lisboa — Musica constante ✲ **Av. Mare ✲ Telef 367136 ✲ Encerra ás 3 horas.**

a furna
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(à duque de loulé)
53 44 66 56 19 49

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366.**

TAMILA

Morão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69—Tel. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos**

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs. 264521 - 264526-264596-264621-264946.**

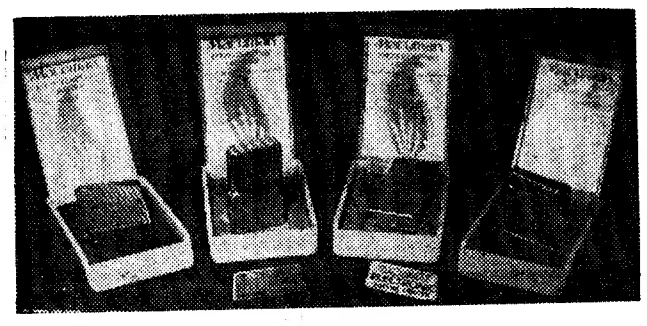
HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Hélder Reis ✲ Encerrada aos domingos

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef 530171.

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"



QUATRO ISQUEIROS «MARUMAN»

Quatro isqueiros «Maruman» de bolso são também prémios da nossa iniciativa. Trata-se duma marca japonesa de grande classe que através dos modelos produzidos evidencia o domínio da técnica mais avançada

TERMINOU A RECEPÇÃO DOS CUPÕES-DUPLOS

Terminou ontem o prazo de recepção dos cupões-duplos de identificação dos participantes na iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa». Apenas serão considerados os cupões-duplos enviados pelo correio com o carimbo de 25. Todos os que forem posteriormente remetidos serão eliminados

Continuam a ser enviados diàriamente os cartões de identidade com o número que habilitará os participantes ao sorteio de óptimos prémios, o primeiro dos quais é o maior até agora instituído na história da Imprensa portuguesa: nem mais nem menos que um andar no Parque Residencial e Turístico de Miraflores (com mobiliário Gibo) e um luxuoso automóvel «Mercedes - Benz - -220», com valor total superior a mil contos. A demora no envio dos cartões de identidade deve-se, exclusivamente, à grande aglomeração de cupões-duplos de identificação e à morosidade da classificação por ordem alfabética e numérica dos participantes.

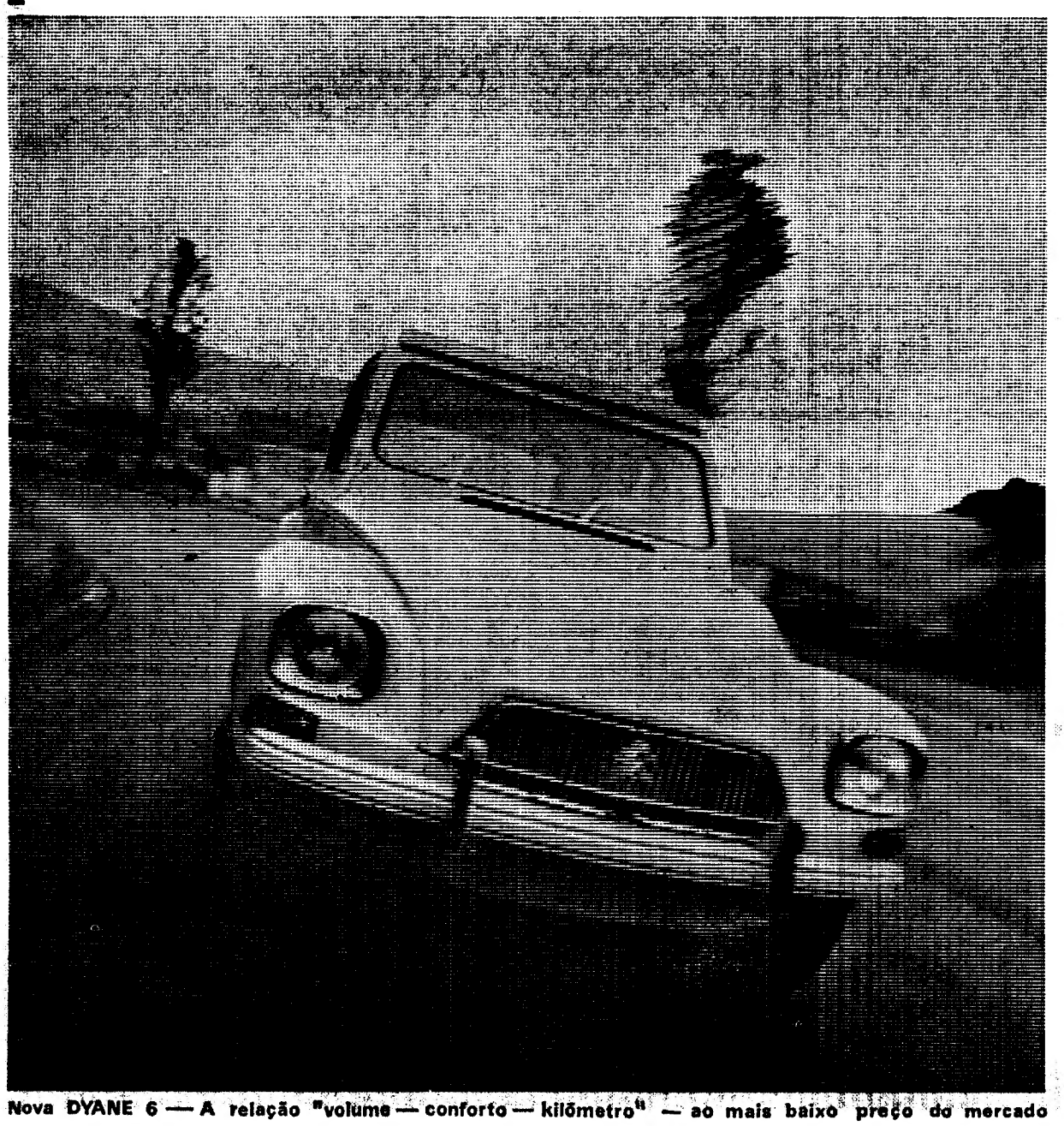
Podemos no entanto garantir que os cartões de identidade vão chegar aos seus possuidores antes da data marcada para a realização do sorteio.

Esclarecemos ainda e mais uma vez que é indispensável possuir a colecção de «cabeçalhos» dos «Diário de Lisboa», publicados entre 2 de Janeiro e 31 de Março para poder receber o prémio que porventura lhe seja atribuído em sorteio.

NOVA

estrada livre para a DYANE 6 CITROËN

A estrada é sua. Pise o acelerador. Deixe-se levar pela sua Dyane. Ela se encarregará de manter a velocidade média que lhe imprimir. Graças ao seu refrigerador de óleo. Quatro rodas correndo velozmente. Em contacto directo com o solo. Independentes. Para sua segurança. Técnica Citroën, pois claro. A sua Dyane. Gasolina? Muito pouca. Isso chega. Mesmo a médias elevadas. Como lhe convém. 120 km/h, 6 l. aos 100 km à média de 80 km/h. Isto é a sua Dyane 6.



Nova DYANE 6 — A relação "volume — conforto — kilómetro" — ao mais baixo preço do mercado

A IMPORTAÇÃO DE PRODUTOS NACIONAIS POR ANGOLA E MOÇAMBIQUE

PORTO, 26 — Sob a presidência do sr. eng.º Mário Borges, reuniu-se a direcção da Associação Industrial Portuense, que, entre outros assuntos, apreciou o estudo dos termos em que se fará a escritura de compra dos terrenos para o Pavilhão de Exposições, no Parque da Cidade, á Boavista, e o processo com elementos e documentação referente ao reflexo das medidas restritivas á importação por Angola e Moçambique de produtos de origem nacional nos diversos sectores industriais, que deliberou fosse enviado á Presidência do Conselho.

Foram, também, apreciados os estudos de natureza económica que estão a decorrer em colaboração com o Fundo de Fomento de Exportação e o Banco de Fomento Nacional, e os já começados e a continuar sobre a proposta de lei de Fomento Industrial, ultimamente enviada pelo Governo á Câmara Corporativa.

ACTIVIDADES DA C. O. P. R. A. I.

Começaram na Comissão de Produtividade da Associação Industrial Portuguesa dois novos cursos: «As técnicas audiovisuais na formação e informação», a cargo do eng. Reis Santos, e «Preparação de recepcionistas», sob coordenação da sr.ª D. Marília Teixeira.

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO CARREGADORES AÇOREANOS

N/M «AÇORES»

Sai de Lisboa no dia 3 de Abril para

N. YORK
BOSTON (se convier)
FILADELFIA
BALTIMORE
NORFOLK (se convier)

Aceitam-se cargas.

Contacte com os nossos serviços na

Avenida D. Carlos I, 42-4.º

Tel. 690151 LISBOA - 2

O julgamento do caso da herança Sommer

Na última audiência do julgamento do caso da herança Sommer, o debate andou á volta da contradita apresentada na sessão anterior pelo dr. Sidónio Rito, que, assim, pretende demonstrar que a testemunha sr. Constantino Esteves Sobral prestou um depoimento que não corresponde á realidade dos factos.

Logo no início, porém, foi ditado para a acta: «Pelo presidente foi dito que o tribunal, tendo examinado e ponderado os fundamentos da contradita deduzida pelo réu revel contra a testemunha Constantino Esteves Sobral, decide admiti-la, pois que, muito embora, no rigor dos princípios, a matéria consubstanciada naqueles respeite mais á veracidade intrínseca do depoimento do que á razão de ciência invocada pela testemunha ou á fé que esta possa merecer, certo é que as circunstâncias invocadas podem abalar o crédito da testemunha.»

Seguidamente, o juiz-presidente leu a contradita e explicou o que se pretendia com ela.

O sr. Constantino Sobral: «Venho numa situação martirizada. Eu quis esquecer tudo. Nunca mais dormi. Ontem não fui ao emprego. Há aí uma maquinação cruel e horrível. Não sei se estarei em condições físicas.»

O presidente advertiu-o de que se não se sentisse em condições físicas e mentais, podia dizê-lo.

O declarante afirmou que era seu desejo antes de propriamente responder a cada uma das matérias contidas na contradita, dar uma explicação geral que facilitará aquelas respostas, pois o depoente considera-se vítima de uma maquinação horrível e de baixa moral, o que o Tribunal autorizou.

Sobre o assunto, o sr. corregedor Bernardino de Sousa ditou para acta: «O depoente só tem para oferecer ao tribunal a sua boa vontade de informar, servida pelo mais honesto intuito, mas não pode certamente competir com a defesa do réu revel, servida por uma «máquina» diabólica, que visa transformar as pessoas num farrapo humano e triturá-las de qualquer maneira, desde que não sigam os seus desígnios.

«Parece ao depoente que custa muito ser honesto e que quem o for terá de pagar um pesado tributo, mas nem apesarar disso o depoente deixará de o ser — honesto.

«O depoente não deseja dramatizar, mas a verdade é que era um drama terrível trabalhar para o sr. António Champalimaud na Casa Sommer.

«Se o depoente fosse a relatar com pormenores o que esse drama representava, em vez de um estaria certamente 2 ou 3 meses a depor.

«Enquanto trabalhou na Casa Sommer, vários indivíduos foram pressionados por António Champalimaud para fazer declarações e ameaçados se as não fizessem.

«O declarante foi talvez das pessoas que mais se defendeu dessas exigências e, apesar disso, não pôde libertar-se de ter feito — sabe lá — centenas de declarações.

«O depoente viu-se de tal modo pressionado pelas exigências dessas declarações, que, decepcionado e desesperado, resolveu sair da Casa Sommer, e sem sequer ter emprego noutra casa.

«Após a sua saída da Casa Sommer, o depoente foi convidado para desempenhar funções na casa que actualmente serve, mas era tão grande a sua depressão nervosa que teve de pedir um adiamento de 2 meses para recompor o seu estado de saúde.

«O mesmo aconteceu em relação a outros funcionários, quanto a pressões e ameaças neles exercidas para o fornecimento de declarações».

Segue-se referência concreta a dois funcionários, Julio Costa e Armando Perestrelo, o primeiro dos quais, segundo supõe o depoente, «faleceu em consequência de uma angina de peito motivada pelas preocupações resultantes daquele ambiente em que vivia».

Interrogado concretamente sobre cada um dos pontos da matéria da contradita, disse: «Não se lembra de ter escrito a carta referida na contradita, com a data de 9 de Julho de 1968. Antes de mais, acha muito estranha essa data, pois que, sendo relativamente recente, dela se deveria recordar.»

O resto da audiência foi preenchido pela discussão deste ponto e o sr. Constantino Sobral fez o respectivo depoimento:

Os trabalhos continuaram esta tarde.

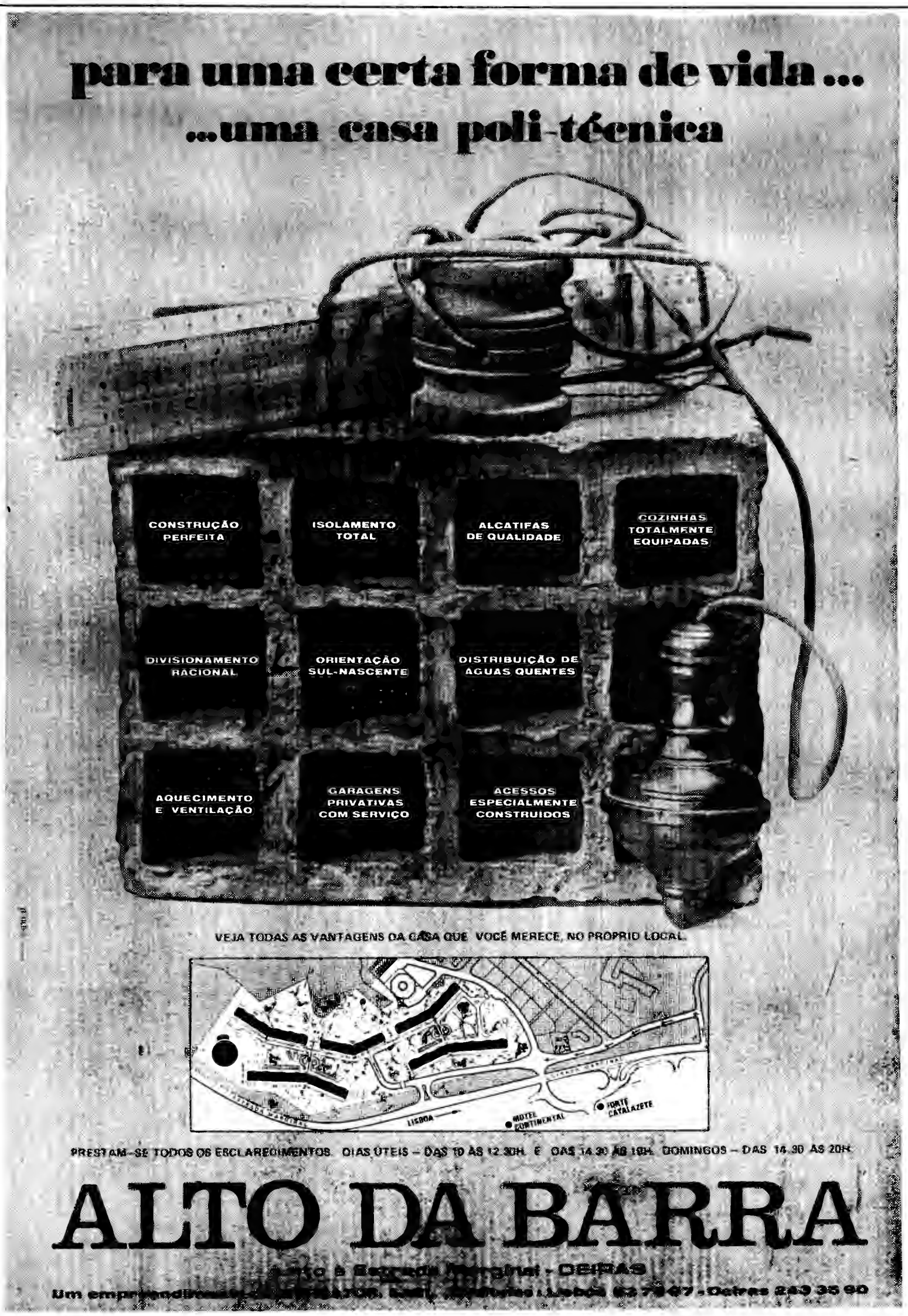
PRÉMIO ANDERSEN-1972 DE LITERATURA INFANTIL

Foi já constituído o juri para escolha do autor português de obras para crianças que reuna os méritos necessários para concorrer ao Prémio Andersen-1972 de Literatura Infantil.

O galardão é conferido de dois em dois anos a um escritor desta especialidade literária pelo International Board on Books for Young People (IBBY), com sede na Suíça, depois de apreciadas por um juri internacional, as obras seleccionadas por cada país. O referido juri nacional é composto pelos srs. drs. Alfredo Gulsado e Calvet de Magalhães, dr.ª Maria Helena Baptista Lucas, D. Maria da Luz de Deus Ponces de Carvalho e D. Maria do Sameiro Souto.

SOCIEDADE PORTUGUESA DE PSICOLOGIA

Foi convocada para o dia 31, ás 21 horas, na respectiva sede, á Av. Magalhães de Lima, 6, 1.º, dt.º, a assembleia geral ordinária da Sociedade Portuguesa de Psicologia, que apreciará o relatório e contas do exercício de 1970.



«Por detrás desta porta, é a nascente cuja água se provou estar inquinada», diz-nos o funcionário dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Sintra que nos levou á nascente do Duche

INFORMA A CÂMARA DE SINTRA:

OS HABITANTES DA ZONA DA PRAIA DAS
JÁ NÃO PRECISAM DE FERVER A ÁG
PORQUE DESAPARECERAM AS INQUINAÇÕ
• MAS OUTROS PROBLEMAS SE LEVANTA

Os moradores da zona da Praia das Maçãs — foi-nos dito por um técnico da Câmara Municipal de Sintra — já não têm necessidade de ferver a água de consumo. Tal medida profiláctica fora aconselhada quando da recente epidemia de febre tifóide registada naquela região e, dado que não tinham surgido indicações em contrário, muitas pessoas continuavam a tomar essa precaução. Foi o que nos disseram alguns leitores.

A Câmara Municipal de Sintra, que tem mandado analisar os seus recursos aquícolas, com periodicidade, ao que nos disseram, não pode garantir as águas de certos poços e de certas fontes particulares da região. A inquinação pode dar-se até pelo facto de pouco ter chovido nestes ultimos tempos.

Segundo o técnico de águas e esgotos da C. M. S., eng. Capucho Amaro, todas as análises feitas ultimamente têm dado negativas. Tal sucedeu com as efectuadas em 18 do mês passado e em 1 e 9 do corrente, por exemplo, em diversos locais, tais como: Rua Alfredo da Costa (Sintra), Largo do Vítor (Sintra), Chafariz da Rua Sotto-Mayor (Sintra), Café Central (Janas), Banzão, Praia das Maçãs...

Como na altura foi revelado, encontraram-se vestígios de inquinação, por altura da epidemia, na nascente do Duche, situada na própria vila de Sintra e que reforçava o abastecimento de água á zona da Praia das Maçãs. Logo que surgiram sinais de perigo, como o técnico já citado nos disse, foi imediatamente desligado o abastecimento de reforço constituído pela nascente do Duche, ficando apenas o de Carenque (por Fontanelas) — ou seja, água de Lisboa.

Não há dinheiro que pague a saúde

Actualmente toda a região da Praia das Maças continua a ser abastecida por água que vem de Lisboa (Carenque), já devidamente tratada. O resto do concelho de Sintra, além de receber a água de Carenque e como não foram detectados sinais de inquinação nas restantes nascentes da região, tem o abastecimento reforçado pelas mesmas. São elas: Capuchos, Queimada Alta, Queimada Baixa, Urca, Santa Eufémia, Vale de Lobos e Quinta Grande. A nascente do Duche — conforme sublinhou o eng. Capucho Amaro — continua fechada.

Em resumo: Sintra é agora abastecida por Carenque e por nascentes que não oferecem duvidas quanto á qualidade da sua água — é uma informação dos Serviços Municipalizados.

Julgamos que nem sempre ficará fechada a nascente do Duche, dado que as necessidades do concelho não devem permitir medida tão drástica, nem seria necessário, mas não entrará em funcionamento por enquanto.

A Direcção-Geral de Saúde, por seu turno, também se tem preocupado com o que sucedeu em Sintra — e o caso não é para menos — enviando técnicos, periódicamente, ao concelho. A Saúde Pública não pode, de modo algum, ser descurada, custe (monetáriamente) o que custar. É a unica posição — cremos — que o publico consumidor pode aceitar.

As águas do concelho de Sintra estão a ser tratadas com particular cuidado e encontram-se sob vigilância. Porquê? Muito particularmente, sem querermos ser injustos, devido ao facto de lá se ter registado um surto de febre tifóide...

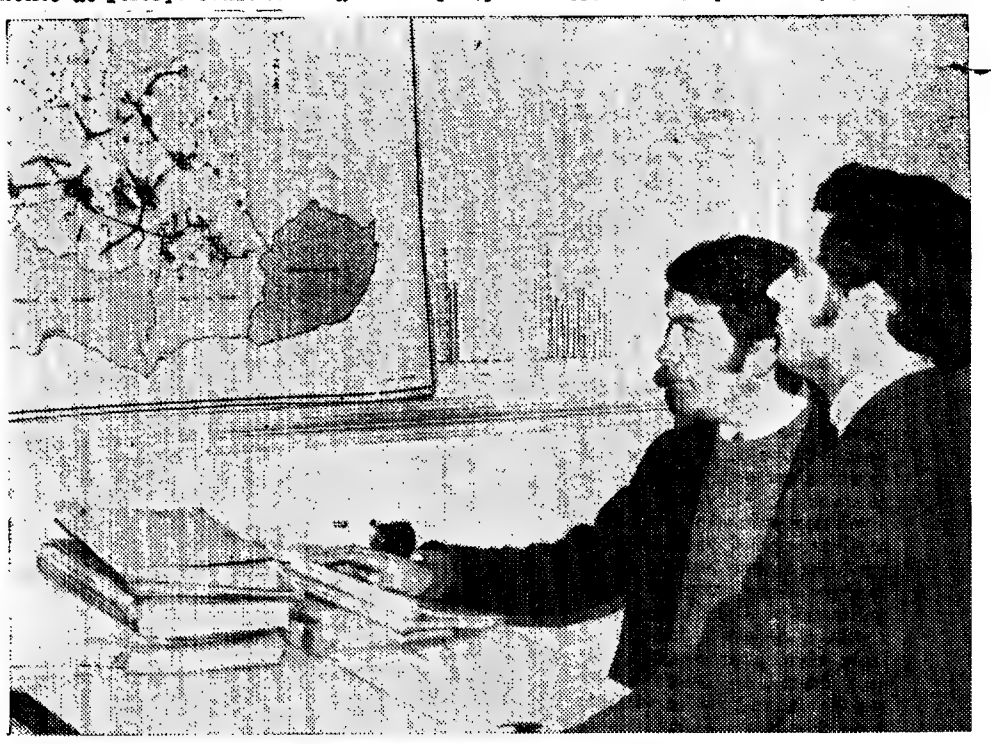
As águas, sem sombra de duvida, deviam ser analisadas com uma periodicidade particularmente acentuada. Semanal? Os técnicos o dirão. É claro que isso envolveria o apetrechamento das Camaras Municipais e muitas haverá que não possuem recursos para tanto.

Mas será impossível registarem-se surtos de febre tifóide noutros pontos do país, por falta de vigilância dos aproveitamentos aquícolas? Já foi dito, na altura do surto na região da Praia das Maças, que a febre tifóide não constitui actualmente, doença com muita gravidade. Mas exige tratamentos dispendiosos e, como sucede com todas as doenças contagiosas, provoca um estado de inquietação que, cremos, as autoridades têm o dever de evitar.

Para breve a conduta para Algueirão-Mem-Martins

É claro que o problema de abastecimento de água ao concelho de Sintra tem dado que falar. Lembremo-nos dos habitantes da zona de Algueirão-Mem-Martins, das faltas de água em que se debatiam, tal como noticiámos, há tempos. Marginalmente, foi-nos dito, pelo eng. Capucho Amaro, que a conduta de «400» — capaz de resolver o problema, pelo menos enquanto a população da área não registar grande aumento — deve entrar em funcionamento dentro de poucos dias. Entretanto, conforme acrescentou aquele técnico, muito debelado já se encontra esse problema, mesmo sem a conduta de «400» a funcionar em pleno.

Mas voltemos ao surto de febre tifóide, registado na região da Praia das Maçãs, para acrescentar que, segundo nos informaram do Hospital Regional de Sintra, não têm já em tratamento qualsquer pessoas atacadas por essa doença. É claro que podem surgir, ainda, alguns casos isolados (recordemo-nos de que se trata de doença contagiosa).



O eng.º Capucho Amaro explica que a região da Praia das Maças está a ser abastecida, exclusivamente, com água de Lisboa, por Fontanelas, como o mapa regista

A INFORMAÇÃO OFICIAL

«Depois de análises biológicas feitas repetidas vezes ás águas de consumo fornecidas pelos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Sintra, estes asseguram que as mesmas se encontram bacteriológicamente puras, não carecendo de qualquer cuidado especial quanto ao seu consumo. As águas não fornecidas por estes Serviços, com excepção da água da fonte da Sabuga, também bacteriológicamente pura, deverão ser sujeitas a fervura prévia».

Planeamento da Cova da Beira

COVILHÃ, 26 — O eng.º Armando da Palma Carlos, director-geral dos Serviços Hidráulicos, visitou a Cova da Beira, com o fim de proceder a uma análise local dos problemas da Zona, colher opiniões de diversas entidades, verificar a posição dos estudos que decorrem e recolher elementos para o estabelecimento do programa definitivo dos estudos a realizar.

Presidiu nomeadamente, em Manteigas a uma reunião de trabalho, em que participaram os governadores civis da Guarda e de Castelo Branco, os presidentes das Câmaras Municipais com áreas influenciadas pelo esquema do regadio e todos os membros do grupo de trabalho para o planeamento da Cova da Beira.

CONFORTO E ELEGANCIA NO DESPORTO

Com o fato de desporto "HELANCA", você tem a sensação de estar vivendo noutro clima...
Porquê castigar o corpo aprisionando-o em tecido não apropriado?
"HELANCA" permite-lhe os mais variados exercícios com liberdade total dos movimentos.
"HELANCA" é elegante, confortável, resistente e indeformável

Helanca® veste jovem

FIO PRODUZIDO POR Somelos

ESTES FATOS DE DESPORTO ESTÃO EXPOSTOS COM A MARCA **FRIOLAX** NO V SALÃO NAUTICAMPO NA FIL (STAND **SOMELOS**)

...AS MAÇÃS
...ÁGUA
...AÇÕES
...ANTAM...

Relacionado directamente com problemas de saúde pública na região da Praia das Maçãs, outro problema surge: não existem ali esgotos. Segundo o eng. Capucho Amaro, já se encontra elaborado um projecto para dotar aquela zona com uma rede de esgotos, mas é obra da ordem dos 20 000 a 30 000 contos. Compreende-se, portanto, que não seja para já. Por enquanto, as casas estão dotadas de fossas sépticas (todas?), onde se acumulam os detritos. Essas fossas **devem** ser despejadas periódicamente, variando o tempo de despejo em função da permeabilidade do terreno (os detritos vão-se infiltrando). De um modo geral, a fossa séptica deve ser despejada de mês a mês, ou pelo menos, de dois em dois meses. Acontece que, segundo nos afirmaram, há proprietários que levam dois anos para despejar as fossas... e, ás vezes, mais! E porquê? O despejo está a cargo deles e, para tanto, devem fazer uma requisição á Câmara Municipal de Sintra, para que os serviços competentes enviem o carro limpa-fossas. Tal serviço é pago.

O despejo fica por 52$50 cada metro cubico, acrescido da importância de 15$00 por quilómetro percorrido pelo veículo. O despejo de uma fossa, geralmente, fica por cerca de 200$00.

Uma fossa bem feita, pode ser despejada de 4 em 4 meses. E, vamos lá, 200$ de 4 em 4 meses, para o proprietário de uma moradia, não parece ser grande despesa...

Um buraco não é uma fossa séptica...

Ocupemo-nos, agora, dos habitantes das pequenas localidades dos arredores da vila. Sim, para esses, requisitar o carro limpa-fossas já constitui, com toda a certeza, encargo de certa monta. E haverá mesmo fossas sépticas por lá?

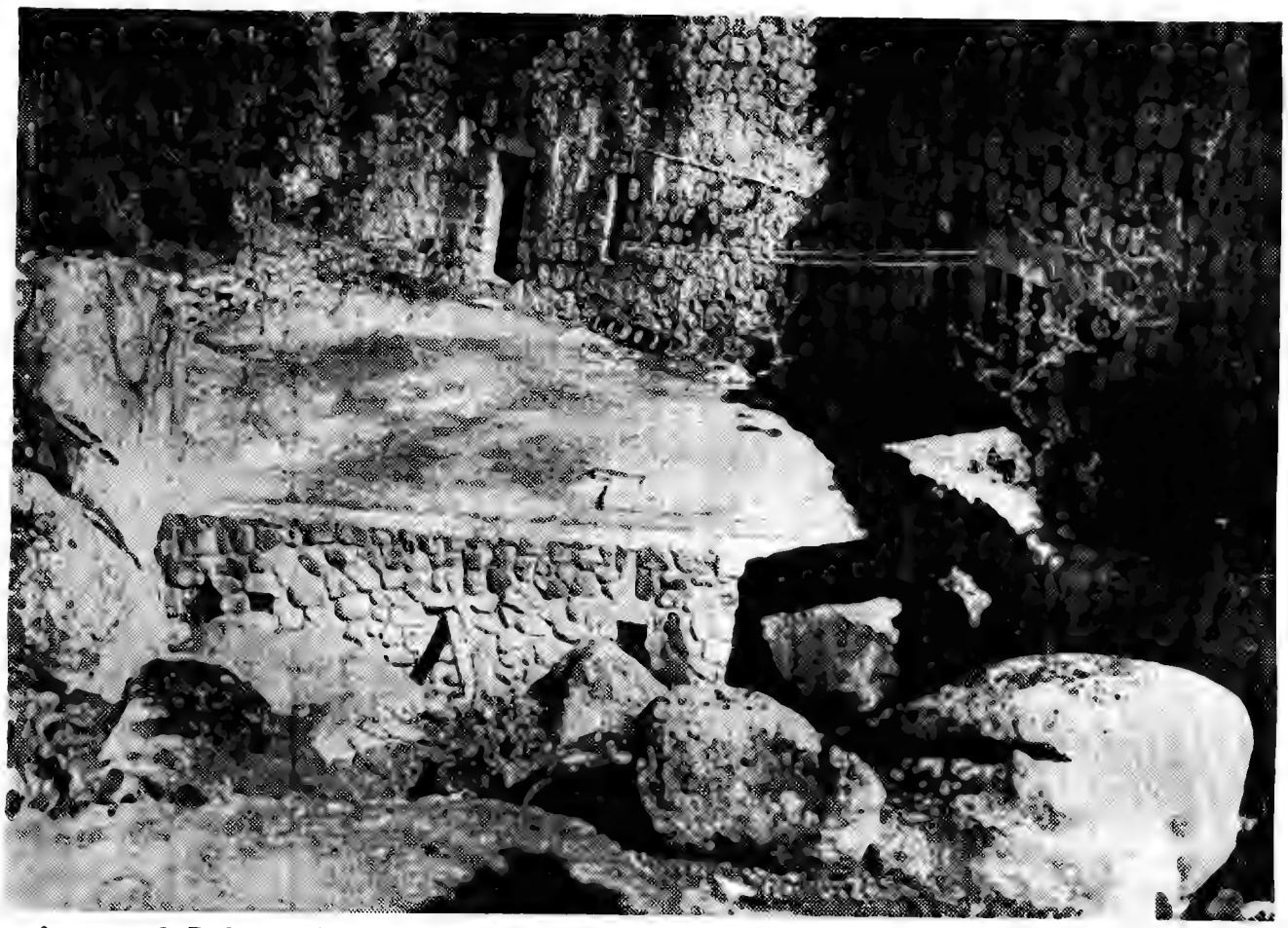
— **Há sempre um buraco para deitar os dejectos**... — foi-nos dito

Chegará? Compreende-se que seja impossível, para já, a construção de uma rede de esgotos, que importaria em 30 000 contos, mas não seria possível construir fossas sépticas para as casas das pessoas mais necessitadas?

E fornecer o carro limpa-fossas, digamos, a preço mais módico?

Outra medida que se impõe, embora possa envolver mais encargos para os serviços competentes, é uma fiscalização adequada dos esgotos e fossas de toda a região. E, no que toca ás moradias, porque não anotar a altura em que as respectivas fossas devem ser despejadas, de modo a não constituírem um perigo para a saúde publica?

Tal fiscalização conviria que fosse extensiva a certas irregularidades, que, segundo nos afirmaram, se praticam (por exemplo) na zona da Praia das Maçãs, ainda no capítulo das fossas sépticas. Certas pessoas — foi-nos dito — para prolongarem o período de despejo da fossa, fazem ligações (clandestinas) para a via publica, «ignorando» o perigo que isso representa. Outros há que fazem idênticas ligações para o mar — isto numa zona onde as praias constituem o principal atractivo e, vamos lá, numa altura em que a propaganda oficial diz a toda a hora: «mantenham o País limpo, porque todos lucrarão»...



A nascente do Duche encontra-se fechada, mas as restantes, onde não foram detectados quaisquer indícios de inquinação, continuam a reforçar o abastecimento de água ao concelho

ESTRUTURAÇÃO DOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA C. M. S.

A Câmara Municipal de Sintra, reunida sob a presidência do sr. António José Pereira Forjaz, deliberou, por unanimidade, homologar a decisão do conselho de administração dos respectivos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento, para despender a verba total de 2 324 226$70 nas seguintes realizações: 170 contos para estudo e montagem da nova estruturação daquele departamento; 949 436$00 para execução dos trabalhos da empreitada de colectores de esgotos na Av. D. Nuno Alvares Pereira, em Cacém; 202 757$60, destinados á aquisição de bocas de incêndio, torneiras, bocais, portinholas, etc.; 1 150 000$00, para compra de 2500 contadores volumétricos para água; 44 112$50, para o fornecimento de válvulas; 48 524$50, para compra de tampas de saneamento; e 364 394$10 para aquisição de tubagem, juntas e acessórios.

GENÈVE

Só em 29 de Abril
2.660$00 — 4 dias/4 noites
Incluindo:
1) Passagem aérea de ida e volta em avião a jacto.
2) Assistência e transferes à chegada e partida.
3) Alojamento e pequeno almoço.
4) Beberete de boas vindas.
5) Jantar num bom restaurante suíço com «bondue».
6) Serviços de guaias e intérpretes em todas as visitas, deslocações e transferes.
7) Acompanhante da Agência Capristanos.
8) Todos os serviços e taxas incluindo as de aeroportos.

Uma iniciativa de:
CLUBE DE TURISMO DO ATLÂNTICO
Rua Bernardo Lima, 47-2.º, Esq.º / Telef. 561946
Com assistência técnica de:
CAPRISTANOS TURISMO
Avenida Duque de Loulé, 47
Telef. 560171

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto ás pessoas de amizade.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Em LEIRIA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Baltazar & Rodrigues, Rotunda de Santana, 1.

Jackie Stewart gosta da família o Ford Escort também

A partir de Esc. 60.142$40*

Jackie Stewart é um campeão. O Ford Escort também. Jackie Stewart gosta da família. O Ford Escort também.
Há 2 maneiras de definir o Escort: o carro familiar mais desportivo ou o carro desportivo mais familiar. De uma ou de outra maneira, é o carro mais económico da sua classe. Económico na compra. Económico na manutenção. Esteja ele cheio de família ou cheio de genica.
Uma, duas portas. Ou uma, duas, três, quatro portas! Ou Station! Nas versões 1100 ou 1300 GT. Ou ainda um dos modelos super-desportivos: Escort Twin Cam, Escort 1600 RS ou Escort México.

Têm todos a garra Escort.
São todos Ford Escort.

*Inclui equipamento extra, e taxa FFE. Não inclui despesas de transporte, transferência, chapas de matrícula e outras afins.

Ford à frente

À sua disposição nos Concessionários FORD

Apoiado pelo Serviço e Peças Ford

CIESA-NCK -E-22

Atingiu 1 738 978 834 kwh a energia vendida em 1970 pela União Eléctrica Portuguesa

É um documento esclarecedor sobre a evolução da economia portuguesa que não apenas sobre a evolução da empresa o «Relatório e Balanço da União Eléctrica Portuguesa» relativo á gerência de 1970. O ramo industrial em que a companhia opera é dos mais sensíveis e também daqueles por onde melhor se pode aferir o progresso, estagnação ou retrocesso das populações.

Por sinal que, trabalhando em duas grandes regiões do País, até nesse facto se pode seguir a evolução de ambas e a forma como se processa. O relatório não deixa de assinalar o facto e tirar dele conclusões, para o Norte e para o Sul. Havemos de ver quais.

Produção e venda de energia

As redes da União Eléctrica Portuguesa foram abastecidas fundamentalmente com energia das centrais da rede primária (Companhia Portuguesa de Electricidade), uma vez que «a central do Lindoso registou apenas a produção de 212 639 654 kwh, resultado de um ano hidrológico de fraco coeficiente de hidraulicidade». Acrescenta o relatório: «Esta situação implica especiais cuidados na venda de energia, pois qualquer variação nas condições de aquisição àquela companhia tem imediato reflexo no custo da distribuição».

«A energia vendida atingiu 1 738 978 834 kwh contra 1 588 454 033 kwh em 1969, pelo que se registou um aumento de 155 524 801 kwh correspondente a 9,8%».

Diz-nos também o relatório que «o numero de clientes em alta tensão passou a ser 1271 com uma potência total de 979,6 MVA» E depois: «Além dos contratos com novos clientes houve que renovar muitos outros, pelo que a actividade da empresa neste domínio foi intensa, a fim de podermos corresponder ás necessidades dos clientes». Anuncia ainda, já em 1971, um novo contrato com a Camara Municipal de Coimbra, «conjuntamente com a Companhia Eléctrica das Beiras, para o abastecimento do respectivo concelho durante os próximos dez anos»

Obras e projectos

Diz-nos o relatório ter sido intensa a actividade dos serviços técnicos. A rede de alta tensão atingiu 4013 km, com um aumento de 181 km em relação ao ano anterior. «Continua o crescimento da rede a 15 kv, que é a tensão de quase todos os ramais destinados á ligação dos novos consumidores; e diminui, embora lentamente a extensão da rede de 6 kv que está sendo substituída pela de 15 kv».

Quanto á baixa tensão: «Trata-se dentro do campo da distribuição de energia eléctrica, de uma actividade bem específica carecida de estrutura adequada e cuja rendabilidade própria só poderá assegurar-se a partir de determinada dimensão e de determinado consumo. Estamos certos de que os problemas criados pela insuficiente dimensão das entidades, a quem está cometida a distribuição em baixa tensão, encontrariam solução eficaz uma vez que as concessões da pequena distribuição se integrassem nos concessionários da grande distribuição»

E depois: «Seria esta uma forma de, pelo aproveitamento dos órgãos da gestão, quadros técnicos e meios de financiamento, assegurar uma exploração com menores encargos e portanto um serviço em melhores condições para o consumidor».

Diz-nos ainda o relatório já terem sido renovados os contratos de concessão de pequena distribuição nos concelhos de Almada e Sesimbra, esperando-se renovar outros no decorrer de 1971.

O Norte e o Sul

Diz o relatório: «As duas grandes zonas em que a sociedade exerce a sua acção, no Norte e no Sul, foram objecto de um esforço de investimento em 1970 que, em capitais fixos e em capitais circulantes afectos ao serviço das duas regiões, ultrapassou os 145 000 contos».

E depois de outras reflexões documentadas em numeros, diz-nos o mesmo relatório:

«O investimento *per capita* da «população servida», feito em 1970 pela U. E. P., nos concelhos atingidos pelo seu sistema de distribuição (censo de base da Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos do ano anterior e com exclusão de Porto-cidade), foi o seguinte:

— no Norte: em capitais fixos, 19$34; em capitais circulantes 30$54, no total de 49$88.
— no Sul: em capitais fixos e com exclusão do investimento privativo da pequena distribuição, 97$45; em capitais circulantes, 40$45, no total de 137$90.

divergência que repercute também, como é natural, as conhecidas diferenças de densidade demográficas das duas regiões.

No importante sector da baixa tensão, ao qual a U. E. P. tem vindo a dedicar especiais cuidados, a empresa fez também um elevado esforço de investimento, em 1970, que se traduziu por pouco menos de 100$00 *per capita* (exactamente: 96$29), em relação á «população servida».

Actividade social

Devido a novo contrato de trabalho houve que aumentar os vencimentos dos funcionários.

No relatório se diz que, na actividade social, despendeu a empresa em 1970, o total de 23 694 contos dos quais 9187 contribuição obrigatória para a Caixa de Previdência.

Eng.º Paulo de Barros

Presta-se homenagem, no relatório, á memória do eng.º Paulo de Barros que «durante mais de trinta e seis anos serviu a U. E. P. com entusiasmo, dedicação e competência inexcedíveis, sendo cerca de trinta desses anos na gerência da nossa sociedade em conjunto e em fraternal entendimento com o engenheiro Mamede Fialho».

O eng.º Mamede Fialho ficou director-gerente, assistido no Norte pelo eng.º Raul Bessa e no Sul pelo eng.º Luís Calheiros Braga, na qualidade de subdirectores.

Resultados do exercício

Os resultados do exercício foram, em 1971, de 54 638 contos. Para eles propõe o Conselho de Administração a divisão seguinte: 3 mil contos para reserva legal; 4354 para gratificação a todo o pessoal, ou seja 10% sobre o dividendo; 3733 para o novo exercício; e 43 549 contos para dividendo.

Os corpos gerentes

Preside á assembleia geral o sr. Eduardo Furtado, sendo o conselho de administração constituído pelos srs. *com.te José Francisco Corrêa Matoso*, presidente; *Victor de Urrutia y Usaola; dr. João Ruella Ramos, José María de Oriol y Urquijo, prof. Fernando Baeta Bissaya Barreto, Enrique de Uriarte y Humaran, prof. Alexandre Alberto de Sousa Pinto, Emílio de Usaola y Barrenengoa, Julio de la Mora y Garay e dr. José Gualberto de Sá Carneiro.*

O conselho fiscal é constituído pelos srs. *drs. Francisco de Sá Carneiro*, presidente; *Armando de Sousa Correia Barbosa e Pedro Trueba Orbea.*

Em dia com A MODA

Eis um conjunto extremamente sóbrio e original — vestido e casaco no mesmo «tweed» inglês de mescla castanha e branca, em desenho modernissimo — assinado por Pierre Cardin. O efeito é leve, luminoso. Abotoado ao lado, o vestido usa-se com o cinto largo e ousado que a fotografia mostra

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento em Lavradio, concelho do Barreiro, da modificação da linha aérea a 60 kV, COINA-UFA, com um aumento de 7 m no comprimento, e incluindo a substituição e o deslocamento do apoio n.º 39, no Lavradio.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Camara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 16 de Março de 1971.
O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66

TEM PRÉDIO? TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

SR. CAPITALISTA
Faça progredir o seu capital com um bom e seguro rendimento, investindo-o com sólidas e reais garantias em HIPOTECAS de propriedades.
ORCOSI
Rua 1.º Dezembro, 45-3.º
LISBOA
Telefs. 36 74 44 - 32 31 72

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento, na freguesia de Amora, concelho de Seixal, de uma linha aérea a 30 kV, com 21 m, do apoio n.º 8 da linha para Vale de Milhaços (RA 30-5-10) ao posto de transformação n.º 30-3-085, em Cabouca.

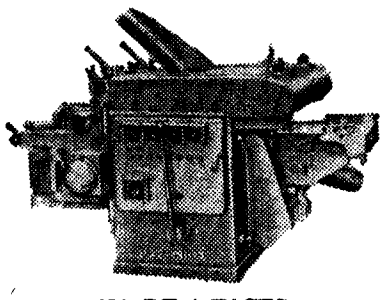
Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Camara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 16 de Março de 1971
O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

«MIDA»

UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA



...AINA DE 4 FACES
Mod. P 4 E

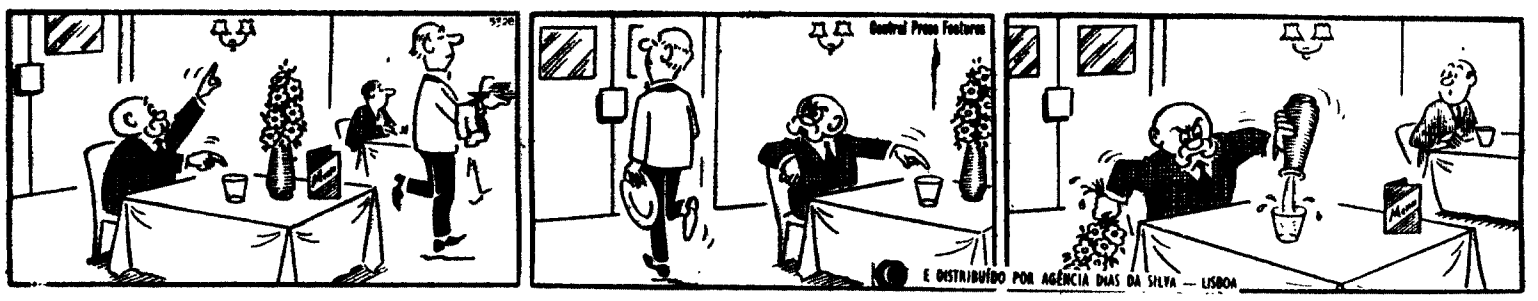
Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

OS PEANUTS

CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 26 de Março de 1941 publicava:

«O Banco de Portugal baixou a sua taxa de juros de 4 1/4 para 4%, mostrando assim que deseja concorrer para o desafogo económico do país.

Desde que a hora é de sacrifício, o nosso primeiro estabelecimento de crédito entende e muito bem que todos os egoísmos são reprováveis.»

OS ESGOTOS DE ÍLHAVO

ÍLHAVO, 26 — Continuam em bom ritmo as obras que a Câmara Municipal encetou, já há alguns dias, na pavimentação e restauração dos esgotos na Praça da República e Rua de Santo António.

Foi, por isso, necessário desviar o trânsito para Cima de Vila, o que vem do Sul, e para a Avenida Marechal Carmona o que vem do Norte. Se o tempo ajudar, ficarão as obras prontas dentro de breves dias, seguindo depois o trânsito o seu curso normal.

LUSTRES

de requinte antigo e moderno para o seu lar
Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203, r/c., esq. (ao Campo Pequeno) — Telefone 77 16 39
VENDA AO PÚBLICO

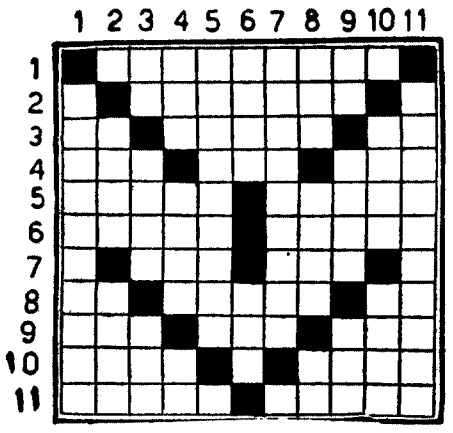
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5844

HORIZONTAIS: 1 — Bofetões 2 — Cora. 3 — Radio (s. q). Roladores. Preposição. 4 — Pronome pessoal. Maior. Medida de líquidos da Suíça. 5 — Cadela. Venábulo 6 — Soluços Voejar. 7 — Suspiros. Ofereci. 8 — Antes de Cristo. Normas de procedimento. Crença. 9 — Origem. Saudáveis. Prefixo que designa ar. 10 — Favoreço (inv.). Freguesia do concelho de Castelo Branco 11 — Remedeiem. Nascente de água (pl).

VERTICAIS: 1 — Vacilamos 2 — Acolá Pesquisa. 3 — Cálcio (s. q). (Inv.). Espeta o arpéu em. Aventureiro francês que apareceu vestido de mulher na corte da czarina Isabel. 4 — Colocar. Carril (Cam. Fer). Preposição. 5 — Cercasses com arames. 6 — Caule. Madre. 7 — Vigilantes. 8 — Ofereces. Cidade de França. Mil e cinquenta em romano. 9 — Preposição e artigo definido. Lavrei. Primeiro nome de uma rainha do Egipto 10 — Oferecida. Germe 11 — Afligiras



Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5843

HORIZONTAIS: 1 — Prometer. Ba. 2 — Salas. Oom. 3 — OU. Omo. OITO. 4 — Sra. Mator. 5 — Aoto. Pare. 6 — Antonina. 7 — Acera. Atos. 8 — Arani. Ana. 9 — Lida. Tem. OU. 10 — Ida. Pelai. 11 — Ma Remordia.

VERTICAIS: 1 — Prosas Alum. 2 — Uro Árida. 3 — Os. Atacado. 4 — Mão. Onera. 5 — Elmo. Tri. Pé 6 — Tão. Poá. Tem. 7 — Es. Man. Velo. 8 — Airão Mar. 9 — OITENTA. Id. 10 — Bota. Aaro 11 — Amora. Sauda.

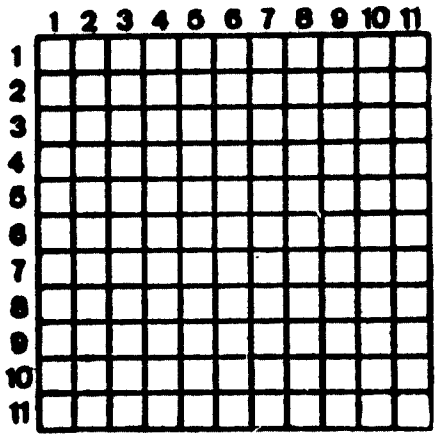
Provérbio: OU OITO OU OITENTA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9687

HORIZONTAIS: 1 — Capital do Escócia 2 — Disfarçaria (fig.) 3 — Batináquio. Apelido. Quinhentos e cinquenta em romano. 4 — Espécie de manto usado pelos beduínos Ofereces Governador de algumas províncias árabes 5 — Desmanchariam. 6 — Solitário. Sufixo que designa estado. 7 — Ganchos de puxar a palha para a manjedoura (pl.). 8 — Prefixo que designar ar Perceber. Sapo do Amazonas 9 — Galio (s. q.). Pertinácia. Antes de Cristo 10 — Vedara 1 — Lavrariam fundo (a terra)

VERTICAIS: 1 — Cidade da Roménia. Aquece a que gagueja. 2 — Manto real Mãe de Rómulo e Remo. 3 — Seiscentos em romano. Queimar. Cénio (s. q.). 4 — Seguiam Preposição. Porcos 5 — Mio. Fazeis voar 6 — Remexas Atribui 7 — Nome comum ás doenças das vias urinárias Despovoar. 8 — Troças Rata. Apelido. 9 — Gálio (s. q.). Capricho. Em partes iguais. 10 — A mais velha de determinadas mulheres. Arara 11 — O mesmo que alime Selva



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9686

HORIZONTAIS: 1 — Adestrareis 2 — Líricas. 3 — Im. Me. Au. Mr. 4 — Oiã. Sei. Vir. 5 — Nota. Oito. 6 — Elevado 7 — Crie. Elai. 8 — Res. Usa. Aer. 9 — Eu. In. Ri Rm. 10 — Atirada. 11 — Esmorecemos.

VERTICAIS: 1 — Arion. Crepe 2 — M.o. Réu 3 — El. Ateis. Am. 4 — Sim. Ale. Ito. 5 — Três. Unir. 6 — Ri. Ervas. Ré. 7 — Acai. Cara. 8 — Rau. Ode. Ide. 9 — Es. Viola Om. 10 — Mit. Aer. 11 — Sarro Imãs.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«Novo Redondo»*	29 de Março	Luanda, Lobito, Moçâmedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia (se necessário).
«Quelimane» *	8 de Abril	CARREGA EM LISBOA ATÉ 5 DE ABRIL. Lobito, Lourenço Marques, Beira e Nacala
«P. Perfeito»	19 de Abril	CARREGA EM LISBOA ATÉ 16 DE ABRIL. Luanda e Lobito.
«Moçâmedes» *	28 de Abril	Príncipe, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Novo Redondo (se necessário), Porto Amboim e Cabinda.
«Moçambique» *	29 de Abril	CARREGA EM LISBOA ATÉ 26 DE ABRIL. Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.
«Angola»	30 de Abril	CARREGA EM LISBOA ATÉ 27 DE ABRIL. Luanda e Lobito.
Agência de Carga Aérea	DIARIAMENTE	PARA TODO O MUNDO

* Com escala prévia por Leixões

LISBOA—R. DO COMÉRCIO, 85; TEL. 323021; Reserva de Passagens: 34764-369172
AGÊNCIA NO PORTO: NORTEMAR - R. INFANTE D. HENRIQUE, 63; TEL. 22438

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Actualidade internacional

A CHINA DARÁ PRIORIDADE NOS PRÓXIMOS ANOS AOS MÍSSEIS DE MÉDIO ALCANCE

HONG-KONG — A China não mencionou ainda o seu segundo satélite, lançado no dia 3 de Março, e ao que parece, tenciona manter o mundo na ignorância do seu feito.

Os dirigentes chineses já deram claras indicações, no passado, de que Pequim não se sente na obrigação de dar publicidade às suas realizações nos domínios de foguetões e armas atómicas. Por exemplo, no ano passado, a China não mencionou o seu 11.º ensaio nuclear, embora a explosão tenha sido noticiada por agências ocidentais que mantêm um serviço de escuta das comunicações nas áreas de ensaio.

Por LEE LESCAZE

(Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»)

As únicas notícias do segundo satélite não tripulado chinês provieram do comando norte-americano de Defesa Aérea, no dia 3 de Março, isto é, no próprio dia do lançamento.

Segundo fontes bem informadas desta cidade, não há provas de que o lançamento tenha corrido mal ou de que haja qualquer problema com o satélite. Pensa-se que o silêncio da China se deve á preocupação de manter o silêncio sobre pormenores tão importantes como peso do satélite, a partir dos quais se poderiam deduzir importantes dados sobre o foguetão. Esta preocupação terá sido mais decisiva que o desejo de retirar os efeitos de propaganda que uma tal notícia acarretaria. Aliás, a notícia americana foi suficiente para colocar a China nas primeiras páginas da Imprensa de todo o mundo.

Já são mais difíceis de entender as razões por que Pequim esconde a notícia no plano interno. Contudo, uma teoria muito generalizada entre os observadores é a de que a China não quer dar grande relevo ao dinheiro que está a gastar com satélites numa altura em que os trabalhadores são convidados a poupar material e instrumentos a bem da economia social. Alega-se também que os chineses já notaram o declínio do interesse popular pelos programas espaciais, á medida que os E. U. A e a U. R. S. S. vão prosseguindo na sua conquista espacial. A segunda realização de um objectivo difícil não levanta tanto entusiasmo como a primeira

Modéstia

Entretanto, tal como já acontecera depois de a China ter enviado para o espaço o satélite que transmitia o hino de Mac. «O Oriente é Vermelho», no dia 24 de Abril do ano passado, o Departamento de Defesa dos E. U. A. rápidamente afirmou que o novo passo de técnica espacial chinesa é a prova evidente de uma melhoria da capacidade militar de Pequim. O secretário de Defesa, Melvin Laird, desceu de dois anos a data que os militares americanos tinham previsto para a China estar em condições de desdobrar mísseis balísticos intercontinentais (ICBMS), quando prestou declarações à comissão das Forças Armadas da câmara dos Representantes. Laird declarou aos congressistas que os ICBMS chineses podiam ser desdobrados em 1973. Outras fontes americanas, por sua vez, previram que tal não poderá acontecer, antes de 1975 e que a China provávelmente só conseguirá desdobrá-los em 1977 ou 1978.

Não se sabe ainda se Pequim decidiu dar a prioridade aos ICBMS de longo alcance ou se tenciona desenvolver primeiro um grande número de mísseis de médio alcance. Os mísseis intermédios teriam um alcance de 2400 a 3200 quilómetros e podiam atingir alvos importantes da U. R. S. S. mas não constituiriam uma ameaça para os E. U. A. A maioria dos observadores pensa que a China dará especial prioridade a esses mísseis de médio alcance, pelo menos nos próximos anos.

Contudo, Laird declarou ao Congresso no seu relatório anual sobre defesa estratégica que a China ensaiou um ICBM no fim do ano passado.

O primeiro satélite chinês pesava cerca de 185 kgs e fazia a órbita da Terra em 114 minutos. O único pormenor que os E. U. A. anunciaram acerca do segundo Satélite diz respeito à duração da sua órbita: 106 minutos.

Pequim acentuou a aplicação não militar dos seus foguetões, depois do primeiro lançamento, mas publicou uma série de declarações sobre o Satélite, apontando o número de vezes que podia ser visto a passar sobre várias cidades. A Imprensa oficial chinesa inseriu também extensas mensagens de congratulações enviadas por países amigos.

Contudo, a China revelou certa modéstia, declarando que o primeiro satélite era apenas um começo e advertindo os cientistas responsáveis pelo projecto de que não «se enchessem de vaidade e arrogância» depois daquela primeira vitória.

«Pub» moderno: a cerveja é a mesma, mas o ambiente mudou muito...

GRÃ-BRETANHA

O «pub» à moda antiga está em riscos de desaparecer?

Já lá vai o tempo em que os «pubs» ingleses tinham clientela exclusivamente masculina. As mulheres permaneciam afastadas desses «locais de perdição», onde se falava o «vernáculo». E os homens rejubilaram, claro, dado que os ditos «pubs» serviam, precisamente para uma pequena fuga ao meio familiar. Os tempos mudaram, no entanto, e os vendedores de cerveja, na mira de lucro, assentaram que muito mais rentável se tornava transformar o «pub» num lugar onde homens e mulheres, em alegre convivência, pudessem tomar uma bebida. E assim desapareceu aquela atmosfera de cuspo e serradura, paredes de cor parda e soalhos encardidos, dando lugar a luzes «quentes», musica suave, carpetes e televisão.

Como as casas de habitação se tornaram mais bem arranjadas, os «pubs» tiveram de «erguer» fachadas luxuosas, para atrair a clientela.

Terão ido os cervejeiros, na sua campanha febril de aumentar os lucros, demasiado longe?

Um perigo real

Será o «pub», verdadeira instituição social britanica, capaz de desaparecer sem deixar rasto? Muitos proprietários pensam sériamente que o perigo é real.

O sr. Jack Murphy, do Royal Hotel, em Elthan, Londres, não se poupa a esforços ao atacar a ultima realização comercial de Watney-Mann, um dos quatro grandes cervejeiros britanicos, afirmando acerca dos oito novos estabelecimentos com discoteca, os «Ninhos de Adolescentes»: «*Muitos deles estão mal iluminados, pintados em tons escuros, com paredes de feltro preto, mais parecendo prostíbulos do velho Oeste e antros de ópio*».

E acrescenta que tais locais encorajam a promiscuidade entre os jovens.

«*Tenho tido inumeras queixas de pessoas que vivem perto das nossas discotecas, pessoas que me contam histórias alarmante*», assevera Murphy que é director da «Watney-Mann Henant's Association» e lançou o seu ataque na reunião anual dos cervejeiros.

E além do mais, alegou: «*Esses lugares só foram abertos para apanhar um punhado de dólares á sociedade de consumo*».

Como accionista que é, o sr. Murphy, de 53 anos, quer ter a certeza de que a «Watney-Mann» não irá encorajar a promiscuidade com o seu novo estilo de «pubs».

Exclusivo «News of the World»-«D. L.»

As críticas do sr. Murphy desencadearam controvérsia no publico, e isto em toda a Inglaterra.

A «Watney-Mann», porém, comentou tranquilizadoramente: «*O pub britanico não está no caminho que dizem. Nós só temos oito «Ninhos de Adolescentes» e outro para abrir brevemente, enquanto existem 6 000 «pubs» de tipo familiar*». O porta-voz dos proprietários acrescentou: «*Não acreditamos que nenhuma das nossas discotecas encorage a promiscuidade*».

Firme defensor da tradição britanica dos «pubs», um ex-agente da polícia, de 48 anos, Bob Bolton, que, com sua mulher, Mary, frequenta o «Príncipe de Gales», em Brixton, no sul de Londres, afirmou sobre o assunto: «*Muitos «pubs» são como o nosso — familiares». Têm de contar com a clientela familiar...*»

Interiores luxuosos, onde se convive «á grande»

«Ninhos de Adolescentes»: contactos telefónicos e não só...

PAQUISTÃO ORIENTAL

MUJIBUR EXORTOU A POPULAÇÃO A RESISTIR

NOVA DELHI, 26 — (R.) — Rebentou a guerra civil no Paquistão Oriental. A agência Press Trust of India anunciou que se travam combates em larga escala entre os exércitos de ambas as partes, tendo havido já pesadas baixas.

A agência referiu-se a notícias vindas da fronteira entre a União Indiana e o Paquistão Oriental.

O Exército assumiu o Poder e o xeque Mujibur Rhaman exortou a população a resistir.

As autoridades que superintendem ao cumprimento da lei marcial no Paquistão Oriental impuseram hoje em Dacca e noutras regiões o recolher obrigatório durante 24 horas e avisaram que qualquer indivíduo apanhado na rua seria imediatamente abatido a tiro.

A ordem de recolher faz parte de uma série de medidas de emergência que incluem a proibição total de actividades políticas e a censura a todas as notícias de carácter político.

A proibição de actividades políticas é rigorosa e inclui discursos «tanto ao ar livre como em recintos fechados. Ficam também proibidos todos os comícios e manifestações».

Estas medidas foram tomadas depois de tropas do Paquistão Ocidental terem entrado a noite passada no Paquistão Oriental por via aérea e marítima e depois do presidente Yahya Khan ter voltado para Karachi.

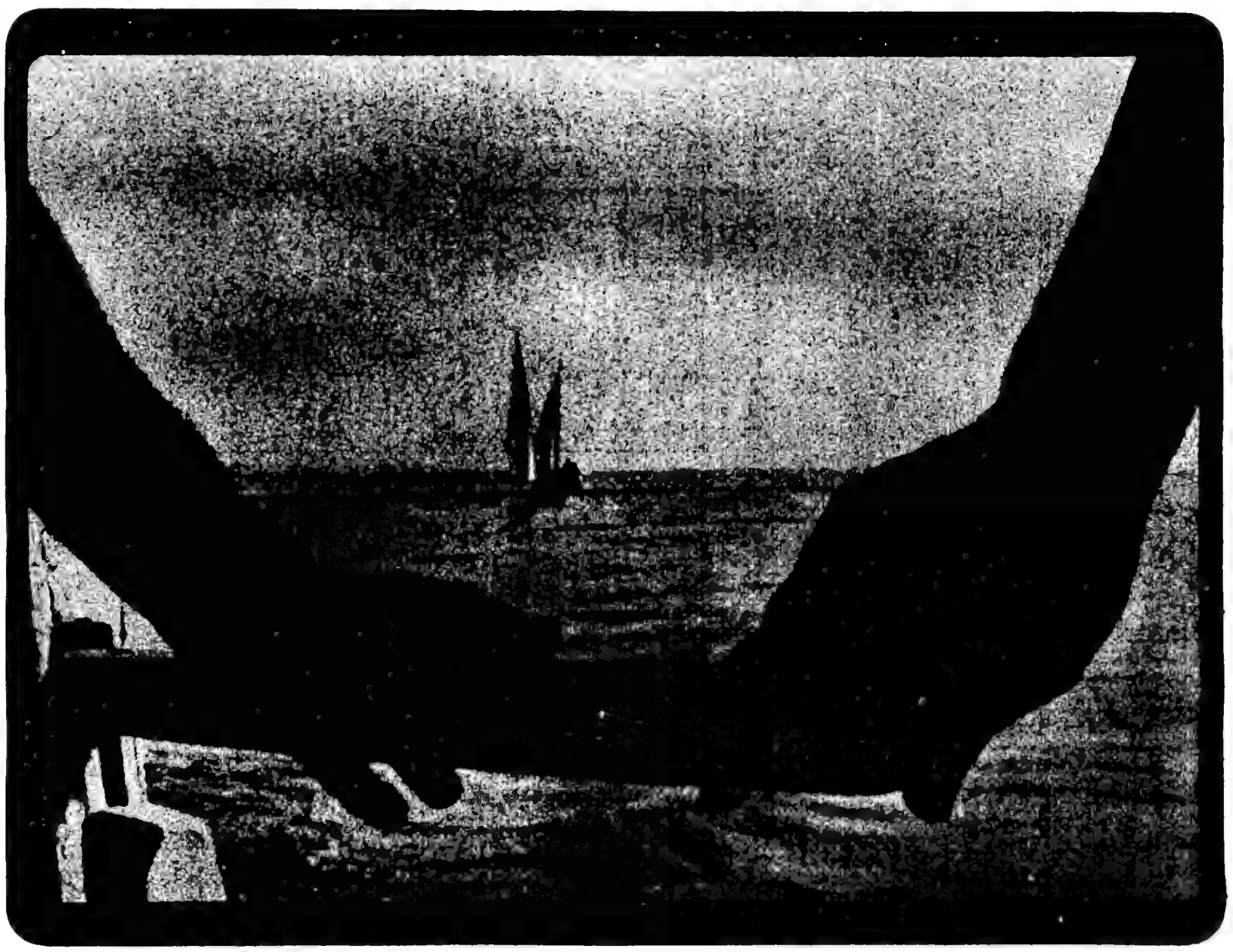
A Press Trust of India anunciou ontem que chegaram seis barcos com tropas a Chittagong e Chalna. Segundo a mesma agência e de fonte fidedigna, soube-se que estão a chegar também tropas do Paquistão Ocidental a Dacca, por via aérea.

Parece que as tropas ocuparam a emissora de Dacca, que transmitiu esta manhã as ordens de recolher e as restrições impostas. A emissora acrescentou que as transgressões á lei marcial serão julgadas em tribunal militar.

O general Tikka Khan, que superintende á aplicação da lei marcial, declarou que a indisciplina da ala esquerda chegou a um extremo tal que a administração civil e a Polícia do Paquistão Oriental eram impotentes para a debelar. Assim, «para salvaguardar os interesses, a unidade e a integridade do país impõe-se que as tendências destrutivas sejam eliminadas». Cerca do meio-dia local Rádio Paquistão anunciou que «a situação geral estava dominada».

A crise paquistanesa prorrou ontem com as notícias da morte de 35 pessoas e de mais de 100 feridos em consequência do Exército ter disparado ontem contra a multidão nos distritos de Rangpur e Chittagong. Em sinal de protesto contra a acção militar o xeque Mujibur Rhaman, que pretendia a autonomia da região oriental, convocou para amanhã uma greve geral e acusou o Exército de estar a provocar o terror. Ao mesmo tempo pediu ao presidente Yahya Khan que cessasse imediatamente todas as operações.

T-CO-71 afp



Para a «Hispavox», a cançonetista Karina (intérprete espanhola designada para o Eurofestival de Dublin) gravou um «single» que inclui «En un mundo nuevo», com arranjo musical e direcção de orquestra por Waldo de los Rios. O disco está a obter êxito: em dez dias venderam-se cerca de 30 mil exemplares.

o olhar da
inteligência
determina a escolha

Quando se escolhe o local de férias, procura-se encontrar o melhor.
Quando se escolhe um investimento para o capital, por muito pouco que seja, procura-se o mais rentável.
Quando se deseja que essas duas condições sejam perfeitamente satisfeitas, consulta-se a TORRALTA, porque só a TORRALTA proporciona diversas e óptimas opções ao seu capital, no Algarve praia do Alvor ou em Troia, na Ponta do Adoxe.

TORRALTA
UM LUGAR PARA SI UMA SOCIEDADE PARA TODOS

Actualidade internacional

Os raptores queriam a retirada dos quadros

MEMPHIS (Tennessee) 26 — (F. P.) — Ricard Batey, de 13 anos, filho de um administrador da Academia das Belas-Artes de Memphis, foi raptado ao princípio da noite e libertado poucas horas mais tarde, depois do pai ter aceitado as condições impostas pelo raptor, que eram as de retirar de uma exposição de pintura quatro quadros representando mulheres nuas.

As 10 horas da noite, o pai anunciou na Televisão local que os quatro quadros tinham sido retirados. Estas obras tinham provocado uma grande controvérsia na Imprensa

Multas para fumadores custearão a luta contra o cancro

ROMA, 26 — (R.) — Uma lei, proibindo que se fume em lugares públicos e estabelecendo multas para os transgressores, que reverteriam para pesquisas sobre o cancro, foi apresentada ontem no Senado italiano.

A proposta, introduzida pelo ministro da Saúde, Luigi Mariotti, proibirá que se fume nas salas de espera de estações de caminhos-de-ferro, em todas as carruagens dos comboios, excepto em compartimentos especiais, nos autocarros, cinemas e teatros e outras salas fechadas de diversão, a não ser que possuam um sistema eficaz de ar condicionado.

As multas para os transgressores irão de 1000 a 10 000 liras e serão pagas ao Ministério da Saúde, que distribuirá o dinheiro por organizações de pesquisa sobre o cancro.

A cólera em 1970 propagou-se (segundo a OMS) a mais de 40 países

NAÇÕES UNIDAS (Genebra), 26 — (F. P.) — O ano 1970 assinalou-se pela propagação da cólera em mais de 40 países, pelo aumento constante das doenças venéreas, e o aumento, também constante, das infecções transmitidas ao homem pelos animais e pelos alimentos — regista o relatório anual do director-geral da Organização Mundial de Saúde, dr. Marcolino Candau (Brasil).

Pela primeira vez no século XX, salienta este relatório, foi assinalada em África a cólera. Trinta e nove países notificaram a existência da cólera nos seus territórios, mas «os rumores das epidemias se terem declarado em vários outros países não foram confirmados oficialmente pelos Governos interessados, podendo-se, assim, pensar que a existência de casos não notificados nestes países contribuiu sensívelmente para a propagação da doença durante a primeira parte do ano».

Quanto ás doenças venéreas, o relatório diz: «O número dos casos notificados de blenorragia não cessa de aumentar, atingindo em certos sítios proporções epidémicas». É o caso dos Estados Unidos, onde se registaram 900 casos em média em cada 100 000 habitantes. Quanto á sífilis, aumentou em menores proporções mas, em certos países, o número dos casos ultrapassou o máximo registado na segunda guerra mundial. O dr. Candau felicita-se com o facto dos estudos recentes terem mostrado que os antibióticos mantêm toda a sua eficácia contra os vectores venéreos.

O dr. Candau pôs em foco numerosos pontos positivos. A varíola diminui de modo espectacular, tendo-se passado de 131 000 casos em 1967 para uns 30 000 em 1970. Em 1967, quarenta e dois países manifestaram casos de varíola. Só houve vinte e três em 1970. Na América Latina, por exemplo, a varíola endémica só subsiste no Brasil. Pelo seu lado, a luta contra o paludismo está bem encaminhada. Mas aqui o caminho é longo e dispendioso, necessitando, além do mais, que se continuem as investigações no campo dos vectores do paludismo.

O director-geral da O.M.S. conclui o seu relatório com um apelo: «Não pensemos que, não a tendo encontrado num ano ou num decénio, a solução de um problema está fora do nosso alcance. A luta contra a doença e contra os factores fundamentais que a provocam é longa e raramente espectacular. A melhoria progressiva e geral do nível de saúde numa colectividade ou de uma nação aparecerá, sem dúvida, nos anuários estatísticos dos demógrafos e, com o tempo, dos economistas — muito mais claramente do que será notada pelos que mais directamente dela beneficiam».

CONTRA-OFENSIVA NO VIETNAM

SAIGÃO, 26 — (A.N.I.) — Há indícios crescentes de que a contra-ofensiva comunista que obrigou os sul-vietnamitas a retirar do Laos está a alastrar no próprio Vietnam do Sul.

Os americanos em bases perto da fronteira — incluindo o posto avançado de blindados de Lang Vei, a 3 quilómetros da fronteira — começaram a retirar para posições bastante mais distanciadas, protegidos por bombardeamentos aéreos contínuos.

A própria grande base americana de Khe Sanh — o ponto principa de apoio á ofensiva sul-vietnamita no Laos — está a ser preparada para a retirada.

ARTILHARIA

WASHINGTON, 26 — (F. P.) — O porta-voz do Departamento de Estado declarou que o anuncio de movimentos norte-vietnamitas com vista a instalarem na extremidade ocidental da zona desmilitarizada peças de artilharia pesada, capazes de atingir Khe Sanh tinha coincidido com a boicotagem das sesões da conferência de Paris, por parte das relações comunistas.

O PRÍNCIPE BORGHESE ENTREGAR-SE-Á EM BREVE —DIZ UM FILHO

MILÃO, 26 — (A. N. I.) — Um filho do príncipe Junio Valerio Borghese — que é acusado de preparar um golpe de Estado — afirma-se certo de que o pai se encontra na Itália e tenciona entregar-se em breve á Polícia.

Pelo seu lado, o irmão mais velho de Borghese considerou o príncipe um utopista, que não é um homem prático e «precisa de sentir-se um «leader», mas não faz mal a ninguém.

Os dois parentes do príncipe falaram ao semanário de Milão «gente».

EM PORTUGAL?

Um juiz investigador de Roma acusa Juno Valerio Borghese, de 64 anos, e cinco presos de prepararem um golpe no mês de eDzembro e de o terem anulado no último minuto.

Os jornais têm dito que Valerio Borghese fugiu para diversos países — a Argentina, a Espanha, Portugal, a Grécia, Israel ou San Marino.

«Estou certo de que o meu pai se vai entregar á Polícia — declarou o príncipe Lívio Giuseppe Borghese, de 31 anos, entrevistado pelo «Gente». — E há-de fazê-lo logo que o caso tenha acalmado, como está a acontecer, e quando estiver seguro de ser ouvido e de não ser metido na cadeia. É minha opinião pessoal que cometeu um erro em não se entregar logo a seguir.»

Interrogado acerca do paradeiro do pai, afirmou:

«Estou convencido de que se encontra na Itália, talvez em Roma. Para onde poderia ir?... Estou certo de que se encontra aqui, pronto para se defender».

Lopez Bravo assinou acordos em Santiago do Chile

SANTIAGO DO CHILE, 26 — (R.) — O ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Gregorio Lopez Bravo, assinou, ontem, um acordo de turismo e outro de cultura, com o Chile, no fim de uma visita oficial de dois dias a este país.

Lopez Bravo e o seu homólogo chileno, Clodomiro Almeyda, afirmaram que o acordo sobre turismo significava que a Espanha forneceria assistência técnica e de outra natureza ao Chile, para desenvolver a industria turística, um campo em que a Espanha tem muita experiência.

O acordo cultural constitui um apenso a outro firmado em 1969, e prevê a criação de uma comissão conjunta para a concretização de projectos.

Pedimos desculpa.
Mas a nós o **Diário de Lisboa**
impôs-nos hoje
uma limitação...

Gostaríamos de reproduzir aqui dois anúncios de imprensa concebidos e realizados por nós. Dois anúncios que mereceram Menções Honrosas no Grande Prémio de Publicidade Diário de Lisboa.

Mas, por infelicidade, são ambos a cores. E aqui está a limitação que – com as nossas amigáveis desculpas – apontamos ao Diário de Lisboa: não ser ainda possível reproduzi-los a cores.

Dentro de um ano, sabemos, isso já não acontecerá, para satisfação dos Leitores do Diário de Lisboa, dos Anunciantes e das Agências de Publicidade.

Hoje, cumpre-nos dizer, uma vez mais, que enquanto trabalhamos não pensamos em prémios.

Que pensamos nos problemas dos nossos Clientes, na imposição do seu prestígio e confiança junto dos consumidores, na promoção das suas vendas.

Confessamos que ser distinguidos no nosso trabalho alegra-nos e dá-nos o estímulo necessário para prosseguirmos no estilo que escolhemos e é o nosso.

Agradecendo a todos os nossos Clientes a confiança que em nós têm depositado, hoje agradecemos especialmente à TAP-Transportes Aéreos Portugueses e à RHONE-POULENC TÊXTILES que nos possibilitaram a realização dos anúncios premiados.

MARCA– *Agência de Publicidade*
Associada da Rede Mundial Benson Needham Univas

O GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE DO «DIÁRIO DE LISBOA»

(Continuação da 1.ª página)

de desenvolvimento económico, técnico e industrial. Longe de ser um factor de encarecimento do produto, como por vezes se pretende demonstrar, a publicidade é, pelo contrário, um elemento acelerador de qualquer processo de desenvolvimento económico. Estimulando iniciativas, criando mercados para novos produtos, permite o aumento da produção e, consequentemente, baixar o preço final dos mesmos até aos níveis de acessibilidade das condições económicas das grandes massas. Assim, a incidência dos gastos de publicidade nos preços de qualquer produto é largamente compensada pelos benefícios resultantes de um grande aumento de produção.

Para que a maioria das indústrias possam expandir-se até aos escalões mínimos de rentabilidade efectiva é necessário que, sobre o público consumidor, se exerçam os estímulos que conduzem ao conhecimento do produto e à sua compra. Só assim se compreende que países com a mais diferenciada estrutura económica e política, encarem a publicidade como uma verdadeira indústria ao serviço do público, justificando em muitos casos especiais proteccionismos.

Reconhecendo o valor da publicidade no mundo moderno, o «Diário de Lisboa» pretendeu com esta iniciativa premiar e estimular as actividades artísticas e criativas de um sector que conta já com centenas de elementos de elevado nível profissional.

A distribuição dos prémios

Mais de uma centena de convidados tomaram parte no jantar que culminou com a distribuição de prémios, diplomas e menções honrosas do «Grande Prémio de Publicidade». Estiveram presentes os directores de quase todas as agências de publicidade e, pelo «Diário de Lisboa», o respectivo director dr. António Ruella Ramos, o director comercial sr. Plácido Souto, o chefe do departamento de publicidade e o chefe da Redacção.

No final do jantar o nosso director agradeceu a presença de todos os convidados, bem como o esforço dos membros do juri, que há três anos perdem horas analisando o valor dos trabalhos apresentados. Salientou que, em sua opinião, e ainda que não seja perito na matéria, os trabalhos apresentados são melhores do que os do ano passado, o que é bastante para que o «Diário de Lisboa» fique contente e dê por bem empregado o tempo gasto com o «Grande Prémio da Publicidade», felicitando todos quantos concorreram a esta iniciativa.

O nosso director procedeu em seguida à distribuição dos prémios, começando por entregar a Jorge Rodrigues, director da Latina, o Grande Prémio de Publicidade «Diário de Lisboa», que o júri atribuiu por unanimidade ao anúncio «Assim não», criação desta agência. Para a Latina foi também o 1.º Prémio de Publicidade, atribuído ao anúncio «Cheque de viagem». O 2.º Prémio de Publicidade pertenceu à Agência de Publicidade ARP, com o anúncio «Icosal» e foi entregue à sr.ª D. Maria Ana Malafaia.

O Prémio Especial de Cor foi atribuído ao anúncio «Piratas», produzido pela ÊXITO, e entregue a Fernando de Almeida. Foram ainda atribuídas quatro Menções Honrosas na modalidade preto e branco e quatro na modalidade cor aos seguintes anúncios: «Dorothy Gray», criação da Agência de Publicidade FLUMEN; «Expo-70», criação da Agência de Publicidade Luís Lagrifa Lda.; «Mabor», criação da Latina; «Tergal», criação da Agência de Publicidade MARCA; «TAP», criação da Agência de Publicidade MARCA; «DP», criação da Agência de Publicidade ÊXITO e «Porto Ferreira» também criação da ÊXITO. Estas menções honrosas foram entregues aos srs. Luís Lagrifa, Orlando da Costa (MARCA), dr. José Margarido (FLUMEN) e Fernando de Almeida (ÊXITO).

Terminada a entrega dos prémios, e dentro do ambiente informal e de cordialidade já referido que caracterizou este jantar, Luís Lagrifa, presidente da direcção do Clube Português dos Publicitários e de uma das agências distinguidas, usou da palavra para afirmar o mais incondicional apoio deste Clube a todas as iniciativas do nosso jornal tendentes à melhoria da publicidade e particularmente ao Grande Prémio de Publicidade. Como director da agência saudou os seus colegas concorrentes e aplaudiu os premiados. E terminou, na qualidade de leitor, fazendo votos para que o «Diário de Lisboa» e todos os que nele trabalham sintam força e juventude para continuar por mais décadas a cumprir a sua missão.

O sr. Carlos Rafael (Agência FORMA) saudou também o «Diário de Lisboa» pela iniciativa e manifestou o desejo de que, através da indicação das tiragens pudesse estudar-se o custo e rentabilidade de cada anuncio, pedindo para que o «Diário de Lisboa» fosse pioneiro numa iniciativa deste género. Em resposta, o nosso director salientou que isso seria do seu inteiro agrado logo que existisse uma entidade idónea encarregada dessa tarefa.

Por ultimo usou da palavra o sr. Jorge Rodrigues, director da Latina, salientando o sentido altamente positivo que o «Grande Prémio de Publicidade do Diário de Lisboa» tem representado com vista a estimular e premiar o aperfeiçoamento de muitas centenas de publicitários portugueses. Mais adiante referiu-se á grande idoneidade do juri deste concurso facto tão importante com os aspectos de natureza técnica que a iniciativa envolve, terminando por fazer votos para que o exemplo do «Diário de Lisboa» frutifique.

Colóquio

O ambiente completamente informal em que decorreu a distribuição dos prémios desta iniciativa do nosso jornal, permitiu que, no final, se estabelecesse um clima propício ao debate de diversos problemas importantes ligados á actividade publicitária nos seus multiplos aspectos. Com intervenções dos srs. Duarte Boiça (membro do juri), Jorge Rodrigues (Latina»), Carlos Rafael (Forma), dr. Magalhães Santos (Ciesa), António Coelho (Belarte) e Fernando Leitão (APA), e aproveitando a circunstancia de se encontrar presente um numero elevado de directores e elementos dos quadros superiores de várias agências, foram abordados assuntos de natureza técnica, ética e profissional relacionados com a Publicidade, que forneceram motivações para um amplo debate sobre a forma como esta actividade se processa no nosso meio.

Luís Lagrifa recebe do director comercial do «Diário de Lisboa», sr. Plácido do Souto, a Menção Honrosa com que foi distinguida a sua agência

APRECIADOS 145 TRABALHOS

Ao «Grande Prémio de Publicidade do Diário de Lisboa» concorreram 13 agências com 105 trabalhos na modalidade preto e branco e 40 na modalidade cor. O juri foi constituído pelos srs. dr. Adelino Duarte Boiça, á data presidente do Clube Português dos Publicitários; Luís Filipe de Abreu, professor da Escola Superior de Belas-Artes; Sebastião Rodrigues, artista gráfico; Vitor da Silva, professor da Escola de Artes Decorativas António Arroio; e Jorge de Oliveira, técnico de publicidade.

O chefe da Publicidade do «Diário de Lisboa», sr. António Gomes da Costa, entrega ao dr. José Margarido, o diploma da Menção Honrosa atribuída á Flumen

O DIRECTOR DO «DIÁRIO DE LISBOA» ENTREGANDO OS GALARDÕES DO «GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE». DE CIMA PARA BAIXO — GRANDE PRÉMIO E 1.º PRÉMIO, A JORGE RODRIGUES, DA LATINA; 2.º PRÉMIO, A D. MARIA ANA MALAFAIA, DA AGÊNCIA DE PUBLICIDADE ARP; PRÉMIO ESPECIAL DE COR A FERNANDO DE ALMEIDA, DA ÊXITO; E MENÇÃO HONROSA A ORLANDO DA COSTA, DA MARCA

MEMBROS DO GOVERNO NA PROVÍNCIA

FARO, 26 — O ministro da Educação, que desde ontem se encontra de visita ao Algarve, a fim de estudar os principais problemas relacionados com o ensino nesta província, deslocou-se, esta manhã, a Loulé, onde no salão nobre da Camara Municipal, presidiu a uma reunião de trabalho com dirigentes e professores dos estabelecimentos de ensino do concelho. Depois visitou o local destinado á construção da futura escola técnica e o edifício cuja compra foi proposta para instalar uma secção liceal.

Em Tavira, visitou a seguir a Escola Técnica e o colégio local.

Após o almoço, em Monte Gordo, seguiu para Vila Real de Santo António, onde teve uma reunião de trabalho com dirigentes e professores de estabelecimentos de ensino de Olhão, Tavira e de Vila Real de Santo António, seguida de uma visita á Escola Técnica de Olhão.

EM CASTELO BRANCO

CASTELO BRANCO, 26 — O subsecretário de Estado da Saude e Assistência, dr.ª D. Maria Teresa Lobo, prosseguiu, hoje, a sua visita de trabalho, pelo distrito de Castelo Branco De manhã, a dr.ª D. Maria Teresa Lobo, esteve no actual Hospital da Misericórdia e observou as obras do futuro Hospital Regional. Depois, na Delegação de Saude, presidiu a uma reunião de trabalho, em que participaram os componentes da Comissão Distrital de Coordenação, e visitou ainda o Dispensário de Puericultura Alfredo Mota, e o Asilo Distrital.

Após o almoço, deslocou-se a Póvoa de Rio de Moinhos, a Alcains, a Alpedrinha e ao Fundão.

EM ÉVORA

ÉVORA, 26 — Na continuação da sua visita de trabalho á Regido do Plano Sul. o subsecretário de sEtado do Planeamento Económico, dr. João Salgueiro, deslocou-se hoje, a este distrito.

A partir das 10 horas, aquele membro do Governo presidiu, no governo civil, a reuniões de trabalho sobre a problemática distrital no contexto do desenvolvimento económico.

Participaram nos trabalhos os deputados pelo círculo, os membros da comissão de planeamento, os presidentes das Camaras Municipais do distrito e representantes de entidades privadas.

Às 16 horas, no salão nobre do Instituto de Estudos Superiores de Évora, efectuam-se o acto de posse dos componentes dos grupos de trabalho da Comissão de Planeamento da Região do Sul, durante a qual foram apresentados temas refrentes á modernização agrícola, ao aproveitamento mineiro, ao equipamento social e ao ensino e ás infra-estruturas de turismo, na Região Plano Sul, em vista á sua inclusão nos programas anuais e na preparação do IV Plano de Fomento.

Ao fim da tarde, o dr. João Salgueiro, regressou a Lisboa.

O «Diário de Lisboa» numa evocação de Stuart

Num extenso e sugestivo artigo sobre a personalidade excepcional de Stuart Carvalhais, o inolvidável artista que inimitávelmente fez com o seu lápis prodigioso a crónica de Lisboa e do seu povo, o nosso prezado colega «Vida Mundial», reproduz um artigo do saudoso director do «Diário de Lisboa», dr. Joaquim Manso, publicado na nossa edição humorística dessa época, «Sempre Fixe», e a ampla biografia, feita, no nosso jornal, pelo nosso prezado camarada César dos Santos, quando do desaparecimento do grande artista.

Necrologia

FALECIMENTOS

Eduardo José Raposo

Faleceu o sr. comendador Eduardo José Raposo, de 76 anos, natural de S. João dos Caldeireiros (Mértola), irmão da sr.ª D. Maria José Raposo Rodrigues Palma, casada com o sr. João Rodrigues Palma, e tio da sr.ª D. Maria Lurdes Raposo Rodrigues Palma e da sr.ª D. Maria José da Paz Raposo Rodrigues Palma, casada com o sr. dr. Matias José da Palma. O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, ás 9 horas, da igreja de S. João de Brito para jazigo de família no cemitério de S. João dos Caldeireiros (Mértola).

FUNERAIS

Dr. Fausto de Figueiredo

Faleceu anteontem, no Hospital da C. U. F., rodeado pela família e amigos íntimos, o sr. dr. Fausto de Figueiredo, cujo funeral se efectuou ontem, ás 15 e 30, da Basílica da Estrela para jazigo de família, no cemitério dos Prazeres. Estiveram na Basílica da Estrela ou incorporaram-se no funeral muitas centenas de pessoas, entre as quais figuras do maior relevo nos meios financeiro, económico, político e social, nomeadamente o dr. Baltasar Rebelo de Sousa, ministro das Corporações e Saude e Assistência; prof. Silva Cunha, ministro do Ultramar; dr. José Alberto de Lencastre, em representação do ministro das Finanças; comandante Leão do Sacramento Monteiro, subsecretário de Estado da Administração Ultramarina; dr. Augusto de Castro, director do nosso prezado colega «Diário de Noticias»; antigos ministros, deputados, procuradores á Camara Corporativa; governadores, administradores e directores bancários, etc.

*

Contando 60 anos, pois nascera em Março de 1911 no Monte Estoril, o dr. Fausto de Figueiredo (Fausto José Amaral de Figueiredo, de seu nome completo) era um dos mais destacados vultos dos meios financeiros e económicos do País, tendo deixado o seu nome ligado a várias instituições de crédito, em especial ao Banco Fonsecas & Burnay, como administrador e presidente do respectivo conselho de administração, cargo para que fora designado em 30 de Outubro de 1966.

Seguindo na esteira de seu pai na senda dos negócios e na gerência de empresas, o dr. Fausto de Figueiredo, que era licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa, desempenhou altas e variadas funções, entre as quais: presidente da Corporação de Crédito e Seguros, presidente do conselho de administração do Banco Fonseca Santos & Vianna; depois Fonsecas & Burnay; administrador do Banco de Fomento Nacional, vice-presidente da mesa da assembleia geral das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, procurador á Camara Corporativa na VII Legislatura, representante dos estabelecimentos bancários comerciais no Conselho Nacional de Crédito, director do Grémio Nacional de Crédito, director do Grémio Nacional dos Bancos e Casas Bancárias, administrador e presidente do conselho de administração da Companhia dos Caminhos-de-Ferro Portugueses da Beira Alta, administrador e presidente do conselho de administração da Companhia Agrícola Ultramarina, secretário da mesa da assembleia geral das Companhias Reunidas Gás e Eléctricidade.

Era sócio de «O Instituto», de Coimbra, da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, e da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, do Porto. Foi também sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa.

O dr. Fausto de Figueiredo era casado com a sr.ª D. Maria do Carmo Mendes de Almeida Figueiredo; pai dos srs. Fausto Pedro, Mário Boaventura e Bernardo António Mendes de Almeida Figueiredo e das sr.as D. Maria do Carmo Figueiredo Rua e D. Maria Emília Mendes de Almeida Figueiredo; irmão do sr. dr. António Augusto Amaral de Figueiredo, presidente do conselho de administração da Sociedade Estoril, casado com a sr.ª D. Maria da Pureza Vasconcelos e Sousa de Figueiredo (Castelo Melhor), e das sr.as D. Maria Clotilde Amaral de Figueiredo Braga, casada com o comandante João Braga, D. Maria Isabel Amaral de Figueiredo, casada com o eng.º José Pedro Iglésias de Oliveira, e D. Maria do Rosário Figueiredo Benito Garcia, já falecida; cunhado dos srs. D. Bernardo Mendes de Almeida (conde de Caria), eng.º Boaventura Mendes de Almeida e Fernando Mendes de Almeida e da sr.ª D. Maria Emília Viana Machado Mendes de Almeida Abecassis; e genro da sr.ª D. Maria Emília Viana Machado Mendes de Almeida (condessa de Caria). Deixa muitos netos.

Condenada a pena maior uma quadrilha de burlões chefiada por uma mulher

PORTO, 26 — No 2.º juizo criminal e em tribunal colectivo, presidido pelo sr. dr. Góis Pinheiro, responderam: Tomásia Rosa de Jesus, de 42 anos, comerciante, Rua Artur Neves, 235; sua filha, Maria Helena da Silva Rocha, de 22, casada, presentemente em Luanda; Manuel Ferreira da Silva, casado, de 34, industrial, Rua Guerra Junqueiro, em Águas Santas (Maia); Rosalina Salgado, solteira, de 42 anos, Rua D. Afonso Henriques, 61, na Áreosa; Benjamim de Almeida Ferreira, de 39, de Guimarães e Alexandrina Rodrigues Ventura, de 49, empregada de armazém, Rua de Miragaia, 15.

A primeira, desde Dezembro de 1965 até Maio de 1967, conseguiu que a firma Marques & Mota, Ld.ª, lhe entregasse, em regime de consignação, objectos electrodomésticos no valor total de esc. 410 381$00, para «pagamento» das quais entregou letras com falsas assinaturas tendo pago, apenas, algumas delas e vendendo, ao desbarato, os objectos. Pelo mesmo processo burlou as firmas Joaquim dos Santos Areias, em 72 452$00; Santos, Valdemar & Reinaldo, Lda., em 263 000$00; Empreendimentos Luso-Suiços, Lda., em 8975$00 e Nogueira & Magalhães, em 217 937$00.

AS SENTENÇAS

A filha, juntamente com o marido, a cumprir serviço militar, e um pequeno, assinavam as letras com os falsos nomes.

O Manuel Ferreira comprou objectos por baixo preço, para revender; e de outro tanto sendo acusados os restantes.

Foram condenados: a Tomásia, em 4 anos e 10 meses de prisão maior, 473 dias de multa a 30$00 por dia, 2200$00 de imposto de justiça e indemnizações; a Maria Helena, em 10 meses de prisão e 880$00 de imposto, com a pena suspensa; a Rosalina, que de tudo sabia e negociava com a Tomásia acompanhando-a na ida ás casas, foi condenada em sete meses de prisão remíveis a 40$00 por dia e 800$00 de imposto e o Manuel Ferreira, em sete meses de prisão remíveis a 60$00 por dia. Os restantes foram absolvidos.

A Tomásia, que recolheu à cadeia, por não prestar a fiança de 200 000$00 que lhe foi arbitrada, recorreu da sentença, juntamente com a filha.

AMANHÃ, SÁBADO
ÀS 15 E ÀS 21 HORAS
INTERESSANTE
LEILÃO
NA
MORADIA, sita na AV. DO BRASIL N.º 188
(Junto ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil)

Por ordem do Ex.mo Proprietário deste bom recheio, que manda vender pelas maiores ofertas, se fará leilão do BOM MOBILIÁRIO DE ESTILO, louças nacionais e estrangeiras, lustres de cristal, bons e bonitos maples, boas pratas modernas marcadas, muitos bibelots diversos, serviço de cristal, bonitos quadros a óleo contemporâneos assinados, bronzes trabalhados, alabastros, e muito mais conforme o anúncio a publicar amanhã neste e noutros jornais.

FAZ ESTE BOM LEILAO A CONCEITUADA
AGÊNCIA DE LEILÕES
«ANTIQUÁRIA»
de ANTÓNIO JOSÉ, LDA.
AV. 5 DE OUTUBRO, 15-1.º — LISBOA
Tel. PPC 56 22 68/9 - 77 49 00

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

CAIXA AUXILIAR DOS CARREGADORES E DESCARREGADORES DO TRÁFEGO DO DISTRITO E PORTO DE LISBOA

CONVOCAÇÃO

Convoco a Assembleia Geral desta Instituição a reunir em sessão ordinária pelas 9 horas do dia 28 do corrente na respectiva Sede Social — Rua do Barão, 2-1.º, Lisboa-2 — a fim de:

— Apreciar, discutir e votar o relatório e contas referentes à gerência de 1970.

Igualmente convoco a referida Assembleia Geral a reunir em sessão extraordinária, no mesmo dia e local pelas 10,30 horas, a fim de:

1 — Deliberar sobre alteração da designação social da Instituição;
2 — Deliberar sobre nivelamento das pensões aos chamados sócios fundadores.

Se uma hora depois das designadas não estiverem presentes associados em número suficiente, faço desde já segundas convocações para ambas as sessões e para o dia 4 de Abril, p.º f.º, devendo reunir às mesmas horas e no local assinalado.

Lisboa, 24 de Março de 1971.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) **Ismael Conceição de Sousa**

MIGUEL DA SILVA

FALECEU

Amélia da Silva, Albino da Silva, Maria Aurélia Broco da Silva, Maria de Lurdes Broco da Silva participam o falecimento do seu muito querido marido, pai, sogro e avô e que o funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, da Basílica da Estrela, para o cemitério de Benfica.

AGÊNCIA BARATA

SEMANA SANTA E PÁSCOA

A C. P. realiza durante o período de férias da Semana Santa e Páscoa, em colaboração com a Agência de Viagens a Empresa Geral de Transportes as seguintes excursões:

OFIR E ALTO MINHO
Hotel Ofir-1.ª cl. (2 dias, 10 e 11-4)... 650$00
ALGARVE-LAGOS E SAGRES
Hotel São Cristóvão-1.ª cl. (2 dias, 10 e 11-4) ..... 670$00
MADRID - 4 dias ... 1 530$00
PARIS-10 dias ..... 3 800$00
SEVILHA-8 dias ..... 3 100$00
LOURDES-6 dias ... 2 550$00
ANDORRA-6 dias ... 2 600$00

Distribuição de programas descritivos, informações e inscrições nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia); Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa; E. G. T.—Rua do Arsenal, n.º 124 — Telef. 36 75 29; e demais Agências de Viagens.

CREMILDE MONTEIRO DE SOUSA

1.º ANIVERSÁRIO

Natália de Sousa da Graça Antunes, Júlio da Graça Antunes, Júlio Arthur de Sousa da Graça Antunes e mais família participam que amanhã, dia 27, às 11 horas e 30 minutos, na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa, será celebrada missa pelo eterno descanso da Alma da sua querida mãe, sogra, avó e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av Almirante Reis
Telefones 534167 PPCA (4 linhas) 43189/662772/288022

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Os nossos juniores fizeram um «brilharete»

PORTUGAL FOI A FRANÇA «VISAR» O PASSAPORTE PARA A CHECOSLOVÁQUIA

PARIS, 26 — Brilhante. Verdadeiramente brilhante a actuação da equipa portuguesa de Juniores que veio aqui, ao Estádio Jean Bouin, obter um magnífico empate contra a turma francesa e, implicitamente, classificar-se na eliminatória que dava acesso ao Torneio Internacional da U. E. F. A. que se realiza no próximo mês de Maio, na Checoslováquia.

Grande multidão assistiu á exibição das duas formações, dispensando no final calorosos aplausos ao «onze» dirigido pelo técnico português Peres Bandeira, que soube (primorosamente) defender a vantagem de 3-2 que viajara consigo desde o terreno da Tapadinha, em Lisboa.

Para além das ovações da multidão, deve registar-se uma desvanecedora opinião do árbitro luxemburguês, á última hora obrigado a substituir o juiz primeiramente designado (o belga Rion). Disse-nos o luxemburguês Victor:

— A equipa portuguesa tem excelentes executantes e comportou-se como uma turma adulta. Há aqui excelente «material» para futuras «vedetas».

Na reunião que se seguiu ao jogo, efectuada na sede da Federação Francesa de Futebol, os jogadores franceses primaram pela ausência: apenas os técnicos Brann e George Bonlogne compartilharam da presença portuguesa. Isso reflecte, aliás, que os juniores tricolores tinham a vitória como certa: e a eliminação caiu-lhes muito mal no estômago...

O treinador português Peres Bandeira confessou-nos:

— Houve um período, na primeira parte, em que vi as coisas mal paradas. Mas o bom toque de bola da nossa linha média segurou o jogo e tranquilizou a equipa.

Numa rápida apreciação deve salientar-se o apuro técnico de Sheu e João Alves, a segurança de mãos de Fidalgo, o sentido de entreajuda patente em Vítor Pereira e Casquinha, a bela estreia de Jaime, a corrida de Ibraim e o perigo que Nando sempre constituia para os franceses.

Fidalgo manteve intactas as redes de Portugal

Nos visitados, há a destacar a duresa (agressiva) de Corbis e Boissier, o eclipse de forma de Greses e a movimentação de Desmenez.

Cada futebolista português recebeu 3 contos de prémio. A equipa parte hoje para Lisboa.

Sob a arbitragem do luxemburguês Victor, as equipas alinharam:

FRANÇA — Gili (Olivam); Boissier, Lopez, Courbis e Nicol; Giresse e Cuperly; Giacchetti, Berdoll, Lacombe e Desmenes (Lecampeon).

PORTUGAL — Fidalgo; Franque, Casquinha, Vitor Pereira e Jaime; Sheu e Alves: Ibraim (Alexandre), Gregório, Eurico e Nando (Jordão).

Vitória final de Poulidor

AGOSTINHO: 20.º NA «SEMANA CATALÃ»

Com a vitória de Poulidor, terminou a «Semana de Ciclismo da Catalunha». Joaquim Agostinho (a 4 m e 2 s de distância e em 20.º lugar) foi o português melhor classificado.

Chegada da última etapa: 1.º, Zilioli, 4 h., 59 m. e 53 s. (à média de 33.813 quilómetros à ora); 2.º, Mortensen, 4.59.54; 3.º, Ocaña, mesmo htempo; 4.º, Pintens, m. t.; 5.º, Poulidor, 4.59.55; 6.º, Peterson, m.t.; 7.º, M. Lasa, 4.59.58; 8.º, P. Torres, 5.00.04; 9.º, J. Galera, 5.00.05; 10.º, Tamames, 5.00.13.

Os portugueses:

12.º, Joaquim Agostinho, 5 h., 00 m. e 13 s.; 40.º, Firmino Bernardino, 5.06.32; 41.º, Emiliano Dionísio, 5.09.02; 49.º, Manuel Mendes m. t.

Classificação geral oficial:

1.º, Poulidor, 24 h. 25 m. 3 s. (média de 35 385 quilómetros á ora); 2.º, G. Peterson, 24.25.12; 3.º, Ocana, 24.25.17; 4.º, Zilioli, m. t.; 6.º, M. Lasa, 24.25.27; 7.º, Mortensen, 24.25.50; 8.º, Jourden «Peugeot», 24.25.55: 9.º, Torres, 24.26.04; 10.º, J. Galera, 24.26.13.

Classificação dos corredores do Sporting:

20.º, Joaquim Agostinho, 24.29.05; 28.º, Firmino Bernardino, 24.38.35; 40.º, M. Mendes, 24.46.43; 53.º, Emiliano Dionísio, 25.14.37.

Fernando Mendes e Manuel Correia na Volta a Maiorca

Partem amanhã de avião para Maiorca (Espanha), os ciclistas do Benfica Fernando Mendes e Manuel Correia, que vão participar na volta ciclista áquela ilha mediterranica, juntamente com a equipa da Coelima.

Trata-se, de qualquer modo, de uma excelente oportunidade de «rodagem» para os estradistas lusos participantes na corrida.

Ginásio Clube Português: Subsídio de 700 contos da Câmara de Lisboa

Realizou-se ontem o banquete comemorativo do 96.º aniversário do Ginásio Clube Português. Na mesa de honra tomaram lugar o eng.º Santos e Castro, presidente da C. M. L., general Jorge Oom, presidente da assembleia geral do clube em festa, Gaudêncio Costa, presidente do Comité Olímpico Português, tenente-coronel Garcia Alvarez, presidente da Federação Portuguesa de Ginástica, Rocha Ribeiro, em representação do Lisboa Ginásio Clube, Manuel Fradinho, presidente da direcção do G. C. P., dr. Vítor Gonçalves, inspector da D. G. D., e prof. Luís Mateus, do I. N. E. F.

Usaram da palavra os srs Rocha Ribeiro, que salientou as afinidades existentes entre o Lisboa Ginásio e o Ginásio Clube; João Cabrita, sócio antigo, a manifestar gratidão pela dádiva de 500 contos feita pelo ginasista Manuel Nunes Correia; prof. Luís Mateus, proferindo considerações esperançosas; tenente-coronel Garcia Alvarez — a Federação não trairá o trabalho dos clubes pioneiros; Gaudêncio Costa: o Comité Olímpico não poderia faltar; Daul de Oliveira, pela Imprensa; general Jorge Oom, num apelo á união e interesse dos associados; dr. Vítor Gonçalves, manifestando desejo de ver o Ginásio voltar a praticar algumas modalidades em que brilhou; eng.º Santos e Castro: a C. M. L. está disposta a apoiar as colectividades cuja actividade merece a maior ajuda, tanto que concedeu ao Ginásio Clube e ao Lisboa Ginásio subsídios no montante de 700 contos e um outro de 1000 contos ao Ateneu Comercial de Lisboa; e, por fim, o dr. Manuel Fradinho, que se congratulou pela nova era representada pela construção da nova sede da agremiação.

HOJE À NOITE

BADMINTON — Campeonato de Lisboa de Pares-Veteranos, na Escola Nuno Gonçalves, ás 21.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da II Divisão: Ateneu - Nacional, ás 21; e Carnide-Atlético, ás 22 e 30, no Pavilão da Ajuda.

BILHAR — Campeonato de Lisboa de 2.ª categoria a uma tabela, na Associação dos Amadores de Lisboa, ás 21 horas.

TÉNIS DE MESA — Campeonato de Lisboa de Juniores: Alunos Apolo - Benfica, Carmo-Águias e Belenenses-Sporting, ás 21 e 30, nas mesas dos primeiros.

Campeonato Regional de Seniores de Santarém: Riomaiorense - Sporting de Tomar e União de Santarém-Empregados do Comércio, ás 21 e 30, nas mesas dos primeiros.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa de Seniores: Nacional de Ginástica-C.D.U.L., ás 22, em Oeiras; e Técnico-Lisboa Ginásio ás 21 e 30, no Técnico.

Regata Nauticampo

Integrada nas manifestações de propaganda desportiva a efectuar no próximo domingo, no ambito do Salão Nauticampo V, a Associação Naval de Lisboa, em colaboração com a Associação Portuguesa da «Classe 420», organiza a Regata Internacional Nauticampo.

Além de numerosa participação portuguesa, estarão presentes tripulações de Espanha, França, Suíça, Itália e Holanda.

Homenagem do Atlético à sua equipa de andebol

A equipa de andebol do Atlético que acaba de conquistar o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, coroando três anos de actividade notável, que a levaram da 3.ª á 1.ª Divisão, vai ser homenageada hoje, com um jantar na Adega Mesquita.

É o próprio clube que promove a homenagem.

Acontecimentos DE ONTEM

FUTEBOL:

«Taça Mondego»

Em Coimbra, a Académica bateu o União por 3-0 na final do torneio de futebol dotado com a «Taça Mondego»

As formações:

ACADÉMICA — Abrantes; Eugénio, Freixo, Belo e Marques; Fagundes (Maia); Reis e Vala; Soares, José Manuel e Prieto.

UNIÃO DE COIMBRA — Rasteiro; Baptista, Seabra, Carlos e Valdemar; Nisa, Chipenhe e José Carlos (Manho-Sousa Coutinho, 6/4-7/5; e Virgílio Coutinho-Pereira Mota, 6/4-7/5; e Virgílio Coutinho-Pereira Mota, 6/4-6/3.

HÓQUEI EM PATINS

O Rossiense e o Torres Novas classificaram-se para o Campeonato Metropolitano de Hóquei em Patins (I Divisão).

BASQUETEBOL

Para o Campeonato Nacional Feminino de Basquetebol (Zona Sul) o Sporting foi a Setúbal vencer o Vitória por 37-30.

As equipas e marcadoras: VITÓRIA — Maria Cruz (7), Clotilde (6), Maria Grilo (9), Maria Miranda (4), Maria Fonseca (4), Maria Santos, Maria Peralta e Maria Cerqueiro.

Sporting — Maria Lôpes teiro), Almeida, Cruz e Zeca (Ernesto).

Golos de José Manuel (2) e Prieto.

TÉNIS

«Torneio de Abertura» em ténis: Cunha Reis-Rui Saraiva, 6/2-6/1; Carlos Coutinho (9), Ana Magalhães (10), Catarina, Dulce (2), Filomena (14), Isabel Prates (2) e Luísa Narigão.

ATLÉTICA E LUTA

REUNE O CONGRESSO

Realiza-se, hoje, pelas 21 horas, o Congresso Ordinário da Federação Portuguesa de Atlética e Luta, na sede deste organismo federativo.

«RALLYE» NOCTURNO DO SPORTING

ADIADO O FECHO DAS INSCRIÇÕES

A fim de permitir a afluência de um maior numero de concorrentes, a secção de motorismo do Sporting Clube de Portugal, decidiu adiar o fecho das inscrições do «Rallye Nocturno» para as 21 e 30 horas da próxima segunda-feira, realizando-se o sorteio dos numeros de ordem meia hora mais tarde.

A prova decorrerá na noite de 3 para 4 do mês de Abril, contando para o Campeonato Regional de Promoção (Zona Sul).

CARLOS ALMEIDA

BOXE NO COLISEU

HOJE

A PARTIR DAS 21,45 PREFIXAS

GALA INTERNACIONAL LUSO-ESPANHOLA

CARLOS ALMEIDA — BENITEZ

LACUEVA DE CARVALHO - CARVAJAL

VITOR PEREIRA - ORTIZ

MANUEL DORES - ALCINO PALMEIRA

MAIS UM COMBATE DE AMADORES

BILHETES À VENDA NO COLISEU E NA A.B.E.P.

M/17

organizações LUSOBOX

O maior sortido de cores.

ADÃO JUVENIL

e

ADÃO, CAMISEIROS

têm para si a cor ideal

The real thing!

Levi's

RUA AUGUSTA, N.º 240

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DA MARINHA MERCANTE, AERONAVEGAÇÃO E PESCA

AV. ELIAS GARCIA, 123-2.º — LISBOA

AVISO CONVOCATÓRIO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

De harmonia com o Art.º 41.º dos Estatutos, convoco para o dia 30 do corrente, pelas 20,30 horas, uma Assembleia Geral Ordinária, a realizar na Sociedade A Voz do Operário, Rua Voz do Operário, n.º 13, em Lisboa, com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

1 — Apreciação do Relatório e das Contas relativas ao ano de 1970

Não havendo número legal, a Assembleia funcionará meia hora mais tarde, deliberando com qualquer número de sócios.

Só podem fazer parte da Assembleia os sócios que tenham pago as suas quotas durante os doze meses antecedentes.

A qualidade de associado deve ser comprovada com a apresentação do cartão de sócio.

Lisboa, 23 de Março de 1971

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
a) Adelino da Conceição Santos

COOPERATIVA «O PROBLEMA DA HABITAÇÃO»

S. C. R. L.

SEDE: Praça da República, 210 — PORTO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

De harmonia com a «Convocação» publicada em devido tempo, realiza-se no dia 31 do corrente, pelas 21 horas e 30 minutos, na Sede Social desta Cooperativa, em segunda convocação, a Assembleia Geral Ordinária, com a seguinte: Ordem da Noite — «Apreciar, discutir e votar o Relatório e Contas da Direcção e o respectivo parecer do Conselho Fiscal referentes ao exercício de 1970».

A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

SORTEIO PARA CONSTRUÇÃO

De harmonia com a «Circular» expedida oportunamente aos Senhores Associados, lembra-se que se realiza na Sede Social desta Cooperativa, no dia 30 do corrente, pelas 15 horas, o Sorteio para atribuição do direito à construção de casas, referente ao 1.º trimestre do ano em curso.

A DIRECÇÃO

LIVRELCO

CONVOCATÓRIA

De acordo com o preceituado no artigo 37.º dos estatutos, convoco a Assembleia Geral da Livrelco — Cooperativa Livreira de Universitários, S.C.R.L. a reunir em sessão ordinária, na sede social, em Lisboa — Rua José Carlos dos Santos, n.º 7-2.º, no próximo dia 27 do corrente mês de Março, pelas 17 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Discussão e votação do relatório e contas da gerência de 1970 e do respectivo parecer do Conselho Fiscal;

2 — Apreciação do Plano de Actividades da Direcção.

Não havendo número legal de sócios para deliberar em primeira convocatória, convoco desde já, a mesma Assembleia Geral, para reunir em segunda convocação no mesmo local, uma hora depois delibe-rando, então, com qualquer número de sócios presentes.

Lisboa e Sede Social em 23 de Março de 1971.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Eng.º Agostinho Mesquita Antunes de Carvalho

✝

Eduardo José Raposo

FALECEU

Maria José Raposo Rodrigues Palma, João Rodrigues Palma, Maria de Lurdes Raposo Rodrigues Palma, Maria José da Paz Raposo Rodrigues Palma, Matias José da Palma, filhos e mais família participam que foi Deus servido de chamar à sua divina presença o seu saudoso irmão, cunhado, tio e parente e que o funeral se realiza amanhã, dia 27, às 9 horas, da igreja de São João de Brito para jazigo de família no cemitério de São João dos Caldeireiros (Mértola), onde deve chegar pelas 13 horas.

AGÊNCIA BARATA

APLIQUE AS ECONOMIAS EM PROPRIEDADES
AMANHÃ ELAS VALERÃO MAIS

J. PIMENTA SARL constrói e vende nas melhores condições

Temos propriedades para venda, desde 140 Contos, prontas a fazer escritura

As nossas propriedades podem ser vendidas para habitação própria ou para aluguer, o que lhe proporcionará um excelente rendimento

LOCAIS DE CONSTRUÇÃO

Paço de Arcos—Bairro Comendador Joaquim Matias ● Cascais—Conjunto Turistico da Pampilheira ● Rebaleira — Edifício Oalras

ESCRITÓRIOS:

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 4 58 43 / 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21 / 22
BRAGA: Av. Marechal Gomes da Costa, n.º 590, 3.º, Dt.º
COIMBRA: Aven. Fernão de Magalhães, 470, 1.º, Sala 1
CASTELO BRANCO: Pr. do Rei D. José (com entrada pela R. da Figueira)
LUANDA: Henrique L. Castendo, Apartado 1224

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Vende
Consolidado 4 5/4%	—	—	486$
Consolidado 3%	—	—	495$
Consolidado 3 1/2%	—	—	604$
Centenários 4%	—	—	1.400$
Obrigs Tesouro 5%	—	—	1.000$
Externo 2.ª Série	—	585$	—
Externo 1.ª Série e.	—	605$	610$
Externo 3.ª Série	—	670$	700$
Externo 3.ª Série e.	—	—	770$
Caminhos 3 Série	—	165$	170$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	895$
A P 1 5% 58	885$	—	885$
C P 4 1/2% 65	—	—	—
C P 5 1/2% 67	920$	900$	925$
C U P 6%	—	935$	940$
C U P 6% 68	925$	920$	925$
Gás Elect 4% 48	—	—	—
Gás Elect 4 1/4% 51	—	—	—
Gás Elect 5% 52	—	—	—
Gás Elect 5% 58	—	820$	—
Gás Elect 5% 59	830$	820$	840$
Gás Elect 5% 62	—	955$	—
Gás Elect 5% 63	—	960$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	967$	—
H E A Alentejo 5%	795$	795$	—
H E Cávado 5%	—	760$	—
H E Cávado 6%	—	250$	960$
H E Douro 5%	—	765$	—
H E Douro 6%	945$	940$	950$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	—	—
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	760$
Lisnave 6%	—	—	945$
Metropolitano 4%	—	—	902$
Metropolitano 5 3/4%	—	950$	980$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Elect 5%	745$	745$	750$
Nitratos 5%	—	—	750$
Nitratos 5% 60	750$	—	—
Petroquímico 5%	860$	850$	860$
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	960$	970$
Sacor 5% 60	—	—	880$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	735$
Siderurgia 5% 4.ª	—	730$	740$
Sonefe 5%	—	785$	—
I A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	735$	—
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	—
U E P 1/2%	—	90$	—
U E P 5%	71$	70$	71$5
U E P 5% 60	—	710$	—
U E P 5% 63	—	850$	860$

Ultramarinos	Efec.	Compra	Vende
Ag S Tomé e Príncipe	—	215$	230$
Borar	126$	125$	28$
Buzi	69$	68$	70$
Carmo	—	—	—
Diamantes Angola	—	2.100$	2.160$
H E Revué	—	—	—
Ilha do Príncipe	—	700$	750$
Moçambique	185$	185$	186$
Sonefe n	420$	420$	425$
Sonefe o	425$	425$	430$
Zambézia	—	68$	68$5
Diversos			
Cidla	6.900$	6.850$	6.950$
Cim Leiria	4.500$	4.400$	4.600$
Cim Tejo	—	8.200$	8.400$
Co Navegação	—	1.510$	1.540$
C U	—	—	1.450$
Ind Aliança	—	600$	680$
Nac Navegação	—	3.900$	4.000$
Petroquímica	—	—	370$
Port e Comércio	—	—	—
Port Celulose	4.200$	4.180$	4.250$
Port Pesca	1.110$	1.110$	—
Port Tabacos	600$	600$	605$
Sacor	—	3.800$	4.000$
Siderurgia Nac	—	—	2.400$
Soce	3.740$	3.780$	3.750$
Tabacos de Portugal	—	1.400$	1.580$
Tabaqueira	6.250$	6.220$	6.250$
U F Azeite	660$	650$	660$
Agua Elect e Gás			
Águas Lisboa p	—	390$	—
Águas Lisboa 34	—	416$	425$
Águas Lisboa 36	—	400$	415$
C P Electricidade	1.206$	1.206$	1.207$
C P Electricidade nom	1.200$	1.195$	1.205$
C P Electricidade 1969	—	—	—
Eléct Beiras	—	1.765$	—
Gás Electr	449$	448$5	449$
H E Alto Alentejo	179$5	179$	180$
H E Norte Portugal	230$	230$	235$
H E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	202$	201$	202$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	208$4	209$5
F I D E S	—	126$4	130$2

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Rua do Ouro, 52-54 — LISBOA — Tel. 366066/7
Teleg ALMEIRO —— Telex 1471, ALAPI P

ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.790$	2.785$	2.795$
Alentejo	1.185$	1.183$	1.185$
Angola	3.880$	3.880$	3.890$
Burnay	—	—	—
Crédito Predial	7.500$	7.500$	7.550$
E Santo	6.480$	6.480$	6.490$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	25.000$	27.000$
Fomento	—	2.850$	2.900$
L G Açores p.	—	—	—
L G Açores n.	—	—	—
P Atlântico p.	6.100$	6.100$	6.150$
Portugal n	—	3.320$	3.340$
Portugal o	—	4.210$	4.300$
Porto Alvanga	5.680$	5.675$	5.690
Ultramarino n.	3.900$	3.900$	3.920$
Ultramarino p.	4.210$	4.210$	4.220$
Seguros			
Alentejo	154$	153$5	155$
Douro	—	2.200$	—
Mundial	1.005$	1.005$	1.010$
Sagres	2.900$	2.850$	2.950$
Tranquilidade	—	90.000$	—
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	720$	720$	740$
Ag Cassequel	620$	620$	625$
Ag Incomafi	—	—	900$
Ag Neves	—	—	420$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	19/3/71	25/3/71	26/3/71
GERAL	152,9	152,0	151,9
METROPOL.	148,2	148,2	148,1
ULTRAM.	187,1	180,1	179,6

PAÍSES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rands	35$50	36$00
Alemanha — Marco	7$70	8$00
América:		
—Dollars de 1 e 4	27$90	28$40
— de 5 a 20	28$20	28$70
— de 50 a 1000	28$30	28$80
Argentina — Peso Novo	5$00	6$50
Austria — Schilling	1$10	1$16
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	5$80
Canadá — Dólar	27$80	28$30
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42,0
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	4$90	5$50
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suecia — Coroa	5$35	5$65
Suiça — Franco	6$58	6$78
Ouro:		
Inglaterra—Libra (cabo)	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	300$00	320$00
Ouro fino — Barra	36$20	38$20

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72

Papéis de crédito
Notas estrangeiras
Tel. 231278

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

QUARTEL MESTRE GENERAL

DIRECÇÃO GERAL DO SERVIÇO DE INTENDÊNCIA

CONSELHO ADMINISTRATIVO

AQUISIÇÃO DE MATERIAL:

1. — Faz-se saber que, no CA/DSI, Avenida de Berna, n.º 9, 5.º andar, em Lisboa, se encontram abertos os seguintes Concursos Públicos:

N.º do Concurso	AQUISIÇÃO DE	Data de entrega das propostas no C. A./D. S. I.	Data de abertura das propostas no C. A./D. S. I.
2/71	Arquivos, estantes, ficheiros, mesas, secretárias, etc.	Até 19ABR71	20ABR71 às 16 h.
3/71	Diversos utensílios de cozinhas e refeitórios	»	22ABR71 » »
4/71	Duplicadores, fotocopiadores, calculadoras eléctricas e electrónicas	»	26ABR71 » »
5/71	Frigoríficos, esquentadores, fritadeiras, hidroextractores, calandra, máquinas centrifugadoras, etc.	»	28ABR71 » »
6/71	Colchões e almofadões de espuma	»	26ABR71 » 17 h.
7/71	Balanças, caixas isotérmicas, e recipientes p/ transporte de comida	»	30ABR71 » 16 h.
8/71	Mesas de cabeceira, mesas de 1X1 m., cofres, etc.	»	30ABR71 » 17 h.

2. — O Caderno de Encargos que serve de base ao referido Concurso pode ser consultado todos os dias úteis das 14 às 18 com excepção de Sábados, em que estará patente das 10 às 12 h.

O PRESIDENTE DO C. A.
MANUEL MACHADO
Coronel do SAM

CARTAZ DOS CINEMAS

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
ESTREIA ÀS 21.45
Divertida comédia sentimental!
QUEM SE METE COM RAPAZES...
com Gianni Morandi
Technicolor

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
...Onde termina o amor e começa o terror...
MANEQUIM DESFIGURADO
(CRESCENDO)
com Stefanie Powers e James Olson
Technicolor

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
15.15 — 21.30
Eastmancolor — Tecniscope
4.ª SEMANA
Uma americana rica... uma italiana bonita... Um homem sem escrupulos... Uma aventura a três!
O CEGO DESEJO
com Carrol Baker — Lou Castel — Colette Descombes

MATINÉES INFANTIS SÁBADO E DOMINGO, ÀS 18.15 (M. 6 anos)
Um filme que vai directamente ao coração de toda a gente
O BOM GIGANTE
a extraordinária história de uma amizade entre um rapaz e um urso. ———— Tecnicolor

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320917
Às 21 horas
O CRIADO
ELES COM ELAS

LUMIAR
(M. 12 anos) Tel. 795293
ÀS 21 H.
GANGSTERS FALHADOS
30 WINCHESTERS

ROYAL
(M. 12 anos) Tel. 865037
Às 21 h.
CHAMAM-ME... MISTER TIBBS!
CAÇADORES DE ESCALPES

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 horas
PERSEGUIDAS NA ESCURIDÃO
A MINHA FILHA É UM PROBLEMA

TIVOLI
(M. 17 anos) Telef. 50595
3.ª SEMANA
Amanhã: As 3 da tarde e 9.30 da noite
Lili Palmer, Cristina Galbo e John Moulder Brown em
INTERNATO DE RAPARIGAS

IMPÉRIO
(Adultos) Tels. 555134/5
Às 15 e ás 21.15
A mais bela história de amor no ambiente escaldante da revolução
Segundo Boris Pasternack
Um filme de David Lean
«DOUTOR JIVAGO»
com Omar Sharif — Geraldine Chaplin — Julie Christie
70 m/m — Metrocolor
ATENÇÃO: O filme começa a ser exibido ás 15.15 e ás 21.30

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
3.ª SEMANA
Às 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima de Jean Luc Godard
«O ACOSSADO»
(A Bout de Souffle)
com Jean Paul Belmond e Jean Seberg

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21 30
O ÚLTIMO DOMICÍLIO CONHECIDO
com Lino Ventura e Marléne Jobert

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
Às 15.15, 18.15 e 21.30
EM 5.ª SEMANA
Um dos grandes êxitos da temporada
O PATIFE
com Jean-Louis Trintignant

LIDO
(M. 12 anos) Tel. 937593
ÀS 21.30 H.
Luís de Funés — é o Rei da Paródia!
O HOMEM ORQUESTRA
Um filme para toda a gente rir!

IMPERIAL
(M. 17 anos) Tel. 45923
Às 21 h.
O CRIADO
ELES COM ELAS

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA DE RISO!
Nino Manfredi, Jason Robards, Peter Falk e Martin Landau num filme onde a guerra e mero pretexto de constante diversão!
UM TIRO PELA CULATRA
Technicolor-Techniscope)
Um filme de Monni Lop
METRO: Estação Picoas

VOX
(Adultos) Tel. 720808
As 18 30 e 21 45 h
4.ª SEMANA TRIUNFAL!
A mais recente e excitante realização de André Capotel
OS CAMINHOS DE KATMANDOU
Grande desempenho de Pascale Andret, Serge Fainsbourg e Elsa Martinelli
(Technicolor)
Junto à Av. de Roma

ODEON
(M. 17 anos) Tel. 326283
Às 15.15 18 15 (p r.) e 21.30
4.ª SEMANA DE ÊXITO
SENSACIONAL COM SARA MONTIEL
no seu mais extraordinario e apaixonante filme de sempre
ESSA MULHER
Emocionante odisseia de uma jovem a quem o destino nega o direito de ser feliz
GRANDIOSA REALIZAÇAO
ADMIRAVEIS CANÇÕES
EASTMANCOLOR

BERNA
(M. 12 anos) Tel. 776098
Às 18.30 e 21.45 h.
Peter O'Toole, Ava Gardner e Richard Harris
na espectacular superprodução de Lino de Laurentiis, realizada por mestre John Huston
A BÍBLIA
Um filme de todos os tempos, agora em Panavision de 70 mm. e Technicolor!
A Av Marquês de Tomar

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 264821
Às 17 e 21.30 h.
QUANDO A PRIMAVERA ACABA
com Maggie Smith, Robert Stephens, Pamela Franklin, Gordon Jackson e Celia Johnson
Sábado — ás 15.30 h.
«Matinée» Infantil» (M. 6 anos)
O REI DOS URSOS PARDOS

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 426305
Às 15 15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
GRANDE ÊXITO!
UM FILME DE ALTA EMOÇÃO E DE SENSAÇÃO ESPECTACULAR
AS RODAS DA LOUCURA
com Darren McGavin, Sean Garrison, Susan Clark e Anne Baxter
A VIDA DOS ASES DO VOLANTE NUM DESAFIO À MORTE ESTIMULADO PELA ABBIÇÃO DE GLÓRIA, DINHEIRO E PAIXÃO DAS MULHERES
Tecnicolor

DOMINGO, ÀS 11 HORAS — SESSÃO INFANTIL, com cinema e brindes, BRINDE ESPECIAL: Todos os pequeninos que fizerem anos no DOMINGO têm ENTRADA GRÁTIS e uma FOTO COLORIDA que lhes tira o fotógrafo ROD.
(M. 6 anos)

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18 30 e 21.40
12.ª SEMANA
Um filme romantico!
O SILENCIO DO AMOR
com Marie Dubois e Matthieu Carriere
EASTMANCOLOR

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
2.ª SEMANA
As 15.15 18.15 e 21.30
Gregory Peck — Tuesday Weld em
ENTRE A HONRA E O AMOR
Ele casado—45 anos! Ela bonita — 20 anos
Um filme de John Frankenheimer
Panavision — Color

ALVALADE
(Adultos) Tel. 717480
2.ª SEMANA
Às 15.45 e 21.45
Gregory Peck — Tuesday Weld em
ENTRE A HONRA E O AMOR
Ele casado — 45 anos! Ela, bonita — 20 anos
Um filme de John Frankenheimer
Panavision — Color

ROMA
(Adultos) Tel. 72778
3.ª SEMANA
Às 15.30 e 21.45
JEAN GABIN
numa excepcional interpretação
A HONRA DA FAMILIA
Technicolor

CONDES
(Adultos) Tel. 322523-326710
As 14.15 16.30 18.45 e 21.45
3.ª SEMANA TRIUNFAL
TRAIÇÃO INVEROSIMIL
com Brunilde Judice, Ligia Teles, Carmen Mendes, Mario Pereira
Realização de Augusto Fraga

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
As 15 e ás 21.30
4.ª SEMANA
PATTON
com George C. Scott e Karl Malden
Em 70 m/m
QUINZENA NOVOS REALIZADORES INGLESES
Hoje — Adultos — 18.45 h.
O FALHADO, de Michael Winner, com Oliver Reed e Orson Welles

SATÉLITE
(Adultos) Tel. 562632
5.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45 h.
Um filme de Claude Soutet
COISAS DA VIDA
Eastmancolor
Premio Louis Delluc
com Michel Piccoli, Romy Schneider e Lea Massari

outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Santo e a Porca» (12 anos).
GIL VICENTE — Às 21 e 30: «A Maluquinha de Arroios» (17 anos)
VARIEDADES — Às 21 e 45: «O Contorto» (17 anos).
A B C — As 20 e 45 e ás 23 h.: «Frangos na Grelha» (17 anos).
TRINDADE — As 21 e 45: «O duelo» (17 anos)
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «A casa dos cabras» (17 anos).
MARIA MATOS — As 21 e 45: «O Inocente» (17 anos)
VILLARET — As 21 e 45: «Depois da queda» (17 anos)
CAPITÓLIO — As 21 e 45: «Querida mamã» (17 anos)
VASCO SANTANA — As 21 e 45: «A cozinha» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Um dólar nos dentes» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Com leite voi... campista» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Amor, a maior riqueza» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «O Vale do Arco Iris» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Provem o sangue de Drácula» (17 anos)
IDEAL—Às 21: «Doze mais uma» (17 anos).

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Doutor... Cuidado com Elas» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «O Homem das Pistolas de Ouro» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O Ultimo Fica Vivo» (12 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Quando a Primavera Acaba» (17 anos)
ESTORIL — PALÁCIO — Às 21 e 30: «Um Homem e a sua História» (12 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Contestação Geral» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Os Sete Magníficos» (12 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO—Às 21 e 30: «Aquele dia frio no Parque» (17 anos)

● PORTO

TEATROS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: Concerto musical».
SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «...E o Zé faz tudo!» (17 anos)
ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «As Bodas de Sangue» (17 anos)

CINEMAS

COLISEU — Às 21 e 30: «A carta do Kremlin» (17 anos).
RIVOLI — As 21 e 30: «Rainha por mil dias» (17 anos)
AGUIA DE OURO — As 21 e 30: «Cinco para o inferno» (17 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «O Sosia» (12 anos).
JULIO DINIS — As 21 e 30: «Isadora» (17 anos).
BATALHA — As 21 e 30: «O gendarme em férias» (12 anos)
TRINDADE — As 21 e 30: «Apartes» (17 anos)
ESTUDIO — As 21 e 30: «Uma mulher meiga» (17 anos)
CARLOS ALBERTO—Às 21: «Hércules contra o Filho do Sol» e «Chega, veio e disparo!» (12 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «O preço do poder» (12 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Tarzan e a Companheira» (12 anos)
NUN'ALVARES — Às 21 e 30: «Os Impetuosos» (12 anos).

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Perdidos no Espaço» (12 anos).
AVENIDA — Às 21 e 30: «Internato de raparigas» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «David Copperfield» (12 anos).

farmácias de serviço

● LISBOA

ALCÂNTARA — Dilema, R. Aliança Operária, 49-A (t 636620) * **Costa**, Rua dos Lusíadas, 32 (telef 636704) * **Vieira a Rosa**, Rua Prior do Crato, 74 (tel 660187)
ALTO DO PINA — Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (tel 728277)
ALVALADE — Aeroporto, Avenida Almirante Gago Coutinho, 101-D (á Avenida D Rodrigo da Cunha) (telef 722384) * **Cabrita**, Campo Grande, 222 (tel 772397) * **Sanex**, Avenida de Igreja, 31-C (telef 776905) * **Rio de Janeiro**, Avenida Rio de Janeiro, 4-C (á Avenida Estados Unidos da América (tel 721409)
AMEIXOEIRA — S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (ás Galinheiras) (telef 790969).
ARCO DO CEGO—S Jorge, Avenida Rovisco Pais, 32-A (tel 534027)
AREEIRO—Algarve, Avenida de Roma, 7-B (tel 777478)
ARROIOS — Pancada, R Rebelo da Silva, 9 (telef 43340) * **Castro**, Avenida Almirante Reis, (t 44373)
AVENIDA DA LIBERDADE — Liberal, Avenida da Liberdade, 219 (Tel 4364)
AVENIDAS NOVAS — Figueiras, Avenida Marquês de Tomar, 20 (tel 44995) * **Cruz Nunes**, Praça Duque de Saldanha, 14 (tel 41845)
BAIRRO ALTO—Sanitas, Praça Luís de Camões, 24 (tel 322798)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO—Ascenso, Rua 27, 41 (telefone 321216)
BAIXA — Silva Carvalho, R dos Fanqueiros, 126 (tel 326575)
BELÉM—Bom Sucesso, R Bartolomeu Dias, 63-A (telefone) 611454)
BENFICA — Santa Cruz, Av Gomes Pereira, 34-A (telef 704828)
CAMÕES — Sanitas, Praça Luís de Camões, 24 (tel 322798)
CAMPOLIDE — Oliveira, Rua de Campolide 54-A (tel 684424)
CAMPO DE OURIQUE — Elma, Rua D Maria Pia, 358-A (tel 686176) * **Urbano de Freitas**, Rua Silva Carvalho, 19 (tel. 662838) * **Tagus**, Praceta da Rua Possidónio da Silva, 162-A (telefone 669485) * **Pinheiro**, Rua de Campolide, 13 (tel 686640)
CARNIDE — Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (tel. 780969)
JANELAS VERDES — Reis Garrido, R das Janelas Verdes, 90 (tel 662327)
LAPA — Mota Capitão, R de S Félix, 45-A (telefone 660720)
LUMIAR — Central, R do Lumiar 77 (telefone 790480)
MARQUÊS DE POMBAL — Liberal, Avenida da Liberdade 219 (tel 43641)
MOURARIA — Silva, Calçada de Santo André, 16 (telef 862074)
OLIVAIS — Antunes Rosas, Praça da Cidade do Luso, lote 199 (Olivais-Sul) (telef 313610) **Central dos Olivais**, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais - Norte) (telefone 315539)
PENHA DE FRANÇA — Bastos, Rua Morais Soares, 91-F (telef 884350) **Branquinho**, Rua de Sapadores, 87 (telef 842725)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (telefones 720703-728395)
RATO — Vicente de Jesus, Largo do Rato 3-C (telef 681947)
RESTELO — Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (á encosta do Restelo) (telefone 612248
SANTO AMARO — Gomes Rua da Junqueira, 326 (telef 638193)
S. BENTO — Fénix, R da Cruz dos Poiais, 52 (telef 678531)
S. MIGUEL — S. Miguel, Praça Francisco de Morais, 1 (telef 771469)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Novais, Avenida Luís Bivar, 11 (telefone 44324)
SETE RIOS — Curie, Avenida Madame Curie, 15-A (telef 778439) **Laranjeiras**, Rua Filipe da Mota, 160 (telef 761035)
SOCORRO — Silmar, Rua de S Lázaro, 128 (telefone 42829)
XABREGAS — Conceição, Calçada de D Gastão 30 (telef 381275)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes — Av Comb G Guerra, 166 (Telef 213953)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (T 242839).
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R Costa Pinto, 186 (Tel 2432024)
OEIRAS — Central — R Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058)
PAREDE — Macau — R. J. Elias Garcia 60-C (Tel 2471785.
ESTORIL — S. João, S João do Estoril, (telefone 26 11 86)
MONTE ESTORIL — Ostende, Rua de Espinho, 1 (Tel 26 186).
CASCAIS — Cordeiro — Av Comb G. Guerra, 40 (Tel 280170) * **Nova** — Est de Alvide — Fontainhas (Tel 281044)
S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (tel. 263052).

● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco R Elias Garcia, 209 (telefone 930019 * **Flama**, R. Elias Garcia, 18-B (telefone 932485) * **Confiança**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A tel 938 491.
DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9 (Tel. 970523)
QUELUZ — Zeller, Rua da Republica, 83 (Telefone 950045) * **Correia**, L. do Mercado, 3 (Tel 950905).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia 55 (telefone 2940034)
MEM MARTINS — Quimia, Est Mem Martins, 285 (Tel 29 00 21)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (tel 980456)
SINTRA — Matrazes — L Rainha D Amélia, 20 (Tel 980157)
COLARES — Colares — Abreja (tel 299088).

● Outra banda

ALCOCHETE — Nunes, C Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel 234137)
ALHOS VEDROS — Portugal, Av da Bela Rosa, 81 (Tel. 224).
ALMADA — Algarve — R. Fernão Lopes, (telefone 270271).
BAIXA DA BANHEIRA—Nova Fátima — Estrada Nacional, 221-B (telefone 224141)
BARREIRO — Normal — Av Alfredo da Silva, 116 (Tel. 2273035)
COVA DA PIEDADE—Castro Rodrigues — L. 5 de Outubro, 62 (Tel 270121)
MOITA — União Moitense — Av Dr Teófilo Braga (tel 239025)
MONTIJO — Higiene — R. José Joaquim Marques, 142 (Tel 230370)
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis 67 (Tel 229028)
SETUBAL — Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz (t. 22408) * **Portugal**—R. Camilo Castelo Branco (Tel. 23211)
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

● PORTO

35075) * **Cameira**, Rua do Heroísmo 90 (Telefone 52583 * **Canaverro**, Rua da Restauração, 53 (Tel 60754 * **Confiança**, Rua de Santa Catarina, 960 (Tel 22884) * **Costa Cabral**, Rua de Costa Cabral, 834 (Tel 40780) * **Figueiredo, Lda.**, Rua de Cedofeita, 25 (T 21620) * **Fonte da Moura**, Rua de Tânger 463 (Telefone 68 444) * **Monte dos Burgos** Rua do Monte dos Burgos, 802 (Tel 62279) **Monte Cativo**, Rua Monte Cativo 444 (T 41687) * **Nova Avenida**, Av Fernão de Magalhães, 692 (Telefone 52250) * **Padrão**, L do Padrão, 342 (T 52149) * **Parente** Rua das Flores, 14 (Tel 21611) * **Pombeiro**, Campo dos Mártires da Pátria, 52 (Telefone 31295) * **Sá da Bandeira**, Rua de Sá da Bandeira, 236 (Tel 22164) * **Nacional**, Rua Senhora da Luz 56-Foz T 680833)

● COIMBRA

M. Nazaré — Avenida João das Regras (t. 23083) * **Figueiredo** — Rua da Sofia (t. 22837) * **Comela** — Rua Visconde da Luz (tel. 22834).

Diário de Lisboa
DL
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

INFORMAR A INDÚSTRIA PORTUGUESA DO ESFORÇO DE RECUPERAÇÃO DA EUROPA

— um dos objectivos de uma reunião realizada hoje na respectiva Corporação

Informar os industriais portugueses do esforço a que se entregam os países europeus para recuperar o atraso existente em relação aos Estados Unidos (alguns já o conguiram) pareceu particularmente oportuno no momento em que, entre nós, se procura o estímulo para um profundo fomento industrial, se prepara uma reforma do ensino e se caminha para uma integração europeia, como condição indispensável de sobrevivência económica. Este o motivo principal da reunião realizada esta tarde na Corporação da Industria, em que participaram cerca de 40 industriais portugueses e os membros do Grupo de Trabalho de Coordenação da participação portuguesa na cooperação europeia, no domínio da investigação científica e técnica.

Entre as personalidades presentes contavam-se os presidentes da Corporação da Industria, da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica e do Grupo de trabalho, respectivamente srs. dr. Augusto de Sá Viana Rebello, prof. Leite Pinto e dr. António Silva de Sousa, bem como o secretário-geral da Corporação da Industria, sr. dr. Henrique Sequeira.

Outro dos objectivos da reunião consiste na prospecção do interesse da industria portuguesa e modo de participação nos planos de investigação científica e técnicas que virão a ser aprovados pela reunião interministerial a realizar ainda este ano pelos países do Mercado Comum e os restantes nove países europeus, incluindo os da E. F. T. A.

A inauguração do Vale pronunciando o seu discurso

O TEMPO

INFORMAÇAO DO SERVIÇO METEOROLOGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era fraco de Nordeste e o céu estava limpo, com excepção do Minho e Douro Litoral onde estava muito nublado.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua, 22°,5; mínima: Pedras Salgadas, 2°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Porto, 14°; Penhas Douradas e Coimbra, 10°; Portalegre, 14°; Lisboa, 12°; Faro e Funchal, 15°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 16; na água do mar: 13°,6.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco predominante de Leste.

Amanhã
Nascer ás 7 e 31
Ocaso ás 19 e 54

Hoje Dia 2 Dia 10 Dia 18

MARÉS:

PRAIA-MAR. Hoje — 3 e 52 (4,4 m); 16 e 20 (4,3 m). Dia 27 — 4 e 34 (4,5 m); 17 (4,3 m). Dia 28 — 5 e 24 (4,4 m); 17 e 47 (4,3 m).

BAIXA-MAR: Hoje — 9 e 8 (0,5 m); 21 e 36 (0,6 m). Dia 27 — 10 e 01 (0,5 m); 22 e 18 (0,5 m). Dia 28 — 10 e 42 (0,6 m); 23 e 02 (0,6 m).

CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS JORNALISTAS

Ouvida a Secretaria de Estado da Informação e Turismo foi homologado, por despacho de hoje do Secretário de Estado od Trabalho e Previdência, dr. Silva Pinto, a decisão da comissão arbitral constituida para regulamentar as condições de trabalho dos jornalistas.

A decisão será publicada num dos próximos numeros do Boletim do I. N. T. P., pelo que o novo instrumento de regulamentação colectiva entrará em vigor no dia 1 de Maio.

Terminaram os trabalhos do congresso da I.B.M.

Terminaram hoje, no salão-restaurante do Casino Estoril (encerrado há já três semanas sob reserva para os congressos que a I.B.M. realizou este mês em Portugal) os trabalhos da Convenção dos Países do Sudoeste Europeu que reune cerca de 800 representantes da Itália, Bélgica, Espanha e Portugal.

À noite, os congressistas assistem, no Casino Estoril, a um espectáculo de gala durante o qual actuará a cançonetista francesa Juliette Greco, especialmente contratada.

AFOGADO NO RIBEIRO

ÁLVARO, 26 — No ribeiro da Ladeira das Sarnadas, desta freguesia, foi encontrado o cadáver do trabalhador rural Augusto Moreira, de 68 anos, solteiro. Não há suspeita de crime e presume-se que o acidente se tenha verifcado há já três ou quatro dias.

FOI ONTEM APRESENTADA A NOVA PUBLICAÇÃO «MARKETING & MANAGEMENT»

«A unica revista portuguesa que se vai dedicar á técnica de gestão de empresas e comercialização» — na definição do dr. Valadão do Vale, presidente do conselho de admininstração da Sociedade de Estudos Técnicos «Teste» — foi ontem apresentada durante um encontro com destacadas personalidades da economia portuguesa e representantes dos órgãos de Informação. Título da publicação: «Marketing & Management.»

A procura de soluções para os problemas da especialidade será preocupação dominante da revista, cujo director, Martin Guia, afirmou nomeadamente:

— Para nós as técnicas de «Marketing» ou gestão justificam a sua existência para que ao consumidor seja dada completa e plena satisfação. Só a partir da satisfação das necessidades ou desejos dos consumidores é possível assegurar ás empresas a sobrevivência a longo prazo.

JÁ HÁ HORÁRIOS DE BOLSO DA LINHA DE SINTRA

A propósito da nota que ontem publicámos, intitulada: «O pouco que pedem (á C. P.) os utentes da linha de Sintra», o Serviço de Relações Publicas da C. P. deu-nos a seguinte explicação: por impossibilidade da tipografia que habitualmente trabalha para a C. P., a empresa encomendou a impressão de 200 mil exemplares do «horário de bolso» a outra tipografia; acontece, porém, que esta não cumpriu os prazos estabelecidos, pelo que a respectiva distribuição só poderá começar a ser feita na segunda-feira; entretanto, e no intuito de minorar os inconvenientes, os Serviços Comerciais da C. P. pediram ao Guia Oficial a impressão de 40 mil exemplares cuja distribuição (gratuita) começou hoje.

GRÉCIA... TURQUIA!... MAR EGEU
9 dias maravilhosos
5 a 13 de Junho
Incluindo:
1) Viagem de ida e volta em avião LISBOA/ATENAS/LISBOA.
2) Alojamento em Hotel de luxo em Atenas.
3) Excursões em Atenas e transferências.
4) Cruzeiro de 5 dias no Mar Egeu no barco de cruzeiro «KENTAVROS» de luxo. Alojamento em cabines duplas c/ banho — classes de luxo.
5) Escalas em MIKONOS, PATMOS, EPHESO (TURQUIA), RHODES, KNOSSOS, SANTURINE, CRETA, HERACLION.
6) Excursões em terra.
7) Todas as refeições em terra e a bordo.
8) Festas e divertimentos a bordo.
9) Jantar de despedida em restaurante típico «ZORBA», em Atenas.
10) Acompanhamento durante toda a viagem.
Preço 9 dias, desde Esc.: 13.435$00
incluindo todas as taxas
INSCRIÇÕES LIMITADAS
9 dias maravilhosos
TURISMO CRUZEIRO, LDA
R. do Alecrim, 7/Lisboa - Tel. 326888/369122

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

Concelho de Lisboa:

1.º Sector — Rua do Cruzeiro (parte), Trav. José Fernandes, Trav. da Ferrugenta, Trav. Terras do Pardal e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

8.º Sector — Rua Actor Vale de 1 a 37. (Das 8 ás 12 horas).

10.º Sector — Rua General Henriques Carvalho, Az.ª das Carmelitas, Trav. do Pregoeiro, Est.ª Paço do Lumiar, R. do Seminário, Trav. da Luz e imediações e Az.ª da Fonte. (Das 8 ás 12 horas).

Concelho de Oeiras:

1.ª Zona — Barcarena, Tercena. (Das 8 ás 14 horas).

2.ª Zona — DAFUNDO: R. Policarpo Anjos, Trav. Pinto Correia e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

Concelho de Cascais:

3.ª Zona — Torre: Caminho do Picadeiro, Cortiços. (Das 8 ás 14 h.).

4.ª Zona — Bicesse, Estrada das Fisgas. (Das 8 ás 14 horas).

5.ª Zona — Estoril: Av. Fausto Figueiredo, Escola Salesiana e imediações. (Das 9 ás 14 horas).

Concelho de Sintra — Portela de Sintra:

6.ª Zona — Av. Frederico Ulrich, Praça D. Pedro V, R. Pedro de Sintra, Av. Dr. Álvaro de Vasconcelos. Trav. de Casal dos Cosmos, Trav. da Portela, Rua Francisco Rodrigues Ferreira, Bairro da Portela e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

7.ª Zona — Algueirão Velho, Est.ª das Mercês, Est.ª da Baratã. (Das 8 ás 14 h.).

Concelho de V. F. de Xira:

8.ª Zona — Povos, Castanheira, Vala do Carregado. (Das 7 ás 14 horas).

9.ª Zona — Rua da Republica, Rua dos Marinheiros, R. Luís de Camões, R. Mártires da Revolução, Rua 5 de Outubro e imediações. (Das 8 ás 14 horas).

Concelho do Sobral de Monte Agraço:

10.ª Zona — Freiria. (Das 8 ás 14 horas).

Concelho de Torres Vedras:

11.ª Zona — Carvoeira, Zibreira, Carreiros, S. Domingos de Carmões, Boligueira. (Das 8 ás 14 horas).

Concelho de Santarém:

12.ª Zona — Amiais de Baixo. (Das 8 ás 14 horas).

LIVROS ESPANHÓIS
A única Livraria dedicada exclusivamente à venda de livros em lingua espanhola.
LIVRARIA TORRENS
Rua Antero de Quental, 14-A e 14-B

Rodarte AGÊNCIA DE VIAGENS
EXCURSÕES
TURISMO
SEMANA SANTA
SEVILHA — DE: 5 A 12 DE ABRIL
ASSISTINDO AS GRANDES SOLENIDADES RELIGIOSAS DA SEMANA SANTA E VISITANDO A LINDA CIDADE DE
CÓRDOBA E GRUTAS DE ARACENA
PREÇOS: 650$00 — 3.000$00 ou 3.800$00
MADRID — DE 7 A 12 DE ABRIL
VISITANDO:
VALLE DE LOS CAIDOS
PREÇOS: 650$00 — 1.800$00 ou 2.000$00
ALGARVE e AYAMONTE
DE 8 A 11 DE ABRIL — PARTIDA (5.ª-FEIRA) AS 14 H.
PREÇOS: 350$00 ou 1.100$00
MEDIANTE SALVO-CONDUTO
Feira de Sevilha (2 VIAGENS DE 6 DIAS)
DE 17 A 22 E DE 21 A 26 DE ABRIL
VISITA À FORMOSA COSTA ALGARVIA E À BONITA CIDADE DE CÓRDOBA
PREÇOS: 650$00 — 2.000$00 ou 2.600$00
HOLANDA — TULIPAS EM FLOR
DE 15 A 30 DE ABRIL — PREÇO: 7.200$00
PROGRAMAS, INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES NA
AGÊNCIA DE VIAGENS
RODARTE
R. DA PALMA, 159-A — Tel. 861214 e 860011 — LISBOA
METRO (SOCORRO)

MESA REDONDA

A crise vinícola afecta fundamentalmente os pequenos produtores

JOSÉ JOÃO LOURO

A maior parte da produção vinícola portuguesa assenta na pequena vinicultura. São os vinicultores de 0,5 a 10 pipas, muitos trabalhando na sua própria exploração, raramente, ou pequena percentagem, associados nas Adegas Cooperativas. Tradicionalmente estes pequenos vinicultores não manifestam todos os seus vinhos (desconfiam ou têm medo dos impostos) e não são totalmente abrangidos pelas actividades de intervenção do organismo respectivo.

O grande armazenista, jogando na baixa de preços (é condicionado, ao menos em relação a vinhos exportáveis, pelos baixos preços internacionais), não interessa comprar aqui umas pipas, acolá outras. Prefere comprar, nas grandes explorações, muitos milhares de pipas.

O pequeno produtor vende normalmente ao retalhista jogando muitas vezes na não completa legalidade das relações comerciais. Retalhista e pequeno produtor preferem calar-se e não dar com a «língua nos dentes», sobre os quantitativos da transacção comercial. «O segredo é a alma do negócio».

Em época de baixa de preço e de oferta, com vinho não manifestado o pequeno produtor mantém o vinho na adega. Prefere esperar quando pode por melhor preço que o de intervenção. As condições de conservação não são, no entanto, as melhores. O vinho ás vezes perde qualidades, outras vezes azeda.

A vinha e logo os hectolitros que o pequeno produtor mantém no tonel, representam uma fatia importante do rendimento da sua propriedade ou da terra arrendada. A sua perda e desvalorização implicam uma forte machadada na sua débil economia. A não valorização rápida em escudos deste vinho representa, em alguns casos, a perda do crédito bancário (a hipoteca) ou mais simplesmente o do merceeiro. O risco acumula-a porque o pequeno produtor agarrado á terra, vive apenas do seu trabalho e joga nela (terra) o sustento dos seus últimos anos.

Estivemos na semana passada em Pontével, pequena aldeia do Ribatejo, no limite duma grande propriedade murada do Duque de Lafões. Um velho vinicultor chegava do seu amanho a muitos quilómetros. Enxada no ombro, tropego. Demos-lhe boleia. Ele quis que bebêssemos do seu vinho. Eram 3 horas da tarde, ia começar o jogo de futebol em Pontével. A mulher, sessenta anos (setenta?) acordada da sesta, julgou-nos comprador e acudiu num alvoroço. Desiludiu-se nos olhos. O vinho era bom, 13 graus, como o não bebemos em Lisboa. A aquecer espíritos e a avivar esperanças. Era um tonel aí de três pipas já não cheio. O dono contou-nos a miséria da espera, a copinhos para si e para os seus amigos. O vinho vai descendo no tonel. Tantos litros para o padre que o ajudou no hospital em Santarém. Tantos litros para o enfermeiro. Copo a copo, lá vai despejando o tonel, o papo. Assim realmente não se estraga.

Este pequeno proprietário e a sua velha mulher, ansiosos pela venda do vinho-valor do seu trabalho, podem servir-nos de símbolo, neste apontamento. Quantos como ele esperam para vender o seu vinho? Como vivem? Quais os seus principais rendimentos, para além dos litros de vinho de valor adiado? outro ponto é necessário realçar: é neste pequeno produtor e em alguns trabalhadores agrícolas doutras zonas que se guardam importantes técnicas de cultivo, de poda e de manutenção de castas.

É aos pequenos produtores que se deve a manutenção dos principais vinhos de qualidade, Alvarinho. Dão. Colares. Porto... A maioria da produção provém de pequenos vinicultores com menos de 5 pipas. Ao seu trabalho, á defesa intransigente de determinadas castas, ao conhecimento profundo da sua região e das zonas de melhor cultivo, se deve, mais do que trabalho teórico em gabinetes fechados, a manutenção das características dos melhores vinhos portugueses.

Os melhores podadores do país, vivem na zona de vale de Cavalos, entre Chamusca e Alpiarça. As técnicas mantidas de geração para geração, permitiram que estes homens (o Zé Barriga por exemplo) sejam procurados por todas as regiões do país. A poda é uma fase essencial da viticultura. E por falta de cuidado, nesta cultura, (não é preciso ser técnico para o afirmar), muitos vinhedos têm sido destruídos na sua máxima potencialidade. Alguns cursos de podadores têm sido realizados. Até mulheres se têm industriado na profissão. A maioria tira o curso, recebe o diploma e emigra. São bem pagos em França e em Itália.

O que se tem feito para alargar os núcleos dos podadores das diversas zonas do cultivo do vinhedo? Podar «ramisco» em Colares será o mesmo que podar «Alvarinho» em Monção?

Não são só os pequenos produtores que têm de ser levados em conta mas ainda os operários especializados da viticultura.

Do valor de venda do vinho qual a percentagem que tem cabido, através dos anos, ao pequeno produtor? E ao operário agrícola? E quais as percentagens que cabem aos outros intervenientes do processo?

É a esta questão (uma única questão) que é preciso responder. Num caso limite (terra arrendada), uma certa percentagem vai para o proprietário da terra, outra para o produtor-arrendatário que põe lá trabalho seu e da sua família, outra para operários agrícolas, tanto para produtos químicos e organicos de

Cont. na pág. 4

Os malefícios do Exame de Estado

AFONSO PRAÇA

Professores estagiários do ensino liceal e do ensino técnico, a frequentar, actualmente, o respectivo estágio pedagógico em escolas de Lisboa, Porto e Coimbra, dirigiram uma exposição ao ministro da Educação Nacional, pedindo a abolição imediata do Exame de Estado. Ao mesmo tempo, o problema foi eleito para colóquios e tem sido abordado em vários documentos, alguns dos quais já publicados na Imprensa.

Quer isto dizer, pois, que no momento em que se discutem as bases da reforma do ensino os professores estagiários dos liceus e das escolas técnicas decidiram contribuir para o amplo debate que o prof. Veiga Simão pediu, denunciando uma instituição já apontada como «*obsoleta e caduca*».

Não está, portanto, em causa a formação pedagógica dos professores. mas sim o modo de avaliar essa mesma formação, ou seja, o Exame de Estado. Com efeito, na exposição enviada ao ministro, os 230 professores que a assinam consideram «*iniludível a necessidade de verdadeira formação pedagógica para todo o ensinante de qualquer grau de ensino*», já que, «*independentemente dos conhecimentos, dotes ou vocações de cada um, o ensino, como arte e como técnica, exige uma aprendizagem proba e devotada, que se justifique no presente como garantia do futuro*». Acontece, porém, que os professores vêem no Exame de Estado «*um mero formalismo que responde apenas á preocupação, enraizada entre nós, portugueses, de abusar das notas de classificação*».

Conclui-se, portanto, que o Exame de Estado não corresponde á «necessidade de verdadeira formação pedagógica» que os signatários da exposição consideram iniludível. Mais: o Exame de Estado contém em si uma série de malefícios e, ainda há pouco, professores estagiários do Porto, numa comunicação enviada ao moderador de um colóquio realizado em Braga sobre a reforma do ensino afirmavam que «*denunciar os seus malefícios parece ser a primeira, a mais urgente preocupação de quem abraçou a carreira do*

Cont. na pág. 4

Estas crianças nasceram, pràticamente, com a tragédia que assolou o País em Novembro de 1967: as grandes inundações na região de Lisboa. Habitam, hoje, um bairro especialmente construído para as vítimas do desastre, sob os auspícios da Fundação Gulbenkian. Moram em Odivelas, «dormitório» que explodiu às portas de Lisboa, sem condições, sem equipamento social, cheio de contradições. (Pág. 3).

Pobre, desactualizada, procurando indecisa os caminhos do progresso, a agricultura portuguesa mantém-se na ordem do dia, quando se descobre que a economia do País tem de basear-se no equilíbrio entre ela, a agricultura, e a indústria fortemente apoiada. Dos problemas agrícolas, sob vários ângulos, falamos na pág. 5.

ASSIM VAI O MUNDO

Proveitos

Reveladora entrevista de Boumedienne a Cyrus Sulzberger, do «New York Times».

Eis os grandes objectivos confessados pelo presidente ao jornalista: um Maghreb unido, e a sua ligação a uma Europa federada por um Mediterraneo neutralizado.

Não ignorando as reticências da Tunísia e do Marrocos a união do Maghreb, Boumedienne considera-a um objectivo «a longo prazo».

Sobre a Europa: «Uma Europa federada faria perder importancia ás tradições nacionais que contribuiram para produzir o colonialismo e estabeleceria um contrapeso ás rivalidades das superpotências, Estados Unidos e Russia».

Sobre o Mediterraneo: «Gostariamos de vê-lo desmilitarizado». Pergunta de Sulzberger: «Preferiria que partissem primeiro as Forças Navais Soviéticas ou as dos Estados Unidos?». Boumedienne: «Desejamos a partida de ambas».

A Argélia parece estar em vias de negociar a exploração do seu gás natural com a El Paso, companhia norte-americana. Tendo Sulzberger perguntado a Boumedienne se tal colaboração com o capitalismo americano não incomoda o socialismo argelino, o presidente respondeu-lhe: «O socialismo significa, para nós, evitar a exploração de uma classe por outra classe, mas as condições diferem de país para país Não somos dogmáticos. O Mundo vai demasiado depressa para as teorias... Já não estamos em 1917».

Comentário de Sulzberger: «Assim o capitalismo americano financiará o crescimento do socialismo argelino — cada qual em seu proveito».

Inflação

Uma das principais recomendações da XVI Assembleia da NATO, não foi muito divulgada. Esta recomendação revela, até onde a esfera político-económica e em particular o processo inflacionista, decorrente nos países ocidentais, preocupa a Organização do Tratado do Atlantico Norte:

«A ASSEMBLEIA, *constatando* com inquietação que os principais países da Comunidade Atlantica conheceram taxas elevadas de inflação durante os ultimos meses;

Consciente da ameaça que representa a inflação para a estabilidade da economia mundial;

Consciente, no entanto, de que uma acção demasiado rápida ou rigorosa para obstar á inflação teria por consequência um intolerável nivel de desemprego ou uma grave recessão;

RECOMENDA a todos os governos membros da OTAN que, embora evitando tomar medidas demasiado enérgicas que fariam correr o risco de provocar males maiores: *a)* adoptem medidas de restrição eficazes para manterem os aumentos de preços e salários a niveis aceitáveis; *b)* apliquem politicas fiscais e monetárias progressivas mas firmes e devidamente inspiradas no sentido das responsabilidades, para alinharem as pressões da procura com o poder de produção das suas economias.»

Stagflation

Uma palavra que os dicionários estão destinados a arquivar: **stagflation**, contracção de **estagnação na inflação.**

A palavra é de origem americana, mas tem já curso na Europa. Os próprios industriais da Alemanha Federal — a mais forte das economias europeias — começaram a reduzir os seus investimentos. Quanto ao custo da vida, aumentou 4 % em 1970, e prevê-se que em 71 aumentará 3 %.

Crescer

Em doze anos o Japão sextuplicou o seu produto nacional bruto. Em 1958 tal produto era de $32 biliões, e em 1970, $196 biliões. No mesmo período a Inglaterra subiu de $60 biliões para $118 biliões. Está hoje em quinto lugar entre as potências do ocidente, depois dos E. U. A., Japão, Alemanha Ocidental e França.

Gary Cooper

Parece que o publico já está farto de aventuras espaciais. Manuel Vasquez Montalban explica porquê:

«A causa reside nas fitas de Gary Cooper. Durante cinquenta anos a subcultura cinematográfica criou um herói individual que só se serve dos punhos e da pistola. Como se lhe pode comparar o herói do espaço, com mictório na fatiota, controlado a distancia, vigiado, conduzido, **executado** por mil olhos electrónicos de perfeição extra-humana? Que «sex-appeal» tem esse mergulhador galaxial? Além disso é uma aventura sem apaches, sem Fu-Manchu, sem o Grande Khan, sem alemães, sem mexicanos, sem soviéticos tontos, sem chinos mao-miaoistas. Os cosmonautas chegam á Lua como Gulliver, anão, movido pelos dedos do gigantismo electrónico. Sabe-se que a corrida tem um outro participante, mas é uma corrida de competição desfasada. Outro galo cantaria se os cosmonautas soviéticos e americanos saíssem do mesmo sitio e á mesma hora, em direcção á mesma meta. Mas a corrida espacial é á distancia e cheia de amabilidades. Felicitam-se pelo telefone depois de cada êxito. Como aventura: uma calamidade!»

Ford

O sr. Henri Ford foi **shocking** quando chegou há dias a Inglaterra: «Não penso em investir mais num país constantemente afectado por conflitos sociais. O que não marcha não é a Ford inglesa, é a própria Inglaterra». (A greve nas fábricas Ford de Dagenham entrou no segundo mês).

Mas, depois de conversar com os dirigentes britanicos, o sr. Ford — diz a Imprensa inglesa — pôs mais compostura no seu vocabulário. Prometeu a Heath que o aumento dos salários aos trabalhadores da Ford inglesa não irá além de 14,2 %, aumento que os trabalhadores já recusaram, mas acima do qual o Governo britanico considera um revés na sua luta contra a inflação.

No entanto — apesar de dizer que apreciou as «garantias que lhe foram dadas por Heath e os seus colaboradores» — o sr. Ford informou que em face dos maus resultados da Ford inglesa relativamente á alemã a Grã-Bretanha não receberá nem uma libra dos 136 milhões que ele se propõe investir no estrangeiro.

ASSIM VAMOS NÓS

Emigração

O último número da revista mensal «A Indústria do Norte» revela alarme face ao facto de «a indústria carecer, inevitàvelmente, e cada vez em maior número, de mão-de-obra especializada e suficiente», ou seja, o problema da mão-de-obra, motivado principalmente pela «emigração desregrada e vultosa que desvia para além-fronteiras não só um quantitativo apreciável de operários qualificados, como também considerável número de trabalhadores jovens ainda não especializados — resultando daí para a indústria nacional uma falta de mão-de-obra que não lhe permite o equilíbrio do seu pleno funcionamento em grau de produtividade conveniente».

Também o ministro das Corporações e Previdência Social, dr. Baltazar Rebello de Sousa, no acto de posse do secretário nacional da Emigração, referia o mesmo problema nestes termos: «O desequilíbrio regional faz-se sentir mais acentuadamente nos últimos anos», apontando como solução possível «o ajustamento da economia á população» contando-se «cada vez mais com um maior número de colocações mediante uma racional política de emprego.

Vértice

O n.º 326 da revista «Vértice», referente ao mês em curso, acaba de vir a público.

Do seu sumário, salientem-se «Voz de prisão», um original de Manuel Ferreira, «Os amorados», poemas de Nuno Guimarães, enquanto João Medina prossegue a publicação da sua «Breve resenha cronológica da vida e obra de Eça de Queirós». «Marx e a economia política burguesa» é o artigo de abertura da habitual secção «Panorama», na qual se podem ainda ler: «Democratização do ensino?» por Rui Namorado, «Memórias de um resistentes» de Sidónio Muralha, e, entre outros artigos, uma crítica a «O Preço» por José Oliveira Barata.

No interior da capa da revista um significativo texto — Demissão é cumplicidade — onde se lê a certo passo:

«São os leitores potenciais a quem os artigos se destinam que não lêem, são os trabalhadores intelectuais, cujos escritos o publico aguarda que se demitem da sua condição interventora, para enveredarem pela superficialidade ideológica, para se ocuparem com empreitadas que o sistema lhe encomenda por editor interposto Será ousado afirmar que esse espírito de demissão quanto ao trabalho cultural é um dos planos em que se concretiza a cumplicidade objectiva em tudo quanto se introduz no devir como travão?»

«Agro-Pecuária»

A revista Agro-Pecuária, publicada em Lisboa, sob a direcção de Machado Marques, tem-se revelado, principalmente nos últimos números, uma publicação atenta, polémica, como há muito necessitava o sector.

Uma reportagem sobre o regime cerealífero abre um debate em que este diploma é discutido de vários ângulos. Proprietários, rendeiros e operários agrícolas alentejanos são ouvidos. A exposição da Corporação da Lavoura é publicada nos seus extractos mais significativos.

Blasco Hugo Fernandes sintetiza num artigo de análise global da situação, as diversas posições polémicas, dando um novo ângulo do problema. «Notas sobre a Sivicultura da Noruega», «A escolha de Reprodutores em Suinicultura», «Novas Técnicas de Alimentação de Gado», «Perspectivas de Alimentação de Aves» e «A Vacina por Atomização reduz os Custos de Mão-de-Obra» são outros temas propostos.

Habitação

A Câmara Municipal do Porto tem vindo a preocupar-se com o crescente superlotamento da cidade e com a questão das «ilhas», «escândalo tanto mais gritante quanto incompatível com os sentimentos humanitários do português...»

O facto é que, em 12 anos, a Câmara Municipal do Porto iniciou e desenvolveu uma campanha de habitação, «Um lar para todos», que absorveu 320 000 contos, dos quais apenas 80 000 procederam de ajuda governamental.

Neste momento, os resultados já são patentes: 7100 fogos estão construídos. De notar que não se procurou o isolamento destas populações trabalhadoras, como é habitual numa política corrente de marginalização. Procurou-se, antes, «assistir no sentido da sua promoção social, através de equipamento adequado, pois constituem núcleos distribuídos pela cidade, em contacto directo com camadas de população cultural e económica mais evoluída».

Estes núcleos servirão 40 000 pessoas, o que constitui 10 % da população do Porto, ou seja, quase a de Braga.

Consulta

O Núcleo de Física da Sociedade Portuguesa de Física e Química decidiu, por unanimidade, fazer uma consulta a todos os físicos portugueses, sócios ou não da Sociedade, sobre o interesse que teriam pela criação de uma Sociedade Portuguesa de Física que se desejaria actuante ou pelo fortalecimento da posição do núcleo dentro da Sociedade Portuguesa de Física e Química.

Estas duas opções são independentes, naturalmente, da constatação da forma estagnada em que se encontra a actividade dos físicos portugueses e estes dois caminhos deverão definir a sua motivação. Pede-se aos inquiridos que especifiquem de acordo com a prioridade as actividades desejáveis no ambito da actual Sociedade Portuguesa de Física e Química ou na futura Sociedade de Física. As actividades referenciais, e que, entre outras, os físicos considerarão como desejáveis, serão:

1 — Organização das reuniões de físicos a nível nacional;

2 — Contribuição para a planificação da investigação científica;

3 — Actualização do ensino da Física a todos os níveis;

4 — Promoção do intercambio internacional;

5 — Promoção das relações entre a Física e a indústria nacional;

6 — Obtenção de bolsas para físicos e estudantes de Física;

7 — Cursos de reciclagem de professores de Física;

8 — Reuniões periódicas para apresentação de trabalhos científicos.

O inquérito, a ser enviado a Eduardo Martinho — L F E Nucleares — Sacavém, deveria estar elaborado a partir de 19 de Março e permitirá tirar importantes conclusões sobre as tendências associativas dos físicos portugueses.

Ronda dos «dormitórios» de Lisboa

Odivelas: não basta construir

ODIVELAS, o «dormitório dos sinistrados». Prédios de 3 a 4 andares, famílias dependuradas nas janelas, aldeia à porta de cada casa, o hábito de viver em comunidade. ODIVELAS, o «dormitório provisório». Barracas de madeira, possuídas há um ano aldeia, de «também nós somos sinistra-de madeira, há um ano aldeia, de «também nós somos sinistrados», famílias grandes ainda sem água, ainda sem luz, famílias na ânsia de casa sua, mesmo de madeira mesmo prefabricada, «muito melhor que a barraca».

O bairro da Gulbenkian, em Odivelas

Deixamos o «dormitório provisório», realidade amplamente discutida (as famílias lá estão, ainda sem rendas definidas. Quatro homens pagam as custas de todo o processo. A água ainda não corre nos canos. Os miudos já frequentam a escola) e mergulhemos no «dormitório dos sinistrados de 1967». Obra publica consagrada, para vermos o que se passa agora, um ano depois. Quem lá vive, o que paga de renda, porque lá vive? O dormitório foi solução? Se sim, para multiplicar a experiência. Se não, para tentar contribuir para uma resposta das razões do falhanço. Ou então, para tentarmos, mais uma vez afirmar que tentar resolver numa só direcção, nada resolve, apenas agudiza contradições.

Aida Mendonça Santos Marques é o primeiro rosário de desgraças. Agarram-se a nós, pensando que estamos ali para resolver problemas individuais. Falam mais alto, cada uma delas do seu, para serem ouvidas. É a concorrência das desgraças familiares. Olhe para mim, eu sou a mais desgraçada de todas. Dê-me a mim a casa, o subsídio, aquilo que veio cá para distribuir por alguns. No hábito dos inquéritos, para escolher beneficiados, no hábito de serem «amostras» de sondagens, procuram dar a face mais chocante, a que mais agradará ao inquiridor. Olham ansiosamente o facies do repórter, com medo da desilusão. Todas querem casa e assistência. Quase todas necessitam...

Aida Mendonça Marques, tem duas filhas e está há um ano no bairro:

—Tenho duas meninas e não sei se vem mais algum. A gente paga a renda conforme os ordenados que os nossos maridos recebem. Eu pago 140 escudos mas há quem pague 600 e 750 escudos, com mais filhos do que eu.

Beatriz da Conceição Lourenço paga 600 escudos de renda de casa. É uma das que paga mais:

— Marcaram-me a renda de 600 escudos. Tenho cinco filhos e não posso pagar de modo nenhum esta renda. Penso que era melhor dividir o mal pelas al-

Isabel Barata

deias.

Andresa Vitalina Teixeira da Silva também paga demasiado:

— Tenho cinco filhos. Dois no sanatório da Guarda e outro no sanatório da Ajuda. Só tenho um filho a trabalhar, com 24 anos, como ajudante de cozinheiro. Pago 140 escudos mas sabe Deus como posso pagar. Tenho de voltar á barraca. Este martírio só acaba quando eu fechar os olhos.

Estas são as mulheres viuvas. Este caso não será isolado. A tuberculose grassa no bairro e a F. Gulbenkian, que o criou, 'tinha aqui uma oportunidade para estudar o grupo habitante. Ao menos as situações de tuberculose infantil e adulta. Esta mulher — viuva, cinco filhos, 3 tuberculosos, um ajudante de cozinheiro — será isolada?

As duas ultimas situações, principalmente a ultima, reflecte, talvez, a questão da unica direcção. Casa barata (140 escudos) não chega. É necessário uma cobertura médica. E...

MULHERES JOVENS

Neste dormitório constata-se a mulher jovem, mãe, companheira ou á espera do marido que está em Angola. Também aqui é fácil detectar situações graves. Famílias frustradas á nascença pela miséria económica.

Maria da Luz Jesus é operária, ganha 20 escudos por dia, numa fábrica de molduras na Calçada de Carriche:

— Somos 18 mulheres. As iniciadas recebem 20 e as mulheres 30 escudos. Começo ás oito horas e largo ás seis horas, tenho sete irmãos em casa para sustentar. Faço molduras de metal. Tenho só a 2.ª classe mas queria tirar o resto. Eu não podia continuar a estudar porque tinha de ajudar os meus pais.

O analfabetismo entre os jovens. A necessidade de participar na receita familiar. O subproletariado feminino. A exploração com salários baixos, a mal dar para o transporte todos os dias e para o comer.

Maria Isabel Duarte Linhares, representa outra face do drama. *A jovem*, mesmo muito jovem, se não ganha, torna-se um peso no orçamento familiar. Tende, portanto, a sair de casa cedo. O ir viver com um companheiro, entre todas, é a melhor solução. Tem 15 anos, e está grávida, já, do seu companheiro:

— O meu companheiro é empregado de escritório em Olival Basto. Tem 21 anos. Não temos dinheiro para uma casa. Pago 105 escudos por um quarto. O meu companheiro recebe por mês 1519 escudos, tirados os descontos.

A sublocação em dormitório de sinistrados como solução. O quarto. Amanhã virá um filho, outro filho. Tem 15 anos. Não é um caso isolado. Nem estes casais jovens, desamparados, o são.

Estes exemplos de mulheres jovens valem-nos para constatar um drama alargado. É a sublocação, o quarto alugado, o casal jovem desamparado. Quantos como estes?

NÃO VIVE NO BAIRRO E GANHA O ALUGUER

Entretanto, o bairro pode ser negócio. Cada habitação já não é só de cada família de sinistrados. Muitos subarrendam, outros alugam um quarto. Não o podem fazer, mas é preciso luatr contra a miséria de qualquer modo. Todos os dias surgem jovens sem sítio para viver, que querem ao menos um quarto, homens e mulheres velhos que querem deixar as barracas. A situação-limite no bairro para sinistrados é viver do bairro. Receber de um quarto mais do que paga de renda.

Maria Manuela Ferreira Jesus, conta a sua história:

— Vivo numa casa com 4 assoalhadas e pago por um quarto quinhentos escudos. Tenho quatro filhos. Deixei um trabalho numa lavandaria porque não posso tomar conta das crianças. Tenho três meninos e uma menina. O meu senhorio deixou-nos lá em casa um menino com nove e outro com seis anos e qualquer dia tomo conta de outro. Ele paga pela casa 340 escudos. E eu pago ainda mais pelo quarto e ainda tenho de tomar conta dos filhos dele.

J. J. L

Um pouco do que falta...

Odivelas (segundo um estudo de Nuno Portas e Margarida Lobo) não tem mercado, posto de C. T. T. ou serviço administrativo. O equipamento de uso diário é por eles considerado muito insuficiente. O equipamento gimno-desportivo é nulo (não existe ginásio, piscina e apenas um campo de futebol). As condições de assistência são totalmente inexistentes. Não existem creches, nem jardins de infância nem asilos. O equipamento de saúde, tomando conjuntamente os aglomerados de Odivelas e Olival de Basto, é confrangedor. Não existem camas hospitalares, nem postos médicos e apenas um dispensário para toda a zona populacional. O equipamento de saúde é, portanto, gravemente insuficiente. A média de habitantes (censo de 1960, salas actuais) é de seiscentos por sala de aula, existindo 14 por cento de alunos no ensino particular. O número de unidades de ensino é reduzido: 2 de ensino primário, zero em ensino liceal e técnico. O tempo médio de transporte para o trabalho é de 30/45 minutos.

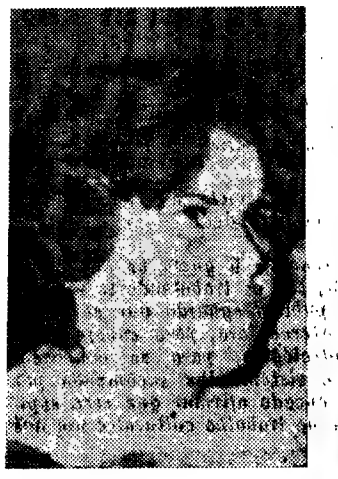
Odivelas é uma zona com acréscimos populacionais constantes. O crescimento da população acentuou-se na década de 1950-60 e de 1960 a 1970. Os dados intercensos foram um acréscimo de 3076 pessoas na década de 1940.-50 e de 20 651 na década de 1950-60. Não existem dados do último censo. Mas de 1961.-68 o número de consumidores de electricidade do concelho de Loures (segundo dados de Raul Silva Pereira) cresceu, sobretudo, em Odivelas — mais 6861 consumidores, contra 2138 em Loures e 1655 em Moscavide. As insuficiências serão dia a dia mais claras.

Maria F. Jesus

Andreia Vitalina

Maria da Luz

M. Isabel Linhares



Beatriz Lourenço

Aida Marques

Exames de Estado

Cont. da pág. 1

ensino, acreditando que para o qualificativo de sacerdócio bastava já a magreza de vencimentos, já a incompreensão de tantos».

EXAME ANTIPEDAGÓGICO

Para os professores estagiários, não é muito difícil classificar o Exame de Estado: inoportuno, artificial, imponderado, contingente, iníquo, antipedagógico e antimetodológico. Também surge com facilidade a explicação do seu ponto de vista: *inoportuno, dado que vem cortar o ritmo normal das actividades escolares com prejuízo manifesto dos alunos, afastando os professores do seu trabalho e impossibilitando os metodólogos de cumprirem a sua função de orientadores dos estagiários; artificial, dado que se rodeia de condicionalismos anormais; imponderado, dado que encara o professor como uma máquina capaz de operar sùbitamente numa turma de acaso; contingente, dado que se aparenta com os jogos de azar; iníquo, dado que as condições não são as mesmas para todos os candidatos, sendo diferentes as matérias a versar e diferente a qualidade das turmas em nível de conhecimentos, aproveitamento e comportamento; antipedagógico dado que violenta professores e alunos com a anormalidade das circunstâncias; antimetodológico, dado que contraria todas as ideias possíveis sobre a aplicação de um método ou métodos, negando mesmo as fases e gradações necessárias de qualquer programação».*

Por outro lado resulta numa acumulação inútil de exigências «o *facto de o estagiário ser obrigado a mais um exame, no qual é julgado de forma inapelável, apesar da licenciatura, da aprovação no Curso de Ciências Pedagógicas, dos vários anos ao serviço do Ensino, das informações abonatórias da Inspecção Geral e de um ano de trabalho seguido e classificado por professores metodólogos e conselho de metodólogos, currículo que excede em muito o que vai ser pedido ao futuro licenciado dos Institutos Pedagógicos».*

OS ALUNOS PODEM «CHUMBAR» O PROFESSOR

Podem frequentar o estágio os licenciados e os bacharéis em Letras e em Ciências, após aprovação no Curso de Ciências Pedagógicas.

A título de informação, acrescenta-se que, no fim de cada estágio (a 31 de Julho, portanto) a cada estagiário é atribuída uma nota de classificação pelos metodólogos que o acompanharam durante o ano e pelo conselho de metodólogos. A classificação final, no entanto, é uma resultante das notas da licenciatura, do Curso de Ciências Pedagógicas, do estágio e do Exame de Estado. Acontece porém, que este só se realiza em Novembro (com nítido prejuízo para os alunos, portanto) e é eliminatório. Além disso, os próprios alunos podem ter influência no exame do professor e isso acontece quando a turma resolve não colaborar.

Professores estagiários do Porto resumem assim, na comunicação já referida, alguns dos malefícios do Exame do Estado:

a) O professor, no acto de exame, pode conhecer ou não a turma que lhe cabe por lotaria, advindo daí uma grosseira situação de desigualdade;

b) as matérias não são, porque não podem ser, as mesmas para todos;

c) as turmas reagem diferentemente — vendo no estagiário ou um «aluno» digno de compaixão ou o alvo de vingança de qualquer atitude que consideraram ofensiva;

d) o professor A tem inibições que o professor B não tem;

e) o professor pode, nesse momento, e apesar de tudo, não vencer possíveis contrariedades de ordem física, moral e até material,

f) realiza-se inoportunamente, em prejuízo dos professores que se encontram a iniciar o estágio e de milhares de alunos que ficam sem aulas;

g) é artificial: há quem tenha tido a facilidade de preparar os alunos a leccionar no dia seguinte.

★

São graves como se vê, as acusações ao Exame de Estado. Mas até por isso o seu processo é oportuno, sobretudo numa altura em que os problemas do ensino estão na ordem do dia. Convém, no entanto, reparar que, bem vistas as coisas, o Exame de Estado é apenas um *exame*, um dos exames a que a actual estrutura do ensino português obriga. E embora sem a pretensão de ultrapassar os limites do Exame de Estado, são agora os professores que vêm denunciar o sistema de exames que eles conhecem bem, por vários motivos. É certo que, neste caso, falam como examinandos, mas poderiam igualmente argumentar como examinadores. As conclusões seriam idênticas.

AFONSO PRAÇA

Vinicultores

Cont. da pág. 1

que a terra e a cultura precisa (e aqui ganha a indústria do sector), tanto para o valor do trabalho de colheita, tanto para o trabalho de vinificação. Depois são os outros intervenientes do drama até o vinho chegar ao consumo (armazenista, retalhista, indústria de transportes). A questão fundamental é saber se a percentagem do valor do vinho á saída da

adega é suficiente para pagar o valor de trabalho dos operários agrícolas, família do pequeno produto, produtos químicos e orgânicos e valor do capital-terra. Desconfiamos que não.

A J.N.V. intervém, portanto, na comercialização, no processo á saída da Adega, não tendo poder para aumentar nem o valor do capital-terra, nem o valor de trabalho agrícola, nem o valor do trabalho familiar do pequeno produtor.

A situação do pequeno produtor é alarmante porque sobre ele, precisamente, recaem os mais elevados custos de produção. A sua vinha não é mecanizável e só a não quantificação do valor do seu trabalho e de familiares permite a ilusão de que a vinha lhe dá dinheiro.

Temos uma cultura predominante (a vinha) que nos coloca perante vários pontos de crise. A crise dos excessos de produção com baixa de preços a reflectir-se fundamentalmente no pequeno produtor. A crise de falta de pessoal especializado para uma cultura predominante, porque emigrará, porque é bem pago em qualquer país-produtor de vinho (Espanha, França, Itália e Argentina). A crise das baixas produções com elevações de preço só a surgirem na comercialização e a impedirem a exportação, sem subsídios especiais. A crise de desvalorização do capital-terra que permite, em alguns casos, (por exemplo, Colares), uma maior valorização para urbanização e vai fazendo perder as zonas de vinho de qualidade transformadas em vivendas.

Como defender os pequenos produtores de todo este complexo de situações que levará muitos á falência?

Talvez a melhor resposta, seja a de criar condições para que os pequenos vinicultores e operários agrícolas se defendam a si próprios. Uma associação de pequenos vinicultores é uma organização urgente ou então todo o processo económico se encaminha para levar á miséria milhares de pequenos produtores. A pequena propriedade pode não ter condições técnicas de exploração, mas porque continua a ser suporte da maioria das famílias que ainda vivem nas zonas rurais portuguesas, não pode ser tomada apenas como um dado para ser tratado dum ponto de vista teórico. Ela representa ainda sobrevivência.

Afirmado na Estação Agronómica Nacional:

A Reforma Agrária é um instrumento de desenvolvimento

— A REFORMA AGRARIA é uma medida indispensável de desenvolvimento — afirmou na Estação Agronómica Nacional, durante uma palestra, o eng.º Jaime Tavares Duarte.

Analisando o peso da agricultura nos países subdesenvolvidos, o técnico português considerou o subdesenvolvimento como fenómeno global:

Eng.º Jaime Tavares Duarte

«*O subdesenvolvimento não pode ser explicado apenas, como resultante de uma exploração colonial, como afirma Betteleim, nem como situação de inferioridade em termos de consumo e bem-estar, como aponta Moussa, nem pela coexistência de dois sistemas económicos-sociais, como pretende Gannapé; mas como fenómeno global cobrindo a totalidade das actividades humanas nos países onde existe*».

Transcrevendo Currie, o eng.º Tavares Duarte deu uma ideia clara da situação do subdesenvolvimento:

«*As crianças crescem sem instrução, com um regime alimentar deficiente e pouca saude. O destino da mulher é particularmente duro e leva-a a envelhecer prematuramente. Há poucos divertimentos. A bebida, quando pode ser adquirida é mais uma evasão momentanea que um prazer. Em resumo a agricultura de subsistência ou de baixos consumos, não é, nos países subdesenvolvidos, um ideal a defender ou a conservar. Os problemas típicos do subdesenvolvimento — a pobreza, a falta de saude, a ignorancia, a alta natalidade, a angustia, a cobiça — concentram-se nas zonas rurais desses países. Também existem nos bairros pobres da cidade, mas onde mais se observam é entre os pequenos camponeses de economia colonial, que formam uma grande proporção da população*».

O PESO DA AGRICULTURA

Alguns pontos característicos do subdesenvolvimento foram depois analisados:

1 — O PESO DA AGRICULTURA: E.U.A. (3,3 % do P N B), Alemanha (4,2 %), Turquia (37,6 %), Paquistão (59 %), E. U. A. (5,5 % da população no sector primário), Espanha (32,6 %), países africanos (70 a 80 por cento).

2 — *Restrita diversificação da agricultura, a maior parte de produção agrícola para a exportação* — Os países vivem a situação ingrata de os seus produtos perderem valor aquisitivo nas trocas com o exterior.

3 — *A industrialização restrita* — ficando dependentes das trocas externas. As industrias de base não existem.

4 — *População integrada num sector de serviços hipertrofiado e parasitário* — «A administração publica e outros serviços estaduais, estão atacados de uma ineficácia de técnicas e subaproveitamento de funcionários, que encontram expressão na burocracia e na rotina».

5 — *Existência dentro da população de desigualdades sociais violentas.* — A repartição dos rendimentos é muito mais desequilibrada que nos países evoluídos e explica-se por uma concentração dos meios de produção.

Na América Latina 1,4 por cento dos proprietários dominam 65 por cento das terras ao passo que 72,6 % dispõem de apenas 3,7 por cento. No Irão, 56 por cento das terras cultivadas pertencem apenas a 1 por cento das famílias

INSTRUMENTOS DE DESENVOLVIMENTO

O Planeamento é tomado como uma resposta á necessidade de desenvolvimento rápido, global, integrante e orientado e a *Reforma Agrária*, como um instrumento da necessidade de uma estratégia de desenvolvimento adaptada.

O eng.º Tavares Duarte desenvolveu na ultima fase do seu trabalho, a tese da reforma agrária como medida indispensável a qualquer política de desenvolvimento

CONCLUSÕES

No final, o palestrante esboçou algumas conclusões:

1 — Os países em vias de desenvolvimento enfrentam problemas que excedem aspectos técnico-económicos — eles situam-se no campo das opções entre custos sociais diferentes. O facto de esses países se encontrarem em situações específicas, não exclui, contudo, uma adaptação consciente de qualquer medida de desenvolvimento tentada com êxito no exterior.

2 — Só uma participação efectiva de toda uma população no planeamento e nos frutos do desenvolvimento, pode fornecer o apoio e o estímulo indispensáveis para que não fracasse qualquer tentativa de arranque.

3 — Para um verdadeiro desenvolvimento, os países devem contar sobretudo com os recursos humanos. Uma ampla política de ensino deve ser desenvolvida de modo a aumentar a produtividade e, consequentemente os rendimentos.

4 — É evidente a necessidade de integrar a investigação e o ensino numa política global de desenvolvimento económico-social.

5 — O planeamento, para ser executivo, deve dispor de meios que lhe permitam actuar sobre a realidade. A complexidade dos assuntos que engloba exige um trabalho interdisciplinar, intersectorial e interregional.

6 — A agricultura como sector fundamental, na dinamica a pôr em marcha, deve fazer parte integrante do planeamento.

A agricultura do futuro será uma agricultura de grupo

O Centro de Gestão Agrícola do Ave organizou, na Estação Agrária do Porto, um importante ciclo de conferências subordinado ao tema «Agricultura do Futuro». Pelo seu significado, sobretudo no contexto presente da economia portuguesa publicamos a seguir, na íntegra, as respectivas conclusões:

1 — A redução da superfície agrícola, o decréscimo da população empregada na agricultura, o apelo á inovação tecnológica, o crescente recurso ao factor capital para criação de infra-estruturas e de equipamentos, a organização e programação dos sistemas de produção, dos circuitos e das operações de distribuição, o aumento da dimensão económica das empresas integradoras e integradas, caracterizam sumáriamente a tendência da agricultura do futuro.

2 — As possibilidades de aumento de produção agrícola são enormes; e se os homens quiserem e souberem pô-las ao serviço de toda a colectividade, reforçando as estruturas económicas e sociais que hoje dificultam o seu integral aproveitamento, de forma a delas poderem beneficiar todos, afastar-se-ão para além do horizonte as tragédias anunciadas pelas profecias malthusianas e as ameaças de fome que pairam sobre algumas regiões do Globo.

3 — A agricultura tradicional isolou-se em diferentes espaços fechados, visando a subsistência de populações sempre inseguras pelo carácter aleatório das colheitas nacionais. A agricultura do futuro será uma agricultura «em vias de desnacionalização» integrada numa economia e numa vida social que tendem a «multiplicar-se».

4 — Trocada uma «condição de vida» por uma «profissão» e inserida esta no quadro de uma actividade social — a agricultura do futuro — entra o agricultor de amanhã no domínio de uma comunidade mais vasta: a *sociedade humana*.

Não mais a sua vida decorrerá apenas no quadro, porventura idílico, mas ultrapassado, do seu torrão natal, do pequeno aglomerado de famílias, do lugar, da aldeia.

Transcenderá progressivamente as fronteiras da freguesia ou do concelho para se expandir com seus irmãos no quadro da região, da nação, do mundo.

Nada lhe será indiferente. Quanto se passe na Terra, no Universo, estará doravante presente nas informações da Imprensa, nas ondas da Rádio ou nas imagens da Televisão, nos bens que compra ou nas ideias que importa, como em tudo o que cria para a vida e lança para o Mundo.

Construirá — ajudará a construir assim — a comunidade agrícola do futuro, na sociedade de amanhã.

Não já «escravo» ou adstrito á gleba como servo, mas «liberto», senhor do seu destino no livre exercício das responsabilidades de ordem profissional e cívica.

5 — Muitas das actividades da empresa agrícola tradicional vão transferir-se para empresas integradoras.

Assim, o poder de decisão do agricultor passará, pouco a pouco, para o grupo, para a cooperativa ou para a empresa integradora. A forma como vai operar-se essa transferência marca o destino do agricultor.

6 — Os movimentos de integração, nos seus diferentes graus e tipos, acompanham muito de perto o desenvolvimento socio-económico, e pode afirmar-se que fazem parte deste. O progresso da agricultura realiza-se através de um processo de integração do acto produtivo na economia geral.

7 — A integração pode conduzir os agricultores isolados á proletarização e, por isso, muitas vezes eles procuram reagir orgazinando-se no sentido da integração se constituir a partir das suas empresas. Uma das soluções mais aconselháveis para os empresários agrícolas protegerem os seus interesses como grupo será associarem-se em cooperativas que assumirão as funções de entidade integradora.

8 — Todavia as cooperativas devem ajustar a estrutura tradicional das empresas associadas e a ideologia cooperativa ás exigências da competição no mercado, evitando que a falta de eficácia tecnológica e a orientação estritamente democrática confiram ás decisões o imobilismo que se não compadece com a dinamica actuante da empresa capitalista concorrente.

9 — A empresa agrícola do futuro terá que ser o resultado da adaptação da agricultura tradicional aos condicionalismos impostos por uma sociedade global em transformação. Consumirá doses crescentes de bens da indústria e utilizará cada vez mais serviços, havendo que proporcionar ao empresário e trabalhadores esquemas de participação no produto que os situem em perfeita paridade.

10 — Para a prever devemos reter, da concepção capitalista, os conceitos de liberdade, o espírito de iniciativa criadora, a responsabilidade e o risco, o estímulo do lucro legítimo, mas temos de nos recusar a ver na obtenção do lucro e na acumulação do dinheiro o princípio geral a que toda a vida humana se deve subordinar. Do pensamento socialista devemos aproveitar a crítica aos abusos do capitalismo, que muitas vezes transformam a sociedade numa selva onde os interesses dos poderosos esmagam todos os direitos dos humildes, levando-os a subordinar aos interesses da colectividade os do indivíduo, conciliando a indispensável autoridade com a necessária liberdade.

11 — Importará, em primeiro lugar que o Estado defina, em função das exigências actuais da colectividade e, sobretudo, futuras, as directrizes de ordenamento racional do território, com vista á sua utilização para expansão urbana, para a agricultura, para a floresta, e para ocupações de lazer.

Dado que o território é um bem limitado, cuja plena e racional utilização deve subordinar-se aos interesses de toda a colectividade, o Estado deverá impedir que o direito de propriedade de cada um, que se não nega, contrarie noutros o acesso a esse mesmo direito, neutralizando toda a atitude especulativa e impedindo os desvios da função social.

12 — Haverá sempre homens capazes de sentirem em si a humildade, mas também o orgulho, de ocuparem a sua actividade profissional num processo que os transcende e que os leva a participar, apaixonada e amorosamente, nos complexos fenómenos da criação da vida.

Um quase balanço da Sociedade de Co

A sociedade de consumo esteve em causa na noite de 18 no Hotel Mundial. Humanistas e técnicos de marketing debateram uma questão actual. O resultado foi um quase balanço de perspectivas ideológicas, não tão diversas como poderíamos supor. No fundo, as posições encontram-se na mesma síntese: a palavra de ordem pertence à produção e ao respectivo escoamento através do consumo. Quer a sociedade de consumo promova, ou desumanize o homem, ela é a realidade económica actual. «Inclinaram-se» perante este facto, Alberto Ferreira, chefe de publicidade e escritor, Oliveira Marques, historiador, João Evangelista, teólogo. Do lado do marketing, Frazão Faria, da Sterling Farmacêutica e o engenheiro Fernando Figueiredo. Moderou António Serrão.

ANTÓNIO SERRÃO — O tema é a sociedade de consumo. Parece que a primeira etapa na ordem lógica será definirmos o que entendemos por sociedade de consumo. Será que todos os participantes da mesa entendem o mesmo por sociedade de consumo? Será que aplicarão esta expressão ao mesmo tipo de sociedades ou a sociedades diferentes? Será que para alguns dos participantes esta expressão «sociedade de consumo» terá algum sentido ou gostariam de a ver substituída por outra ou outras, e nesse caso, quais?

JOÃO EVANGELISTA — A sociedade de consumo, no conceito que se me afigura, creio ser uma experiência muito ampla, pouco definida e portanto, difícil de se situar limitativamente. Por mim, definiria sociedade de consumo por *isto* em que nós vivemos, esta realidade complexa, viva, não redutível a esquemas mentais. Falar de sociedade de consumo é colocar-nos perante uma situação experimental, profundamente submetida a tensões e valores em transformação. Quase diria que a característica fundamental dela, é o facto da mudança. Mas nós sentimos a mudança e receamo-la. Mudar como? Mudar para quê? É esta dúvida que nos leva a formular perguntas deste tipo: o que é a sociedade de consumo e que pistas e responsabilidades nos traz. Podemos situar-nos nela bem, como homens livres ou seremos amanhã condicionados até ao ponto de nos sentirmos puras peças de uma engrenagem? Sociedade de consumo, eis uma realidade passível não ainda de esclarecimento, mas de interrogação.

A SOCIEDADE DE CONSUMO AMEAÇA O HOMEM?

ALBERTO FERREIRA — Poderíamos avançar um pouco mais tentando a possibilidade de duas ópticas de análise ao conceito da sociedade de consumo. Essas duas ópticas, defini-las-ei da seguinte maneira: uma primeira óptica ou posição pragmatista, empirista, factual com tendência à formação de juízos de realidade conducentes a análises socio-económicas e afastar-se-ão de posições doutrinárias e, de qualquer maneira, terão alguma coisa que ver com uma visão tecnocrática. A outra posição será doutrinária, sociopolítica, ideológica, com incidências na formação filosófica e com incidências sobre os juízos de valor fundamental. Daqui decorre necessàriamente uma posição antitecnocrática, de certo modo moralista, em que se interroga qual o destio do homem dentro da sociedade que parece ameaçá-lo. Evidentemente que dentro detas duas perspectivas, eu procuraria encontrar uma solução intermediária.

OLIVEIRA MARQUES — Vista a situação sob um ângulo histórico, eu não vejo distinção essencial entre sociedade de consumo e sociedade de 1971. Sociedade de consumo é a sociedade na sua fose mais avançada. Evidentemente que, em qualquer época, há povos mais evoluídos do que outros, e é nessa medida, que associamos sociedade de consumo a uma sociedade tipo capitalista que se encontra mais avançada no aspecto técnico. Mas também dos países socialistas, se diz que caminham para uma sociedade de consumo. Nesse sentido, não vejo distinção entre sociedade socialista e sociedade capitalista. A sociedade em que vivemos e a que chamamos sociedade de consumo não se distingue de outros tipos de sociedade do passado. Existe sem dúvida um grande desenvolvimento técnico mas as críticas que nós encontramos à nossa sociedade são as que se encontravam há 50, 100 e 200 anos. Isto porque a maioria dos indivíduos que vivem numa sociedade é conservadora, e até reaccionária, e portanto tende a reagir fortemente contra os elementos mais evoluídos dessa sociedade.

A SOCIEDADE DE CONSUMO PROMOVE O HOMEM?

FRAZÃO FARIA — Nós, os homens de marketing isto é, «homens da rua», sempre que ouvimos a expressão «sociedade de consumo» pensamos que encerra um certo sentido depreciativo. Referindo-se à sociedade pós-industrial, os críticos ao chamar-lhe sociedade de consumo, pretendem significar que se trata de um consumo exagerado, estimulado pelos homens de marketing, bàsicamente e conducente a uma economia de desperdício. No entanto, ainda há dias, lendo um escritor português actual, vi que ao utilizar o termo «sociedade de consumo» ele acrescentava «ou de promoção social». Ora surgem aqui duas posições: uma intelectualista que considera de certo modo negativo a sociedade de consumo, e o homem de rua que a encara como sociedade de promoção social. Qual destas posições é afinal a correcta?

F. FIGUEIREDO — Parece-me que uma das primeiras questões a pôr é esta: sociedade de consumo, mas consumo de quê? Aliás, sempre houve sociedade, sempre houve consumo. O que nos deve interessar é a sociedade de consumo que existe aqui, agora em Portugal. Penso que no nosso caso, e noutros, o que há de novo na sociedade de consumo, em relação ás sociedades passadas, são os veículos de que esta sociedade de consumo se serve para transmitir as mensagens aos consumidores.

ANTÓNIO SERRÃO — Parece-me que há um ponto comum entre todos os participantes: qualquer que seja a sua visão de sociedade de consumo, referem-se sempre à sociedade actual em que vivemos. A tese do dr. Oliveira Marques, segundo a qual a sociedade de consumo não é fundamentalmente distinta das civilizações de ponta que nos precederam, não será discutível?

DESUMANIZAÇÃO OU «NOVO HUMANISMO TÉCNICO»

ALBERTO FERREIRA — Creio que a tese de Oliveira Marques pode ser aceite no seu sentido genérico mas não nos vai auxiliar muito na nossa tentativa de análise da situação concreta, actual. Todavia, vou aceitá-la como método e introduzirei apenas dois elementos que me parecem importantes. Primeiro, em que medida é que o nosso tempo apresenta algumas novidades básicas, sobretudo no mundo da tecnologia, em relação às sociedades anteriores, e lembro que entrámos na época espacial. Não se trata de contrariar a tese em presença, mas de esclarecer em que medida é que o nosso tempo não vai apresentar, em relação aos estádios anteriores, formas inteiramente novas de actuação e de habituação social, colocando outras opções. Mas será que coloca realmente opções? A aceleração do processo industrial em massa leva à necessidade de venda do total produzido. E para isso, para comprar, para consumir, ao consumidor é dada, já digerida, toda uma propaganda material e espiritual, em que ele é embalado, dirigido, adulterada toda a sua capacidade de opção.

FRAZÃO FARIA — Não vejo em que aspecto levamos o consumidor à compra constitua novidade. Isso sempre aconteceu. Estou de acordo com a tese do dr. Oliveira Marques: trata-se de uma sociedade como outra qualquer, numa fase paralela, distinta por maior progresso, mas o progresso é sempre relativo.

ANTÓNIO SERRÃO — Há uma mudança qualitativa que o dr. Alberto Ferreira referiu, através do desenvolvimento da tecnologia e das próprias relações de produção e da intensidade da produção. Esta mudança qualitativa verifica-se até na medida em que toda a promoção é transformada em algo já digerido para o consumidor. Portanto, o dr. Alberto Ferreira defende que estamos em sociedade de consumo massificada, levando as massas a consumir massivamente e passivamente aquilo que a produção lhes oferece. Qual a posição dos outros participantes neste ponto?

JOÃO EVANGELISTA — Creio que é muito difícil compararmos valores de épocas diferentes. Creio arriscado confrontarmos épocas. Cada época terá as suas características específicas. A única constante é o homem cada vez mais senhor do domínio sobre a natureza e a realidade. O certo, é que no nosso tempo, na nossa sociedade de consumo, o homem está realmente condicionado a tensões de variada ordem. Como vencê-las, eis a questão. Acredito que as afirmações das técnicas são positivas e até humanistas. O papa Paulo VI fala mesmo de um novo tipo de humanismo, o humanismo técnico, que permite ao homem dominar muito mais do que anteriormente, as forças da natureza. O perigo da sociedade de consumo é que este triunfo do homem não seja isolado, nem conduza a um compromisso mas sim a uma libertação.

MASS MEDIA E CONSUMO

FERNANDO FIGUEIREDO — Parece-me importante, no plano de confronto da nossa sociedade com sociedades anteriores, referenciar a questão dos veículos, isto é, os processos através dos quais uma empresa contacta os seus consumidores potenciais e também os processos de que uma empresa se serve para detectar as preferências desses potenciais consumidores. Eu incluia nessa palavra veículo todo o mundo de acesso que hoje temos, acesso fundamentalmente à cultura, que é um aspecto real da sociedade de consumo que não existia nos outros tipos de sociedade, mesmo depois da invenção da Imprensa. Este aspecto novo de intervenção das empresas para atingir os consumidores parece-me positivo se se trata de um bem de consumo, de equipamento ou de serviço; num sistema de economia de mercado, num sistema planificado, o consumo deve conduzir à promoção do homem. Tem de existir uma harmonia entre os objectivos microeconómicos (de empresa) com o macroeconómico (da sociedade em geral). Essa harmonia, essa identidade deve ser a realização do homem. Se não o é, algo está errado.

OLIVEIRA MARQUES — Pondo a questão em termos de presente, eu não conheço outra época em que o homem estivesse mais livre, não me refiro ao homem português mas ao homem em geral, em que tenha mais possibilidade de escolha. O dr. Alberto Ferreira falou que a «escolha está já preparada». É verdade em certos casos. Mas no passado, os condicionalismos eram ainda maiores, sob o ponto de visto político e religioso. Actualmente, o homem tem muito mais liberdade económica e moral

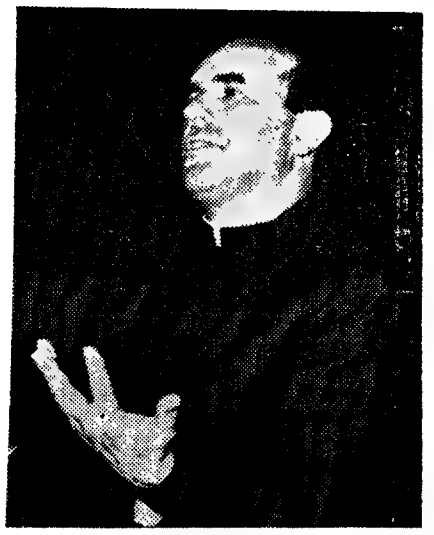
ANTÓNIO SERRÃO — Temo-nos movido em dois planos distintos: por um lado, o plano dos bens, sejam esses bens materiais ou de cultura, e, por outro lado, o juízo que se forma acerca da produção, distribuição e consumo desses mesmos bens. Retomando a problemática de juízos de realidade e juízos de valor, proposta pelo dr. Alberto Ferreira, como conciliaremos estes planos de análise?

ALBERTO FERREIRA — Em relação ao meu amigo Oliveira Marques gostaria de falar sobre o problema da liberdade. Será que o homem hoje é mais livre do que no passado? É uma pergunta realmente difícil. Se é verdade que alguns condicionamentos libertaram o homem de muitas coisas, nomeadamente no plano do espírito, da relação social ou jurídica, por outro lado, a aceleração do processo de industrialização em massa, da necessidade de escoamento da produção, da necessidade de venda total dos «stoks», da necessidade da venda do tempo-hora produzido, que é uma característica básica da produtividade numa sociedade de consumo leva necessàriamente ao conceito de alienação. A sociedade maquinal, automatizada não estará neste momento contra a liberdade do homem? O homem é livre perante a lei? Sem dúvida! Ele é livre económicamente? Será? Numa sociedade de consumo, é absolutamente evidente que para vender serviços ou produtos do espírito ou da ordem da matéria, é necessário que o consumidor esteja equipado com os escudos necessários para a compra. Na sociedade de consumo o homem é totalmente motivado para a compra absoluta de coisas. Mas estará ele em condições de optar por aquilo que realmente lhe interessa profundamente? O consumidor encontra actualmente os produtos distribuídos não

Consumo?

Oliveira Marques

Frazão Faria



P.e João Evangelista

só no estabelecimento mas em todo o lado, no local onde estuda, e no próprio local onde vive através dos mass media. Ora os mass media, os veículos de massa, são uma transformação qualitativa da nossa sociedade; intervêm avassaladoramente. E aqui entra um problema de extrema importância: consumimos o quê? Porquê? Como?

ANTÓNIO SERRÃO — Os homens de marketing foram postos em xeque. O debate de natureza filosófica está enraizado numa realidade material. Os homens de marketing produzem. Produzem o quê? Produzem para quem? Têm a palavra os homens de marketing.

«O HOMEM UNIDIMENSIONAL»

FRAZÃO FARIA — O dr. Alberto Ferreira foi abordar o probema dos mass media. Estamos a ver já o caminho de Marcusse, o homem unidimensional, uma das críticas á sociedade de consumo, é que, segundo o prof. Marcusse, os mass media levam á criação de um tipo diferente de homem, o homem unidimensional, uma negação das classes, portanto uma transformação para o homem padronizado. Ora eu pergunto, se o homem padronizado é criticável, por outro lado, ele é privilegiado em relação ao passado, porque lhe é possível adquirir todos os bens de consumo até há pouco, restritos a uma sociedade a que ele não pertencia. Não será isto uma democratização do homem, da promoção social?

FERNANDO FIGUEIREDO — O que acontece é que muitos nem sequer poder de compra têm para adquirir um livro. Mas a partir do momento em que todos tiverem um mínimo de vida, segundo as suas necessidades, terão então a oportunidade de optar.

QUEM CONSOME?

ALBERTO FERREIRA — Em Portugal sabemos que não estamos inteiramente numa sociedade de consumo. Basta analisarmos a população portuguesa de hoje. Segundo um estudo de 1969, a estratificação social em Portugal, seria a seguinte: na «classe alta» teríamos 5% da população, na «média baixa» 8%, na «média alta» 23%, na classe baixa 64%. E quanto á distribuição dos agregados familiares por rendimentos mensais, ganhava mais de 6500$00, 4% da população, de 6500$00 a 3500$00 16%; de 3500$00 a 1500$00, 46%; e menos de 1500$00, 34% da população. Ora a manipulação comercial desta população torna-se práticamente inviável, se não forem todas medidas a curto prazo. Em Portugal, uma mensagem publicitária não é entendida pela maioria da população, o que é um problema de deficiência cultural. Não há possibilidades de uma sociedade de consumo entre nós, se não houver planeamento, inclusive a nível regional, da produção e do consumo. A sociedade de consumo caracteriza-se por uma ascendência do sector privado da produção. O Estado, como que representando sectores importantes das classes empenhadas na produção, limitou-se a facilitar e a ajudar a iniciativa privada, dando um campo aberto e concorrente de possibilidades a todo o produtor que se apresentasse no mercado com o seu melhor produto. Isto não aconteceu em Portugal. Só há muito pouco tempo iniciámos uma reconversão para uma sociedade de consumo, pois até aqui, fomos condicionados por alvarás industriais e outros. Entrando numa nova situação, teremos de aproveitar a experiência da Europa, uma experiência de uma não intervenção do Estado, regulamentado no entanto, a produção. Será este o caminho que Portugal decisivamente enfrentará? A palavra pertence ao futuro.

António Serrão

Fernando Figueiredo

Alberto Ferreira

Dificuldades na luta contra a droga

Duas prestigiosas organizações científicas nacionais recomendaram, recentemente, aos médicos particulares, que não receitem «methadone» para a reabilitação de viciados pelos narcóticos.

A «methadone», narcótico sintético utilizado como substituto da heroína, deve ùnicamente ser usado em programas de reabilitação em que os doentes sejam vigiados de perto, de acordo com a declaração conjunta da «American Medical Association» e do «National Research Council».

Os seus conselhos para a utilização médica da «methadone» foram repetidos numa declaração separada feita posteriormente pela «Medical Society» do Distrito de Columbia.

Por outro lado, o Departamento de Justiça e a «Food and Drug Administration» elaboraram directivas semelhantes para o uso da «methadone», as quais devem ser publicadas brevemente.

Espera-se que as referidas declarações venham apoiar os esforços das autoridades que têm a seu cargo a aplicação da lei, na repressão dos médicos que receitam «methadone» indiscriminadamente.

Embora a «methadone» não provoque um estado de euforia num viciado pela heroína e diminua o seu desejo da droga, causa uma grande euforia num não viciado que a tome.

Todavia, pode ter resultados fatais no não viciado, tendo-lhe sido atribuída a morte de, pelo menos, sete pessoas na região de Washington, durante os últimos 17 meses.

Um médico de Washington, o Dr. Thomas W. Moore, foi acusado de infringir o «Harrison Narcotics Act», ao receitar «methadone» sem examinar os doentes. O Dr. Moore declarou-se inocente, afirmando que o seu programa está a ajudar milhares de viciados.

Todavia, a «American Medical Association» e o «National Research Council» são de opinião de que o facto de se receitar pura e simplesmente «methadone» aos viciados pela heroína não é suficiente para que estes se libertem da escravidão causada pela droga.

Os programas em que se recorre á «methadone» devem, segundo os referidos organismos, prever frequentes exames da urina para se assegurar de que os doentes não começaram novamente a tomar heroína; tratamento médico e psiquiátrico em geral; facilidades hospitalares; pessoal competente e um «controle» rígido para impedir que a «methadone» seja desviada para fins ilegais.

Além disso, segundo as mesmas directivas, os programas devem seleccionar cuidadosamente os seus doentes, de modo que uma pessoa que ainda não se tenha tornado uma viciada pela heroína se não torne uma viciada pela «methadone».

«Os programas á base da 'methadone' não são possíveis no consultório dos médicos particulares», declararam ainda aqueles dois organismos.

«O médico particular não pode dispor de todos os serviços indispensáveis ás diversas necessidades terapêuticas do doente. O médico particular também não se encontra habilitado a evitar o desvio da droga para fins ilegais, manter o «controle» das doses ou estabelecer os elementos para a devida avaliação do tratamento».

A «Medical Association» do Distrito de Columbia foi ainda mais longe nas suas directivas para os programas á base da «methadone», as primeiras á escala regional.

A «Medical Society» afirmou que os médicos devem colaborar com as autoridades locais «oferecendo este género de tratamento ùnicamente com o seu consentimento e aprovação».

Além disso, segundo as suas directivas, todos os doentes devem fazer parte de um registo central, que fornecerá, semanalmente, por meio de computador, informações sobre os níveis da dosagem e os resultados dos exames da urina.

Por outro lado, a «Medical Society» disse que os médicos que desejarem levar a efeito programas á base de «methadone» devem tomar parte em cursos de treino permanentes.

«Qualquer médico que utilizar a «methadone» no tratamento dos seus doentes e não respeitar as directivas», declarou o presidente da «Medical Society», Dr. Marvin C. Korengold, «ficará sujeito a acção disciplinar por parte da Sociedade».

Os programas á base da «methadone» foram iniciados na cidade de Nova Iorque em 1964, mas tornaram-se cada vez mais vulgares em todo o país á medida que aumentava o número dos viciados pela heroína.

Embora a «Food and Drug Administration» permita que os médicos receitem «methadone», principalmente para facilitar a libertação da heroína, não a aprovou para programas prolongados.

A «Food and Drug Adminstration» autorizou, todavia, alguns programas á base de «methadone», em que a droga deve ser utilizada com esse fim a título experimental.

espelho da imprensa

EMIGRAÇÃO CLANDESTINA

O trabalhador português que em terra estranha se tornou instrumento de forças que lhe são exteriores, é a peça amorfa de um sistema que cuidou de tudo menos do que ele representa como ser humano, avaliando-o mais como subproduto transplantado para uma sociedade que apenas o tolera quando capaz de render a um nível de produtividade compensador.

E talvez neste complexo de relações que o português serve ao empresário europeu. Os seiscentos mil que formam a colónia lusa em França, e cuja situação foi agora objecto das negociações realizadas na capital francesa, têm sido afectados por uma convenção sobre segurança social assinada em 1957, legislação manifestamente lesiva dos seus interesses. O acordo bilateral anunciado no final do último Conselho de Ministros, que visa pôr termo á clandestinidade e a revisão do referido Convénio poderão concorrer para melhorar a situação dos portugueses que vivem e trabalham em França, contribuindo para a prosperidade e grandeza do país que os acolhe sem os receber, como judiciosamente comentava há tempos um jornal parisiense.

A política emigratória do Governo português orienta-se, presentemente, para a legalização do tradicional afluxo clandestino, através da simplificação das vias legais, espírito que terá presidido aos encontros do chefe da diplomacia portuguesa com as autoridades francesas. Na realidade, pràticamente inexistente em 1958, o emigrante clandestino, em 1963, representava 54 por cento da emigração portuguesa para França, conquistando uma primazia — que não mais abandonou — em valor absoluto e em percentagem relativa ao total, até atingir os 85 por cento em 1969, ano em que havia em França 479 665 portugueses. A população activa assalariada representava cerca de 320 mil pessoas, cujas percentagens, por qualificação profissional, eram as seguintes: trabalhadores manuais, 34,9; operários especializados, 35,1; qualificados, 28,8; empregados, 0,9; funcionários e técnicos, 0,3. A mão-de-obra portuguesa correspondia a cerca de 1.6 por cento da mão-de-obra activa francesa, enquanto a população portuguesa representava 15 por cento aproximadamente da população estrangeira fixada em França.

Os últimos dados oficiais conhecidos sobre emigração clandestina (Boletim da extinta Junta de Emigração referente a 1969) referem que esse movimento atingiu expressão nunca anteriormente registada. Com efeito, aos 70 165 portugueses que deixaram o continente e ilhas adjacentes, naquele ano — números globais —, há a juntar os 83 mil que chegaram a França irregularmente, elevando o movimento total a um volume superior a 150 mil indivíduos. Para tal quadro, nunca antes verificado, em tais limites, no historial da emigração portuguesa — observa-se naquela publicação oficial —, contribuiram factores de vária ordem: certa antecipada de regularização, por parte dos emigrantes chegados a território francês; facilidade assegurada na sua travessia do território espanhol; amnistia em 21 de Dezembro de 1968; Decreto-Lei n.º 49 400, de 24 de Novembro de 1969, pelo qual a emigração clandestina passou a ser considerada contravenção; e facilidade na concessão de passaporte de turismo (...). O aumento da emigração legal — acrescenta o Boletim — não veio a verificar-se, antes se acentuando o seu decréscimo, pois que, relativamente ao principal destino dos emigrantes portugueses, a França, cujo movimento é preponderante no comportamento emigratório legal, a emigração clandestina veio a dar por desnecessário, no conceito dos emigrantes, o recurso á emigração legal, naturalmente ao alcance de muitos.

Quando se fala em emigração clandestina nem sempre se ponderam as causas. Como ùltimamente em textos e discursos oficiais, nomeadamente no acto de posse do primeiro secretário nacional da Emigração, se encontram frequentes alusões ao fenómeno da clandestinidade, talvez não seja descabido recordar as conclusões do inquérito promovido em 1968, pelas direcções-gerais da L. U. C. e da L. U. C. F.: dificuldades na obtenção legal — 30,9 por cento; melhoria do nível de vida — 20,6; seguir o exemplo dos outros — 14,7; desemprego — 2,5; conhecimento de outros povos e costumes — 1,9.

Num recente inquérito, a propósito da emigração portuguesa, pronunciava-se assim um alto funcionário do Governo francês: «É difícil indicar, para o futuro, a importância relativa da parte portuguesa nesta emigração. Tudo faz crer que ela continuará a ser importante, em função dos atractivos das condições de emprego da vida em França e da importância da colónia portuguesa ali constituida».

(FERNANDO ANTUNES, em «Correio Português» — Paris)

A geração longínqua

«Damos, a seguir, alguns dos nascimentos de portugueses verificados, nos últimos meses no departamento de Puy-de-Dôme: Daniel Teixeira da Costa, Cristóvão Araújo da Silva, António Joaquim Caberneis dos Santos, Júlia Mendes Ribeiro, Gina Maria da Silva Pereira, Francisco da Silva Leite, Marcelino Tenda Morais, Filipe Capela Pereira, Eugénia Maria Ribeiro Santos, Rogério Rodrigues Fernandes, Joaquim Rodrigues de Araujo, Manuel António Teixeira de Matos, Manuel Joaquim da Silva Gomes Ferreira, Anabela Albertina Fernandes Flores, Lise Maria Pereira Barreiros, Joaquina Alexandra Gonçalves Martins, Lázaro António Ramalho Martins, José Fernandes Ribeiro, Francisco José da Silva Gonçalves, Luís Filipe da Silveira Oliveira, António Amorim Novais, Eduardo dos Santos Marques, Paulo José da Costa Ribeiro, João Ricardo Mendes Cardoso, Lurdes Maria Cardoso Gouveia, José Joaquim Cardoso Gouveia, Maria Alice Lourenço Alves, José Carlos Vieira Ribeiro, Sílvia Carvalho Martins, Cláudio Francisco de Barros Lopes, António Joaquim Martins Andrade, Palmira Maria Garcia Pinheiro, Isaura de Fátima de Jesus Ferreira, Celina Maria Marques Pereira, Vítor Gonzalez Vago e João Alberto da Cruz Soares.»

(«CORREIO PORTUGUÊS» — Paris)

«MARKETING»...

«Aqui há uns anos atrás, um velho lavrador espertalhão, que empregava muitos trabalhadores de vez em quando, andava macambúzio, porque os negócios não lhe corriam de feição, e, no dizer dele, os seus criados andavam com dinheiro de mais nas algibeiras.

Sem poder reduzir-lhes os ordenados, porque senão eles mudavam se para outro patrão, pensou que talvez de uma maneira indirecta, conseguisse esse mesmo objectivo. De que é que ele se havia de lembrar?

Limpou uma cabana grande, pôs lá dentro os géneros alimentícios e de vestuário que ele sabia que os criados tinham de comprar nas lojas — e deu uma ordem: a partir desta semana, só cá trabalham aqueles que fizerem as compras na «cantina». E acrescentou: o valor dos fornecimentos será descontado aos sábados, na jorna que cada um tiver que receber em dinheiro

O pessoal, que era bom, obedeceu, e, ao princípio, nem sequer indagava os preços das coisas, por admitir que o patrão não lhe levaria tanto como nas lojas da vila. Não se reparava na imperfeição do serviço; a carne era das matanças da casa que se faziam sem ser preciso chamar o veterinário; e a importancia do avio lá ficava no livro do patrão, para ser descontada ao sábado.

Chegado o dia do pagamento, quando cada um se apresentava para receber a féria, o lavrador dizia-lhe: tens lá tanto em géneros, toma o resto!

E os outros: olha que assim não pode ser! A semana passada já ficaste a dever tanto; com mais tanto que ficaste a dever da outra semana, já tens adiantada a jorna até ao fim do mês que vem Portanto, governa-te, e dinheiro, vai buscá-lo onde quiseres.

Mas... Oh, sr. fulano: como é que isso é possível, se as coisas que levei mal chegaram?

Não sei — respondia-lhe o patrão. Olha que eu ainda sou dos que pagam melhor... Tu é que estás a gastar mais do que aquilo que devias...

Entretanto, ardiloso e espertalhão, dizia para consigo: mas que necessidade tenho eu de lhe dar mais géneros pelo mesmo dinheiro, se eles já estão tão bem pagos?! ..

Mas que grande filosofia!

E agora chamam a isto a ciência do «marketing»!

Ele sempre há cada descoberta.. »

JOÃO MARIA DA SILVA FERREIRA
(Em «O Mercador»)

ÁTICA
EDITORES LIVREIROS

INICIAÇÃO À TÉCNICA CONTABILÍSTICA

pelo Dr. Rogério Fernandes Ferreira

Um repositório sintético de noções basilares da Contabilidade: Património, Activo, Passivo, Situação Líquida, Capital, Inventário, Balanço, Conta; com exemplos de lançamentos de diversas espécies, questionários e exercícios.

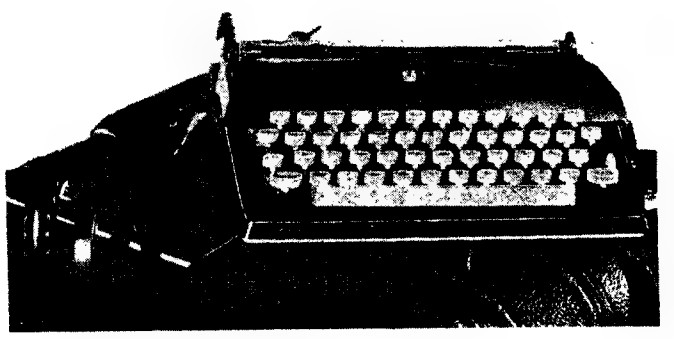
Um capítulo especial trata da normalização contabilística, focando o Anteprojecto do Plano Geral de Contabilidade do Ministério das Finanças.

346 páginas: 160$00

Colecção «A Empresa e a Fiscalidade»

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA:
LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37
AMADORA

ADLER
sempre pronta e disposta para escrever e viajar...



* * *

Se vai de viagem, poderá transportar fàcilmente a "Tippa S" em passeios, em férias... há sempre lugar para a "Tippa S," porquanto não é mais alta do que o comprimento de um cigarro, mede (2 1/2"). Ficará fascinado com a sua leveza de toque e suavidade do movimento do carro. Não haverá pois mais problemas dactilográficos. A "Tippa S" é fornecida na côr moderna: antracite, e em estojo portátil fàcilmente transportável.

SOC. DE REPRESENTAÇÕES
SIDA - SUECA limitada
R. DE S. NICOLAU, 17 TEL. 369331 LISBOA

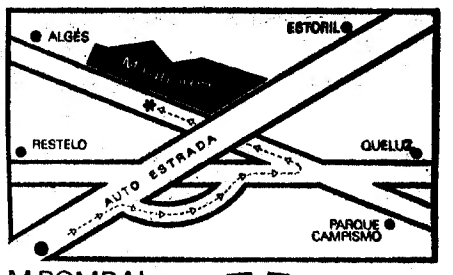
LOTES PARA MORADIAS
ZONA DE CASCAIS
DESDE: 80.000$00
Urbanizações aprovadas com água, luz, esgotos, etc.
PROP. JOAQUIM BARAONA
«Edifício Cascais», Av. Valbom, 28-1.º — Telefs.: 282345-282388 e 280749 — Cascais

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

um jardim à beira-cidade plantado:

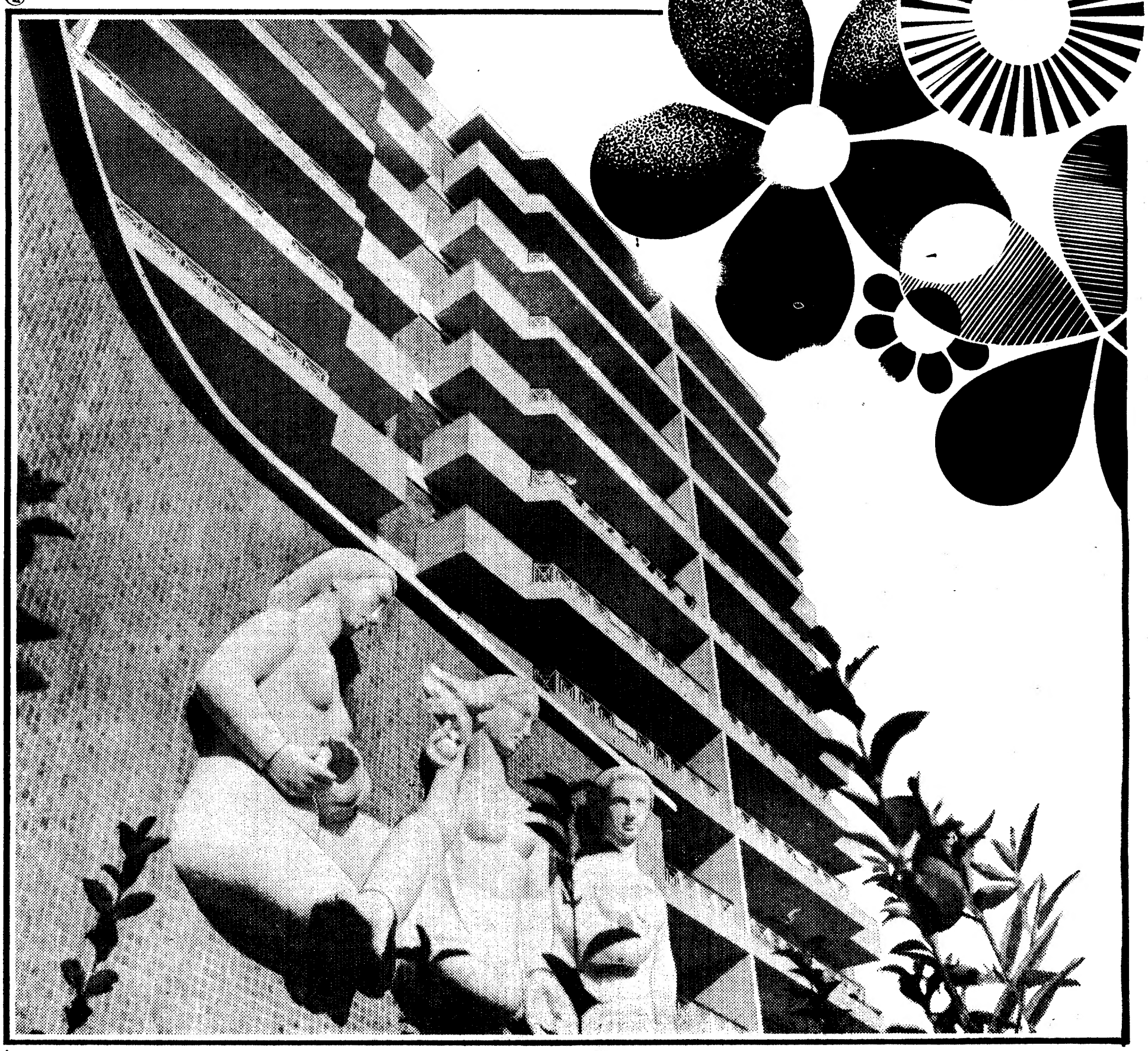
MIRAFLORES LUX

Onde está o seu futuro lar. Ao nível da sua posição social. Hall de luxo, amplos salões, grandes terraços, modernas casas de banho, cozinhas règiamente equipadas. *Mármores, Alumínios, Madeiras nobres* — os materiais dominantes nas construções de Miraflores *Lux* «Miraflores-*Lux*»: silêncio, ar puro, beleza e requinte. ... E pertinho do seu gabinete de trabalho! Apenas a 5 minutos do Marquês de Pombal e a 6 minutos do Terreiro do Paço. *Você vai num pé — e vem noutro!* Visite a 1.ª fase da zona de luxo (Norte), ao domingo ou qualquer dia da semana. Será cordialmente recebido



M.POMBAL

MHP-2/71



HABITAT EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS, S.A.R.L.
Informações e vendas: Av. Principal — Parque Residencial e Turístico de "Miraflores" (Norte) Telef. 215087-215088-215089-215080

lemos para si

O que é a inflação

O QUE É A INFLAÇÃO, PORQUE SOBEM OS PREÇOS, de Armando Castro (2.ª edição (Edições 70). Eis a intenção da obra em palavras do seu autor: «tentativa de uma análise e explicação dirigida ao grande publico acerca da natureza e das causas determinantes da inflação em Portugal ao longo dos ultimos oito ou dez anos». Supomos que o «grande publico» poderá ler sem grandes dificuldades este livro, escrito com manifestos cuidados pedagógicos.

Armando Castro caracteriza a inflação que lavra em Portugal como de «indole crónica» e «já aberta». «Atingindo taxas anuais oscilando entre 5 % e 8 %, 9 % ou mesmo mais; muito embora esteja longe de se ter tornado uma inflação galopante, já não é meramente larvar, rastejante».

Para se compdeenderem as conclusões deste livro importa ter presente o conceito de inflação que Armando Castro utiliza. Pág. 45: «Na medida em que a massa das notas em circulação excede as necessidades da actividade económica, traduzindo uma massa superior também ao respectivo encaixe em metal precioso, há inflação com a alta geral dos preços, que traduz a expressão dessa desvalorização nos preços das mercadorias a que a moeda se aplica». E nesta perspectiva o autor distingue entre os factores que conduzem a uma alta geral dos preços e os que só implicam agravamento dos preços de determinados bens, quer dizer, agravamentos sectoriais, sejam eles embora relativamente persistentes.

Após a descrição do fenómeno inflacionista em Portugal, Armando Castro passa a uma análise causal, procurando os mecanismos da injecção de notas em escala crescente na circulação, para além das necessidades normais do crescimento da actividade económica.

Relacionando a evolução do Produto Nacional Bruto (a preços constantes de 1963) e os meios de pagamento no sexénio 1964-1969, o autor verifica que a massa dos meios de pagamento cresceu muito mais rápidamente do que o conjunto dos bens que se compram e vendem. Em 1969 o P. N. B. teria crescido menos de 6,5 % enquanto o conjunto dos meios de pagamento aumentou 14,2 %. Ao mesmo tempo o conjunto da circulação de notas bancárias cresce igualmente mais do que o Produto Nacional, e os depósitos em bancos e caixas económicas mobilizáveis para pagamentos por meio de cheques ainda crescem mais rápidamente do que o próprio conjunto das notas bancárias.

A pequena antologia de *O que é a inflação*, que escolhemos para os nossos leitores, ajudá-los-á a fazerem uma ideia mais aproximada do actualíssimo livro de Armando Castro.

Crítica (económica) á 1.ª edição: «Inflação, tema incómodo», de Carlos Carvalhas, em «Mesa-Redonda» de 27/11/1970.

Pequena antologia do livro de Armando Castro

«Considerando o nível geral existente em 1963, de acordo com dados oficiais, em 1965 os preços gerais para o consumidor (dois anos depois) tinham crescido 7% (isto é: portanto, numa média em cada um dos anos de 1964 e 65, de 3,5%); em 1966, ter-se-iam elevado mais 5 pontos; no ano seguinte, 1967, 7 pontos, o mesmo sucedendo em 1968; para o ano de 1969, os dados oficiais provisórios utilizados, relativos sòmente aos nove primeiros meses do ano, indicavam uma alta de 9 pontos. Quer isto dizer que, segundo estes elementos de informação, aquilo que em média geral custaria no ano de 1963 ao consumidor 100$00, em 1969 custava 141$00, sendo, porém, necessário não esquecer que, mesmo dentro destas cifras, houve produtos que subiram mais do que outros, uns situando-se, portanto, acima dessa média e outros abaixo dela. Entre os artigos que mais subiram contam-se, principalmente nos centros urbanos mais importantes, o custo de habitação e o custo dos géneros de alimentação. Os registos estatísticos oficiais indicam que a subida geral média dos preços por grosso teria sido da ordem de 4,1% em 1965, de 4,8% em 1966 e de 6,1% em 1967; quanto ao ano de 1968, o acréscimo teria sido da ordem de 5%, e em 1969 de 9%». (Págs. 14).

*

«No entanto, não é menos importante do que esta circunstância uma outra que passa sistemàticamente despercebida e que leva á conclusão de que não é a mesma coisa o índice estatístico da alta de preços médios no consumo e a alta do custo da vida.

Mesmo que a elaboração desse índice médio, dizendo por exemplo que os preços gerais aumentaram de um ano para o seguinte 5%, 6%, 7% ou 8%, atenda ao facto de ser necessário ponderar a importância dos diversos tipos de bens no orçamento individual e familiar de cada português, a verdade é que existem outras circunstâncias que não permitem considerar um único índice geral de preços para todas as classes sociais.

Isto resulta do facto de haver grupos de produtos cuja subida de preços se situa acima da média geral e outros em que essa subida fica abaixo desta média.

De uma maneira geral, acontece que os grupos de bens cujos preços têm conhecido movimentos altistas mais pronunciados são os géneros de alimentação e os preços da habitação (rendas de casa).

O problema torna-se compreensivel se considerarmos uma hipótese simples: sabe-se que quanto menor é o rendimento de um indivíduo ou de uma família, maior tende a ser a percentagem que tem de gastar com a alimentação, com a renda da casa e com outras necessidades fundamentais da vida. (Pág. 15).

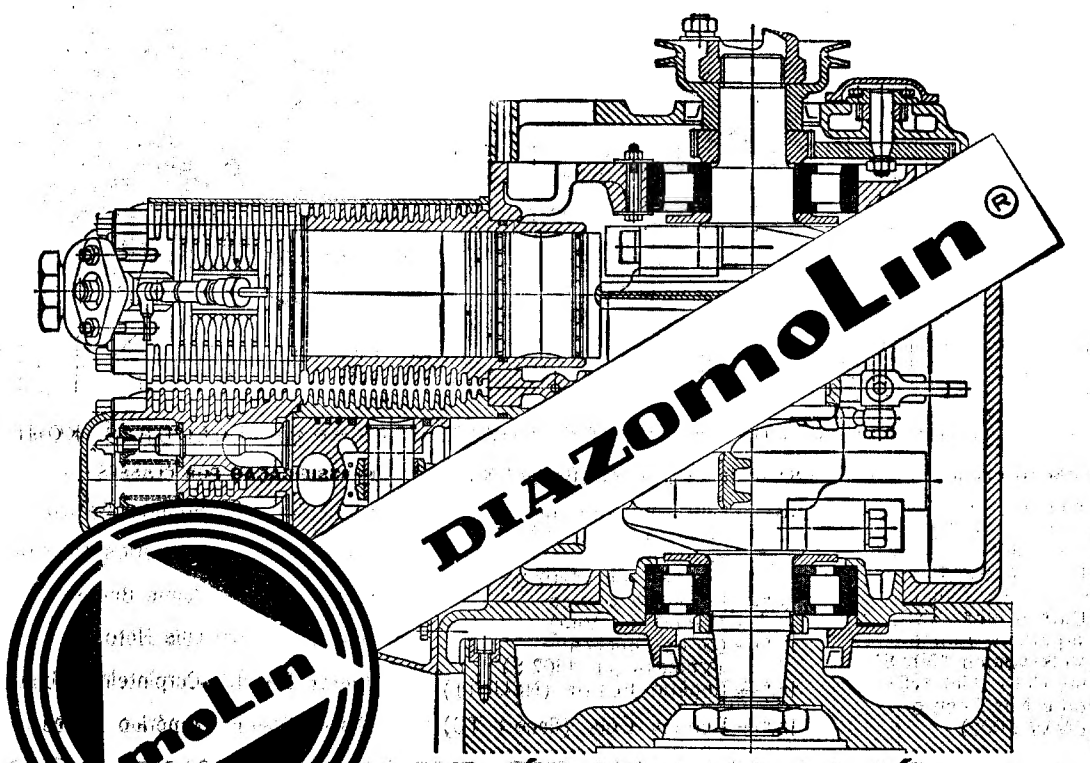
*

«Seja qual for a evolução comparada, do que não há dúvida é de que seria puramente utópico imaginar que dentro do sistema económico capitalista fosse possivel como fenómeno mais do que episódico (quer no tempo, quer em relação a algum sector da produção) que o salário nominal, depois de deflacionado, quer dizer: descontando a margem de alta de preços na medida em que tal alta se verificar e chegando-se, assim, ao salário em termos reais, pudesse crescer de forma a absorver todo (ou talvez mesmo a maior parte) o aumento de rendimento resultante do acréscimo da produtividade do trabalho.

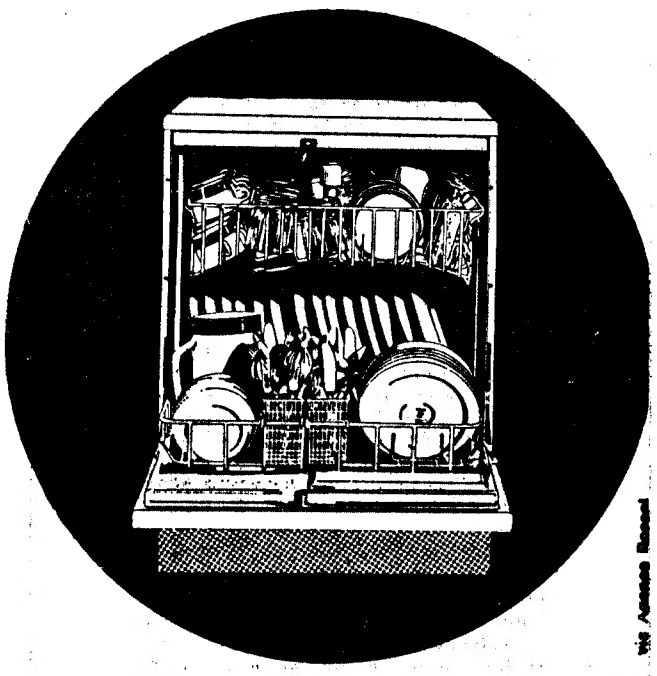
E isso não pode suceder, porque separaria as leis basilares de movimento do sistema, que exigem massas de lucros tendencialmente crescentes para, pelo menos, garantir o reforço da capitalização.» (Págs. 134).

*

«Realmente, se formularmos a pergunta-chave para a compreensão deste como de tantos outros fenómenos — quem ganha e quem perde com a inflação? — concluímos que, tendo até em conta os tipos de preços que mais sobem, como os dos alojamentos e os dos géneros de alimentação, são as classes assalariadas, dos invidíduos que recebem ordenados fixos ao mês, desde empregados de escritório, de comércio, a funcionários e outros congéneres, as que inevitàvelmente são atingidas; isto acontece ainda que admitamos actualizações sucessivas das suas remunerações, visto ser indiscutível que, inclusive na hipótese, não realistica para a grande maioria, de lograrem actualizações, elas verificam-se sempre com atraso em relação ás altas de preços, ao mesmo tempo que, tendendo estas altas a intensificar-se, essa situação também se agrava.» (págs. 144). «Outras classes e camadas da população atingidas são os proprietários que recebem rendas de casa, ou os credores, que, quando vêem os capitais reembolsados ao fim de alguns anos, recebem, na realidade, menos do que emprestaram, além de diminuir o valor intrinseco dos juros que lhes cabem» «pág. 144).



PAPÉIS HELIOGRÁFICOS
PARA CÓPIAS IGUAIS AO ORIGINAL
ATÉ AO TRAÇO MAIS FINO
moLin V. N. GAIA - SALÕES DE VENDAS - NO PORTO R. DE JÚLIO DINIS, 867 - TEL. 692202 - EM LISBOA R. DO TEATRAL, 5 C. TEL. 324878

modernize o seu lar

com uma máquina de lavar louça
Míele
Grande capacidade. Sistema de tripla dispersão. Máquina automática de lavar louça, duma perfeição sem igual. V.Exa. está livre para sempre da tarefa de lavar a louça!
Agente Oficial:
ELECTRO ÊXITO
Bau & Santos, Lda.
(VÁ AO FERNANDO)
Av. Marquês de Tomar, 94-A • Tel. 778170 • LISBOA

Aqueles que não conjugam o verbo emigrar

HELENA NEVES

São velhos. Velhos e indiferentes.

A tarde há muito que foi engolida por nuvens sombrias. O hábito empurrou-os para a taberna. O hábito e o frio. A braseira aquece-lhes o sangue arrefecido, incapaz de Raiva e de desejo. A raiva, o desejo mastigados durante toda a vida. Hoje mastigam silêncios.

Com a idade os horizantes sempre em limite, estreitaram-se mais. Nem os ecos da feira de Março, que os excitou na meninice esquecida, os levam até Torres Novas. A vila não os tenta. A aldeia contém-nos. A aldeia é curiosa. Lapas, o seu nome tirado ás catacumbas onde aesenta. As catacumbas levantam controvérsia histórica. Mas a questão não os preocupa. Nada os preocupa. Nem o velho boieiro, de 74 anos, parece afectado quando nos diz:

— Antigamente ganhava menos e comprava mais batatas e pão do que agora.

Nem o velho operário, com rosto sábio e lingua experimentada em aguardente de figo, tem ares de lamento:

— O meu filho podia ser um doutor. Ganhou uma operação plus ultra. O Estado leva-o até engenheiro! Mas antes quis guardar porcos. Eu bem o avisei. Ele bem sabe que após tantos anos na fiação, eu tenho de reforma 800$00. Mas foi a vontade dele. E eu para aí não boto sentença.

Desperto do seu sono, o operário da destilaria da fábrica dos Vieiras, levanta uns olhos ainda agressivos. Os intrusos têm ares de cidade. A cidade é a inimiga. A cidade rouba braços ao campo.

— Tem algum jeito?! As terras estão todas por amanhar. Eu também tive de deixar o trabalho no campo. Eu que tive como berço o campo, agora estou como os outros, fechado em paredes. Os novos é que não querem outra coisa. É a vila, são as cidades a chamá-los. Mas não ficam por aí, Dão o salto. Qualquer dia, não há aldeias. Vão para outros países e lá ficam grudados.

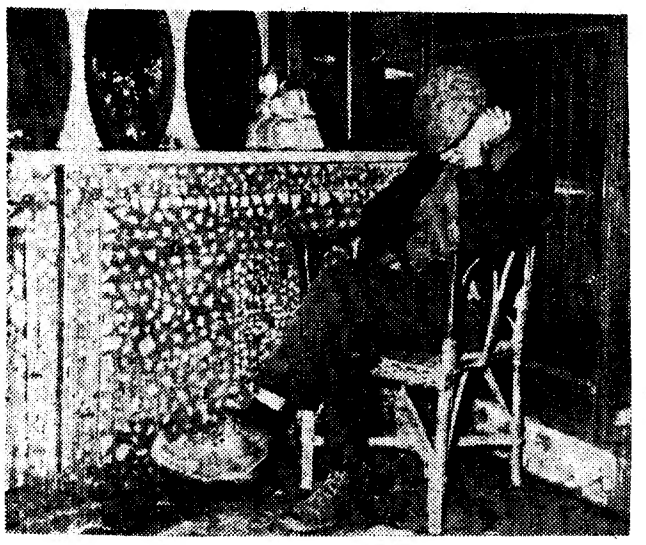
— Mas se fossem novos não queriam também emigrar? Ficavam por aqui?

O velho boieiro e o operário reformado fazem olhos de espanto. A aventura? O desconhecido? No mundo, tão grande que é, não existe outra aldeia «Lapas». Não existe outra taberna como a do Amândio? A aguardente do figo onde a há? Lá fora, haverá braseiras mornas? Deixar o campo que foi berço e leito de amantes, onde o filho que não quis ser doutor, foi gerado!

— Nã, daqui ninguém me arrancava!

E o reformado de 800$ e de enterro não pago:

«As terras estão todas por amanhar...»



«O hábito empurrou-os para a taberna...»

— A fome não é igual em toda a parte?

— Não vou nessas «eivas». Em terras de demo os pobres são sempre pobres. Mais vale morrer onde a nossa mãe nos pariu **— fecha o operário da destilaria, desconfiados os olhos ainda agressivos.**

São velhos. Na aldeia de «Lapas», nados e mortos, ficarão os velhos.

Velhos e indiferentes. Não conjugam o verbo emigrar.

Os velhos também emigram

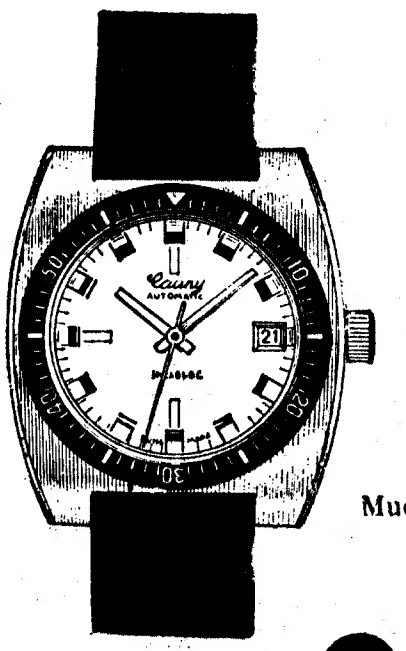
A maioria dos velhos fica por cá. A resistência á mudança é maior do que a saudade dos familiares que partem. Vêem, a pouco e pouco, as aldeias morrerem no silêncio penetrado de ausência das janelas de pau fechadas em cada casa. Vêem os campos sem sombra de cultivo. Recebem «alguma coisinha» dos que foram, arrastam os pés até às esquinas soalheirentas, tentando erguer altura nas costas quebradas pelo trabalho, na ânsia de guardar o calor engolido no poente.

No entanto, também eles vão desertando do solo natal. Em 1963, num total de 25149 emigrantes legais, 1619 tinham idades compreendidas entre 55 e mais de 70 anos; e em 1969, entre 70165 emigrantes legais, 3120 pertenciam ao grupo etário em análise. Nestes números, a prevalência pertence á mulher: em 1963, emigraram 947, e em 1969, 1689 eram do sexo feminino. A situação de maior dependência económica leva-as a emigrar com a família ou a atender alvoroçadamente á sua chamada.

Casais Romeiros, aldeia ribatejana, nem a indústria vizinha a salva da atracção que vem de França. Viúva, mais de 70 anos, encerrando no rosto a nostalgia dos filhos e dos netos ausentes, tia Maria, tia Maria de vestes e lenço negro, negro pelo tio pisco. Tia Maria de mãos decididas e voz sem tremor, clama:

— Quem me dera ir ter com a minha Susana e os meus netos!

Tia Maria é velha. Os velhos também emigram. Arrastados pelos jovens activos que vão vender trabalho a outras terras, os velhos aprendem lentamente a conjugar o verbo emigrar.



CALENDÁRIO
AUTOMÁTICO
100% impermeável

Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

Mudança de data ultra-rapida

Resistente
Incabior

CAUNY
A mais alta precisão suiça

ROGER GARAUDY
TODA A VERDADE
DE MAIO DE 1968 A FEVEREIRO DE 1970
O movimento de Maio de 1968, a «normalização» da Checoslováquia e os problemas do comunismo
MORÆS editores
35$00

XXII VOLTA A PORTUGAL EM AUTOMÓVEL

GRANDE VITÓRIA KONI

15 CONCORRENTES À CHEGADA, 13 DOS QUAIS COM AMORTECEDORES KONI

CLASSIFICAÇÃO GERAL:
1.º — Américo Nunes (Porsche 911 S)
3.º — Giovanni Salvi (Porsche 911 T)
4.º — A. Carlos Oliveira (Datsun 1600 SSS)
5.º — Carpinteiro Albino (Volkswagen 1302 S)
6.º — Luís Neto (Fiat 128)
7.º — Jorge Nascimento (BMW 2002)
8.º — Jaime Benitez (BMW 2002)
10.º — Nascimento Costa (Datsun 1600 SSS)
11.º — João Nabais (Volkswagen 1302 S)
12.º — Francisco Santos (Escort TC Vita)
13.º — Carlos Fonseca (Volkswagen 1302 S)
14.º — Rogério Beatriz (NSU TT)
15.º — Hermes Góis (Escort TC)

CLASSIFICAÇÃO POR CLASSES:
Classe 2 — 1.º - Rogério Beatriz
Classe 3 — 1.º - A. Carlos Oliveira
Classe 4 — 2.º - Jaime Benitez
Classe 5 — 1.º - Luís Neto
Classe 6 — 1.º - Carpinteiro Albino
Classe 8 — 1.º - Américo Nunes

KONI O TEMPERAMENTO DE UM TRIUNFADOR
REPRESENTANTE
SOGERIM SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO LDA.

Os falsos dogmas económicos — 2

A moeda exaltada

ANDRÉ PIETTRE
(Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»)

Num primeiro artigo («Mesa-Redonda» da semana passada) André Piettre analisou a reviravolta dos efeitos da inflação no mundo actual. A inflação «rasteira» agravou-se e esta vaga, depois de ter sido acompanhada de um sobreaquecimento voltou-se contra ela própria e provocou a depressão.

O facto é de todos os tempos: quando se sacrifica a estabilidade da moeda, exalta-se simultâneamente o seu poder. Através do crédito, reencontramos aqui o velho sonho de Law (que é, talvez, o de todos os banqueiros), o sonho da «moeda funcional», retomado por Wicksell, Hawtrey e orquestrado por Keynes. Mais do que moeda dirigida, é de moeda dirigente ou, melhor ainda, de *crédito director* que seria preciso falar, na medida em que se visa essencialmente agir sobre a economia pelas variações do crédito: redução do juro para estimular a economia, elevação para a travar.

Ora, o que revelou a experiência? Efeitos exactamente contrários aos que se esperavam.

Por um lado, o baixo preço do dinheiro imposto sistemáticamente depois da guerra para a «cavilhação das taxas» (2% para o desconto, 1% para as taxas do mercado monetário até fins de 1951) não favoreceu em nada a recuperação britânica. O relatório Radcliffe de 1958 reconheceu-o. Em contrapartida, o «dinheiro caro» não impediu de modo algum o «milagre alemão», sem recurso a qualquer desvalorização, muito pelo contrário! Até 1959, a taxa de juro, em média, foi sempre mais elevada além-Reno do que em qualquer outro país.

De um modo geral, a manipulação do crédito revelou-se delicada e frequentemente enganadora. O relatório do Banco de França de 1969 acentua este facto: o enquadramento do crédito «causa estorvo aos bancos mais dinâmicos»; trata com certas atenções os «clientes mais importantes» á custa das «empresas novas em pleno desenvolvimento»; não evita «o arbitrário» na fixação das normas de progressão. Sabe-se, igualmente, como as medidas de restrição de crédito, nos Estados Unidos, foram iludidas pelo recurso dos que procuravam obter empréstimos ao mercado paralelo dos euro-dólares.

UM VELHO DOGMA REJUVENESCIDO

É esta a razão pela qual certos teóricos americanos, a começar por Milton Friedman, contradizendo desta vez os temas keynesianos, preconizaram uma acção não já sobre as taxas de crédito, mas sim sobre a massa de moeda em circulação. Todavia, ainda aqui, vai-se chegar, sem o dizer, a posições inflacionistas.

O raciocínio de Friedman pode resumir-se deste modo: dado que o alcance da política, flexível e discricionária, levada a efeito pelas autoridades monetárias é também incerta, e a acção da política orçamental não o é menos, sejamos portanto mais modestos; contentemo-nos em agir, mas agir com firmeza, sobre a quantidade de moeda á disposição do publico, pois é finalmente esta quantidade que comanda, através dos rendimentos, a actividade económica (1).

Assim ressurgiu o velho dogma da teoria quantitativa, melhorada mas ainda imperiosa. Já não se diz, como recentemente com Irving Fisher, seu principal representante, que a massa monetária comanda directamente os *preços*, mas que ela influi nos *rendimentos*. Em contrapartida — e isto é essencial, — mantém-se o princípio da teoria quantitativa, isto é o papel motor e, portanto, director que ela atribui á quantidade de moeda em circulação.

Será que vamos por isso regressar a ortodoxia clássica? De modo algum.

No âmbito nacional, em primeiro lugar, repudiando o padrão-ouro, preconizar-se-á um crescimento regular mas *automático* da massa monetária, de 4 a 5% por ano, de molde a apoiar uma expansão constante. O que as minas de ouro teriam feito outrora, os bancos centrais devem fazê-lo hoje em dia. A esta «regra de ouro» dar-se-á mesmo «força de lei» a fim de obrigar os bancos de emissão a submeterem-se a ela. É assim que Milton Friedman alia o dirigismo a um certo liberalismo, exactamente do mesmo modo que os fisiocratas apelavam para o «bom déspota» para fazer reinar a «ordem natural»...

No exterior, em seguida, proteger-se-á a moeda nacional de toda e qualquer influência estrangeira susceptível de vir perturbar o automatismo interno. Como? Deixando a paridade nacional (assim como preço do ouro) estabelecer-se *livremente* no mercado dos câmbios. E o autor acaba por desejar, quer para o dólar, quer para os países da Comunidade europeia, um sistema ultraliberal de *câmbios flexíveis*.

Os perigos evidentes de tal sistema — que nos permitimos afirmar teria sido considerado pueril se tivesse sido assinado com um nome francês... — fizeram-no condenar com severidade pelo Fundo monetário internacional (2). Mas este não condenou o dogma subjacente de um imperialismo não confessado, o que tudo domina, o dogma das *moedas-chaves:* ontem a libra hoje o dólar.

Tocamos aqui o ponto decisivo da inflação mundial e a divisão extrema dos espíritos.

Para os Anglo-Saxões, o mundo sofre, desde a primeira guerra mundial, de uma insuficiência de liquidez internacional (donde, para a combater, o «Gold Exchange Standard», reduzido hoje em dia ao dólar). Para a maioria dos autores do continente, sofremos, pelo contrário, de um excesso de liquidez devido precisamente ao desequilíbrio exterior dos Estados Unidos e ao afluxo dos dólares, aceites com demasiada complacência.

Para apoiar a sua tese, os Anglo-Saxões baseiam-se na história do século XIX — fortemente solicitada... Afirmam eles em primeiro lugar — o que é uma verdade — que nunca a expansão do século XIX teria sido possível sem uma emissão considerável de moeda fiduciária e escritural. Afirmam que a libra esterlina se tornou então um sucedâneo do ouro. O que é ainda uma verdade.

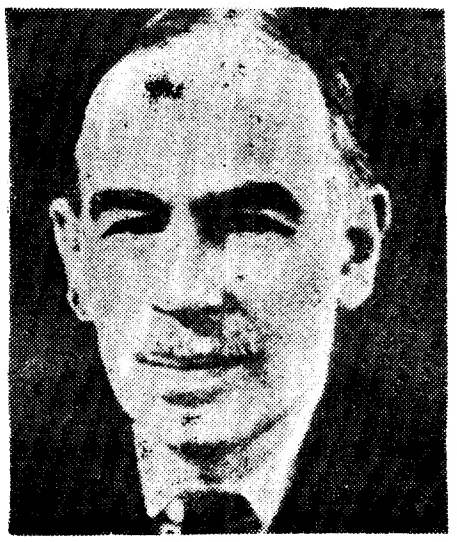
Mas não é menos verdade — e é isto que eles esquecem — que a libra devia a sua primazia não apenas ao Império e á City, mas também ao seu *estatuto*, unico no mundo, de moeda garantida quase integralmente pelo *ouro*, e á confiança que este facto provocava. Esquece-se igualmente que ela se apoiava numa balança de pagamentos largamente equilibrada (o «deficit» comercial da Grã-Bretanha era mais do que compensado pelo excedente das exportações invisíveis, a que vinha acrescentar-se uma rigorosa gestão orçamental). Omite-se, finalmente, o facto capital de que a libra não servia nem de reserva a outros países (com excepção da India), nem muito menos de apoio a uma superposição de créditos comparável ao amontoado das eurodivisas. O caso do dólar é muito diferente!

Diríamos de bom grado que o imperialismo britânico, independentemente da severidade com que o possamos julgar sob o aspecto político, económico e humano, apoiava-se pelo menos em bases monetárias sãs; as do dólar são doentes.

UMA DUPLA INFLAÇÃO

Elas assentam, efectivamente, sobre uma dupla inflação: oficial do «Dollar Exhange Standard; oficiosa dos eurodólares. Ora, estas duas inflações agravam-se. A primeira porque nenhuma medida interna corrigiu e jamais corrigirá o «deficit» externo dos Estados Unidos, enquanto persistir o «Gold Exchange Standard» (neste ponto preciso, o pensamento do sr. J. Rueff é incontestável e é confirmada pela experiência inversa dos países do Mercado Comum: os que sofreram um desequilíbrio importante sempre restabeleceram a sua balança num prazo máximo de dezóito meses).

Quanto á segunda fonte de inflação, a dos eurodólares, a sua massa proliferou de 7 biliões de dólares em



Keynes

1963, para 20 biliões em 1968, para 38 em fins de 1969, atingindo hoje em dia cerca de 44 biliões, dos quais 14 teriam sido obtidos a título de empréstimo, em 1969, por bancos ou sociedades americanas para investimentos exteriores, principalmente na Europa. Chegamos, assim, a este espantoso paradoxo: os Estados Unidos tiram das suas dívidas não uma fraqueza, mas um aumento de poder, na medida em que encontram aí um meio de adquirir — com os empréstimos dos seus credores — os bens destes ultimos!

É aqui que estoira o falso dogma das moedas de banco internacionais. Pretendia-se estabelecer um sistema evoluído, progressivo, em relação ao padrão-ouro; mas chega-se a uma verdadeira regressão (comparável á de Keynes reabilitando os mercantilistas). Regressa-se ao nacionalismo. A moeda torna-se, nas mãos do mais forte, um instrumento de poder; torna-se o *facto do príncipe*. Já não é a «liberdade cunhada» de que falava Dostoievsky, mas poder gravado. E a contradição é total entre o ideal que nos propõem da *free enterprise* e o império que nos impõem de uma moeda dirigente, mas fundente.

Finalmente, é a inflação generalizada que se espalha pelo mundo. Mas ela implica, por seu turno, uma alta imprevista dos custos que «prende» o sistema: é a estranha «stagflacção» que maltrata ou ameaça.

Como libertarmo-nos disso? Tentando libertarmo-nos pouco a pouco de uma obediência dupla que sem duvida aceitamos há demasiado tempo:

— a tutela da finança anglo-saxónica, inevitável no pós-guerra, pesada hoje em dia, e cujos riscos comandam imperiosamente, a despeito de todas as dificuldades, uma frente comum europeia;

— o domínio do pensamento anglo-saxónico que conduz sempre, sob um aparelho sábio, a cobrir a inflação. Talvez não seja inútil esperar (certos indícios são a prova disso) (3) uma renovação do pensamento monetário francês, que oporia ao ilusionismo das fórmulas o rigor dos factos, e á lassidão da prática a regra elementar da honestidade das contas.

(1) O autor precisa que «entende por moeda o numerário em circulação, os depósitos à ordem e os depósitos a prazo nos bancos», MILTON FRIEDMAN, Inflação e sistemas monetários, trad. francesa, Calmann-Levy. 1969, p. 82.

(2) Cf. o artigo de P. FABRA em «Le Monde» de 15 de Setembro de 1970.

(3) Como a fundação recente de um «Clube monetário» sob o égide da «Association française de Science Economique» (srs. H. GUITTON, R. MOSSÉ, D. C. LAMBERT).

Estatísticas da O. C. D. E.

PARIS — A Irlanda, em tempos símbolo de fome e pobreza, está á cabeça da Europa (se não do mundo) no número de calorias alimentares diàriamente consumidas por habitante. A Noruega está muito á frente de qualquer outra nação no consumo per capita **da energia eléctrica. A Suécia está á cabeça da Europa no rendimento** per capita **de automóveis, telefones, televisores e gastos com a educação publica.**

São estes os dados de mais relevo da nova análise estatística anual agora publicada pelo O. C. D. E. (Organização de Cooperação Económica e Desenvolvimento) referente ao ano de 1969 e abrangendo os 22 estados membros da organização.

Os E. U. A. são, de longe, o país mais importante da O. C. D. E. na maior parte dos quadros estatísticos — embora esteja muito abaixo na lista dos habitantes por quilómetro quadrado (224/km2). Os unicos países da Organização com menos densidade de população que os E. U. A. são: a Noruega (124/km2), a Finlandia (124/km2) e a Suécia (184/km2).

No outro extremo, a Holanda tem 352 habitantes por km2, enquanto a Bélgica tem 316, a Itália, 277, a Alemanha Ocidental, 245 e a Grã-Bretanha, 228.

Em rendimento médio *per capita*, os E. U. A. vão á frente com 4660 dólares (cerca de 135 140$00), seguida da Suécia, 3230 dólares (cerca de 93 670$00), Suíça, 3020 dólares (cerca de 87 580$00), Dinamarca, 2860 dólares (cerca de 82 940$00), França, 2770 dólares (cerca de 80 330$), Noruega, 2530 dólares (cerca de 73 370$00), Alemanha Ocidental, 2520 dólares (cerca de 73 380$00) e do Reino Unido, em 8.º lugar, 1970 dólares (cerca de 57 130$00). Na cauda vêm a Turquia, com 380 dólares (cerca de 11 020$00) Portugal, com 600 dólares (cerca de 17 400$00), Espanha, com 870 (cerca de 25 230$00) e a Grécia, com 950 dólares (cerca de 27 550$00).

Os irlandeses vêm á frente no consumo de calorias com 3450 por dia e por pessoa — superior á média dos EUA (3210) e logo seguidos pelos holandeses (3240), belgas (3150), britanicos e dinamarqueses (3 1 8 0) e franceses (3160). Em consumo de electricidade, a Noruega está muito á frente dos outros países, com 12 976 kws a mais por pessoa, seguida pelos E. U. A. (7013) e pela Grã-Bretanha (3680).

Os suecos têm 288 televisores, 253 automóveis de passageiros, 478 telefones e 13,4 habitações construidas por milhar de habitantes. Em segundo lugar, na Europa, vêm os ingleses, quanto a televisores (263 por milhar de habitantes), os franceses, quanto a automóveis de passageiros (240 por milhar de habitantes), e os suecos, quanto a telefones (417 por milhar de habitantes) Os números referentes aos EUA são: 392 televisores, 410 automóveis de passageiros e 523 telefones por milhares de habitantes — mas só construiram 7,7 habitações por milhar de habitantes, em 1969.

Menos que a Suécia, Suíça, Alemanha, França, Holanda, Noruega, Dinamarca, Finlândia, Grã-Bretanha ou mesmo Grécia.

O país da O. C. D. E. que conheceu maior crescimento demográfico foi a Turquia com uma taxa de 2,55%.

A Turquia tem também a percentagem astronómica de 72% da sua população empregada na agricultura quase o dobro da percentagem do país que vem logo a seguir, Portugal (31,5%) e Espanha (30,7%). A percentagem mais baixa neste capítulo é assinalada no Reino Unido, que tem apenas 2,9% da sua população ocupada na agricultura e pesca.

DL MESA REDONDA
SUPLEMENTO DO «DIARIO DE LISBOA» — 26 DE MARÇO DE 1971 — N.º 87